

PRAGMÁTICA E INTERAÇÃO • V.5 N.9 (2008)



Pas Schaefer (Divulgação/Artlív) • almanaquedacultura.com.br

LETRA MAGNA


INSTITUTO
FEDERAL
São Paulo


Portal de Periódicos

Pragmática e Interação

v.5 n.9 (2008)

SUMÁRIO

O discurso da afetividade e a linguagem dos emoticons

Audrey Danielle Beserra de Brito

Absoluto e relativo: A filosofia existencial de Húmus

Luzia Aparecida Berloff Tofalini

Múltiplas leituras de *El Sur*, de Jorge Luis Borges

Diva Cleide Calles

Fotografia: Um olhar semiótico sobre uma linguagem não-verbal

Jane Cristina Baptista Silva • Rosália Maria Netto

Hipertextualidade em *As Margens da Alegria* e *Os Cismos*, de João Guimarães Rosa

Cássia Jacqueline Fernandes Oliveira

O imperativo singular em histórias em quadrinhos baianas

Jeferson da Silva Alves

Interação oral em aulas de leitura de língua inglesa

Daniela Gomes de Araújo Nóbrega

Modernismo em Mato Grosso, uma questão política

Franceli Aparecida da Silva Mello • Nilzanil Soares e Silva

As relações dialógicas no gênero notícia

Josa Coelho da Silva

Análise de folhetos distribuídos por vendedores de confeitos em semáforos de São Paulo

Dayane Celestino de Almeida • Clarissa Camilo Mariano • Edison Gomes Júnior

A literatura romanesca à luz da complexidade e da semiótica: Uma reflexão transdisciplinar

Jane Cristina Baptista da Silva • Rita de Cássia Ribeiro Voss

Gêneros do discurso: Experiências psicossociais tipificadas

Rodrigo Acosta Pereira

Entrevista com Jair Antônio de Oliveira

Artarxerxes Modesto

Entrevista com Paulo de Tarso Galembeck

Artarxerxes Modesto

Entrevista com Pedro de Moraes Garcez

Artarxerxes Modesto

O DISCURSO DA AFETIVIDADE E A LINGUAGEM DOS *EMOTICONS*

Audrey Danielle Beserra de Brito

RESUMO: Os *emoticons* são signos em circulação utilizados com frequência em Chats, principalmente pelos adolescentes, para expressar sentimentos e possuem características universais pertencentes à sociedade globalizada e tecnológica. É justamente sobre as características universais dos *emoticons* que se realizou o estudo. Procurou-se observar se os valores apreendidos nos *emoticons* remetem a uma axiologia com traços de sentidos específicos dos adolescentes brasileiros, ou se expressam elementos de uma afetividade universal. Analisou-se o sentido gerado pelos *emoticons* no processo discursivo da Internet e suas relações interdiscursivas com outros universos de discurso, no caso o discurso publicitário. O resultado esperado é identificar os valores e identidade expressa pelos *emoticons* no discurso eletrônico-digital ciberespacial e no discurso publicitário.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; *Emoticons*; Afetividade.

ABSTRACT: *Emoticons* is signs in circulation used with frequency in Chats, mainly for the adolescents, to express feelings and possess universal and pertaining characteristics to the globalizada and technological society. It is exactly on the universal characteristics of *emoticons* that the study was become fulfilled. It was looked to observe if the values apprehended in *emoticons* send to an axiology with traces of specific directions of the Brazilian adolescents, or if they express elements of a universal affectivity. The direction generated for *emoticons* in the discursive process of the Internet and its interdiscursive relations with other universes of speech, in the case was analyzed the speech advertising executive. The waited result is to identify to the values and express identity for *emoticons* in the ciberespacial electronic-digital speech and the speech advertising executive.

KEYWORDS: Semiotics; *Emoticons*; Affectivity.

Considerações iniciais

Desde os tempos em que a comunicação se estabelecia através dos gestos – sua forma mais primitiva – até a comunicação informatizada da contemporaneidade, o ser humano, ao dialogar, interage-se e se inter-relaciona com o outro.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, surgiram novas formas de comunicação e novos tipos de relacionamentos sociais. A comunicação passou a dissociar-se do ambiente físico, estendendo-se no espaço e proporcionando uma ação à distância.

Vale ressaltar que numa comunicação interpessoal real, são utilizados muitos recursos não-verbais que auxiliam a mensagem a ser decodificada, transmitindo as emoções dos falantes, sua afetividade. Os gestos, a entonação da voz, a forma de olhar, enfim, todo o corpo auxiliam na emoção e no sentido do texto a ser construído.

Todavia, numa comunicação à distância, os elementos não-verbais e as emoções não poderiam simplesmente ser ignorados. Assim, numa interação mediada por computador (IMC), uma gama variadíssima de emoções passou a ser transmitida por meio de ferramentas, ou seja, para “compensar” a linguagem não-verbal no ciberespaço, os internautas passaram a utilizar-se de *emoticons*.

Os *emoticons* são signos de imagem digital utilizados com frequência em Chats, principalmente pelos adolescentes, para expressar seus sentimentos. Além disso, são vistos pelos usuários da Internet como uma alternativa de interação comunicativa descomplicada, informal, lúdica; conseqüentemente, mais atrativa.

Além disso, os *emoticons* já são facilmente encontrados no mercado de consumo em vários produtos, de biscoitos a preservativos, por se tratar de um artifício para atingir o jovem consumidor, já que suas imagens associadas a produtos são relacionadas simbolicamente pelo consumidor à imagem da juventude e da afetividade.

Diante disto, esta pesquisa propôs-se a examinar as características universais dos *emoticons* observando se os valores apreendidos nesses ícones remetem a uma axiologia com traços de sentidos específicos dos adolescentes brasileiros, ou se expressam elementos de uma afetividade universal.

Analisou-se também o sentido gerado pelos *emoticons* no processo discursivo da Internet e suas relações interdiscursivas¹ com outros universos de discurso, no caso o discurso publicitário, buscando identificar os valores e identidade transmitidos pelos *emoticons*.

¹ Imbricação de discursos.

A análise fundamentou-se na teoria da linguagem, em que se concebe a língua como instituição social, aquela protagonizada por Algirdas Greimas, cujo objetivo é “explicar as estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual” (COQUET apud BERTRAND, 2003, p. 15), ou seja, aquela que trata da significação e dos sistemas de valores dos discursos em geral.

Quanto às técnicas de pesquisa empregadas, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a análise do *corpus*. O *corpus* desta pesquisa foi constituído de recortes de comunicação digital através de salas do Terra Chat e Dada Net e de uma seleção aleatória de produtos que utilizam a linguagem dos *emoticons* para se propagarem no mercado de consumo.

A análise realizada no *corpus* procurou descrever o percurso gerativo da enunciação em relação a mundialização simbólica e os valores nos *emoticons* enquanto discurso eletrônico-digital ciberespacial e enquanto discurso Publicitário.

Vale destacar que este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado da Universidade Braz Cubas (UBC – SP), orientada pela professora e doutora Eliana Meneses de Melo. A pesquisa em questão, intitulada Linguagens, Tecnologias e Discurso Publicitário: *Emoticons*, uma leitura semiótica, busca investigar semioticamente a influência da linguagem dos *emoticons* no discurso publicitário além de caracteriza-lo como a marca da contemporaneidade.

***Emoticons*: signo de imagem digital**

A imagem sempre foi importante para a comunicação humana. Ducrot e Todorov (1982, p. 237) afirmam que “em sentido lato, escrita é qualquer sistema semiótico visual e espacial; em sentido restrito, é um sistema gráfico de notação da linguagem”.

Em relação ao sentido lato, os autores ao explicar o significado de mitografia, destacam a importância da pictografia – desenhos figurativos – para a comunicação:

mitografia é um sistema em que anotação gráfica se refere à linguagem (verbal), mas forma uma relação simbólica independente [...] A parte mais importante da mitografia é formada pela pictografia: isto é, desenhos figurativos, utilizados com uma função de comunicação (DUCROT; TODOROV, 1982, p. 237-238).

A pictografia é, portanto, a forma de escrita pela qual as idéias são transmitidas através de desenhos, ou seja, de imagens. Os primeiros pictogramas foram gravados em tabuletas de argila, em seqüências verticais de escrita, e com um estilete feito de cana que gravava traços verticais, horizontais e oblíquos.

Diante destas afirmações, podemos caracterizar os *emoticons*, segundo Ducrot e Todorov, pelo sentido lato da escrita, pois se trata de uma ferramenta semiótica visual e espacial. Além disso, os *emoticons* também podem ser classificados como um pictograma, já que também são desenhos figurativos, utilizados na comunicação *on-line*.

Logo, os *emoticons* – alvo de nossa pesquisa – podem ser considerados como uma linguagem pictográfica utilizada em um meio digital para facilitar a comunicação contemporânea.

Santaella e Noth também comentam a importância da imagem para a comunicação a partir de Platão e Aristóteles:

Na filosofia das idéias de Platão, a esfera das idéias se constituem primeiramente de palavras (*logos*) e, somente em segunda linha, de imagens (*eikon*). Imagens não eram, para Platão, o resultado da percepção (*aisthesis*), mas tinham sua origem na própria alma. Aristóteles, por outro lado, dava às imagens um significado maior no processo do pensamento e defendia a tese de que “o pensamento é impossível sem imagens” (SANTAELLA; NOTH, 2005, p. 28).

E ainda completam:

Para os gregos, *eikon* significava todo tipo de imagem, desde pinturas até estampas de um selo, assim como imagens sombreadas e espelhadas. Estas eram tidas como naturais, aquelas como imagens artificiais. Além desses fenômenos usuais, o conceito de imagem compreende também a imagem verbal e a imagem mental” (SANTAELLA; NOTH, 2005, p. 36).

Já na contemporaneidade, Lévy (1998, p.15) afirma que “vivemos em uma civilização da imagem” e, como o computador é um meio visual, os *emoticons* – por simular na imagem a expressão humana – são considerados signos de imagem digital.

Em seu estudo sobre as interfaces, Johnson (2001, p.110) afirma que, “num mundo dominado por ícones e metáforas visuais, o papel do texto – letras e palavras, em vez de imagens e animações – ficou parecido com o de um acessório”.

A imagem é universal, logo sua utilização na rede mundial de computadores tem um papel importante, pois a Internet é acessada diariamente por usuários que dominam os mais variados idiomas e com a utilização de ícones e imagens associados aos textos, tem-se a possibilidade de atingir um número muito maior de leitores.

Seguindo este pensamento, podemos dizer que os *emoticons*, enquanto imagens tornam o texto digital mais atrativo e menos cansativo. Eles são importantes não somente como facilitadores da navegação, mas, sobretudo como os símbolos universalizados, já que propiciam o acesso e a compreensão de muitos usuários. Portanto, eles se tornam um instrumento eficaz para seduzir e manter o outro na conversa, já que a apreensão e a construção do significado são simultâneas.

Estes signos de imagem auxiliam na comunicação digital expressando também a afetividade dos interlocutores, já que sem afetividade, a comunicação seria apenas mecânica. Logo, os *emoticons* além de serem instrumentos que facilitam a comunicação, são também signos representativos de sentimento, de afetividade.

Eles conseguem expressar os sentimentos de interlocutores que estão distantes fisicamente um do outro. Sendo assim, as emoções experimentadas por usuários de computador não deixam de existir simplesmente porque estão sendo mediadas por máquinas, apenas assumem outro formato e circulam de outra forma, pois com a virtualização, houve a necessidade de se criar novas maneiras de expressar o afeto e a linguagem.

Linguagem, cultura e comunicação

Não existe nenhuma atividade humana que não utilize a linguagem. A linguagem é flexível já que é gerada pela criatividade do ser humano. Ela se adapta às mudanças comportamentais, sociais, políticas e culturais de qualquer povo.

Pais observa que a linguagem é um sistema simbólico que se entrelaça a cultura:

O ser humano é um animal cultural, social e histórico. Dotado de inteligência e sensibilidade. É, a um tempo, racional e afetivo. Exerce, permanentemente, uma afetividade cognitiva. Para a compreensão das coisas que o cercam e para a sua atividade, utiliza como instrumentos de intermediação entre ele mesmo e os outros, entre ele mesmo, os outros e o mundo envolvente, sistemas simbólicos, ou seja, processos semióticos verbais – as línguas naturais, não-verbais – pintura, escultura, arquitetura, música, dança, fotografia, etc. e sincréticos – teatro, cinema, televisão etc. Através desses processos semióticos, o ser humano constrói, conhece e interpreta. As coisas do mundo são transformadas em recortes culturais (PAIS, 2004. p.01)

Seja a linguagem verbal, não verbal ou sincrética, o que importa é que ela sempre representará a cultura da sociedade. Para Hjelmslev (2006) a linguagem também é muito mais que um sistema de signos que serve de meio para a comunicação:

[...] é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana (HJELMSLEV, 2006, p. 01)

E, por ser “a base única e mais profunda da sociedade humana”, o homem sempre mergulhou no mundo da linguagem, pois cria meios para suprir suas necessidades de se comunicar, interagir com o mundo que o cerca e ampliar seus conhecimentos.

A linguagem tem evoluído a cada ano. Vivemos hoje a época da comunicação planetária fortemente marcada pela interação mediada por computador (IMC), cujo ápice é a Internet que, segundo Costa (2005, p. 22) “é um hipertexto produzido coletivamente num contexto ciberespacial, tecnicamente interligado por uma imensidade de computadores plugados em rede universal”.

Com o advento da Internet, uma nova linguagem surgiu: a linguagem digital. Este novo processo de construção discursiva da linguagem criou novos códigos e um novo vocabulário. A linguagem digital caracteriza-se pela brevidade e concisão, expressos através de uma escrita abreviada.

Vale ressaltar que, assim como a linguagem verbal, a linguagem digital também acompanha, durante a comunicação, elementos não-verbais e estes elementos são os *emoticons* que é a linguagem não-verbal do discurso eletrônico-digital ciberespacial.

O discurso eletrônico-digital ciberespacial, o discurso publicitário e os *emoticons*

Discurso é a maneira como a linguagem verbal, não-verbal ou sincrética é utilizada numa comunicação para alcançar os objetivos dos interlocutores. Na contemporaneidade, surge além de uma nova linguagem como já foi relatado, um novo discurso, o discurso eletrônico-digital ciberespacial.

De acordo com Pereira (2005, p. 70), “os processos discursivos que ocorrem na Internet, especialmente nas salas de bate-papo, revelam uma comunicação viva, própria da oralidade, elaborada de forma complexa em que leitura e escrita assumem características específicas”.

Os *emoticons* fazem parte destas características específicas citadas por Pereira, pois são eles que vão caracterizar a linguagem não-verbal no ciberespaço. Contudo, muito além de uma simples linguagem não-verbal, os *emoticons* são exemplos de uma ludicidade digital.

O discurso eletrônico-digital ciberespacial através dos *emoticons* promove um envolvimento afetivo entre os interlocutores, pois a afetividade, o lúdico e a imagem estimulam e enriquecem qualquer manifestação discursiva.

Já, o discurso publicitário, segundo Pais (1995), define-se por um poder-fazer-querer, ou seja, seu objetivo é a persuasão. Ele objetiva despertar os desejos dos sujeitos a fim de poder vender um determinado produto, ou seja, os desejos só serão saciados mediante o consumo de bens simbólicos.

Sabemos que o convencimento é o objetivo principal do discurso publicitário, todavia, ele visa também, assim como o discurso eletrônico-digital ciberespacial, uma argumentação afetiva e lúdica. O discurso publicitário associa ao produto um determinado valor afetivo/lúdico a fim de transforma-lo num objeto-valor e seduzir pessoas.

Assim, tanto o discurso eletrônico-digital ciberespacial quanto o discurso publicitário utilizam-se da ludicidade e da afetividade para seduzir. Diante disso, não é difícil perceber a

presença dos *emoticons* – linguagem não-verbal do discurso eletrônico-digital ciberespacial – no discurso publicitário.

Para Pais (1995) “[...] os discursos só significam na interdiscursividade, os textos só significam na *intertextualidade*. Distinguem-se esses dois tipos de relações, a primeira concernente à enunciação, ao processo de produção discursiva, a segunda, relativa aos enunciados-textos resultantes”.

Diante disso, podemos dizer que ocorre uma interdiscursividade nos *emoticons*, pois quando se percebe num discurso a presença de linguagens verbais ou não-verbais como pertencendo a outro discurso, temos a interdiscursividade.

Esta interdiscursividade faz com que o discurso publicitário torne-se mais convincente, pois ao se referir ao discurso eletrônico-digital ciberespacial através dos *emoticons*, o enunciador recorre a outros saberes, o que lhe dá argumentos para persuadir seu enunciatário e provocar uma adesão efetiva.

Portanto, o discurso publicitário passa a adaptar seu enunciado a um contexto que tem por finalidade discursiva mostrar que os produtos com a linguagem visual e lúdica dos *emoticons* transmitem emoção, ludicidade e afetividade.

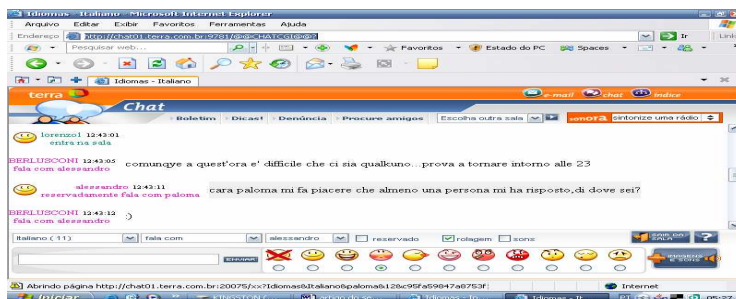
A afetividade nos *emoticons*

A globalização atravessou a sociedade contemporânea, rompeu fronteiras nacionais, integrou e conectou comunidades, transformando o mundo numa verdadeira aldeia global, num mundo de iguais.

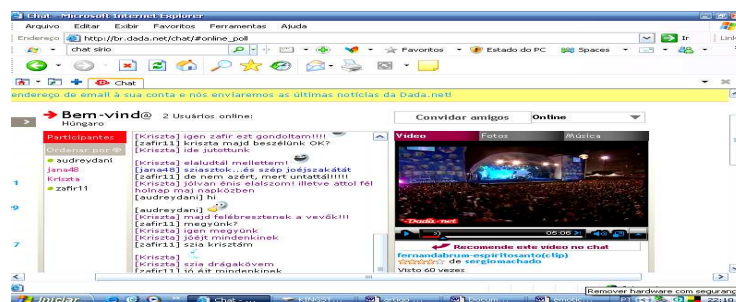
Se fazemos parte de uma aldeia global, somos da mesma tribo, uma tribo global que significa um estado de espírito de integração. E, como vamos integrar os povos se não pela linguagem? Diante disso, podemos dizer que os *emoticons* é uma linguagem universal via computador já que é globalizado pela Internet e entendido/compreendido por qualquer povo ou cultura.

É uma linguagem que utiliza imagens para demonstrar emoções e afetividade, sentimentos indispensáveis em qualquer comunicação. Para Martins (2007, p. 92) “Sempre existirá a necessidade de símbolos de integração mundial”, logo, os *emoticons* são estes símbolos.

Observe os quadros abaixo:



Quadro 1: Interação em italiano, colhida no site Terra².



Quadro 2: Interação húngara, colhida do site DadaNet³

Percebemos nestas figuras que muitas as pessoas que interagem na Internet, mesmo utilizando línguas diferentes, fazem uso de *emoticons* para representarem sua expressão facial e sua emoção durante o processo de interação.

Desse modo, os *emoticons* utilizados no discurso eletrônico-digital ciberespacial, independentemente do formato, movimento ou cor transmitem a emoção, o estado de espírito, à afetividade e até mesmo a identidade de quem interage na IMC.

O sujeito da linguagem dos *emoticons* e sua identidade (cyber) cultural

² TERRA CHAT. Idiomas – Italiano. Disponível em: <http://chat01.terra.com.br:9781/@@CHATCGI@@?> Acesso em: 05 jan. 2008.

³ DADA NET. Húngaro. Disponível em http://br.dada.net/chat/#online_poll. Acesso em 05 fev. 2008.

Segundo Ribeiro (2005, p.85) “Pode-se perceber, na atualidade, uma dependência total do homem em relação à máquina e à tecnologia para sobreviver”. Realmente, o homem contemporâneo está tão fortemente ligado a IMC que desenvolve frequentemente uma identidade (cyber) cultural ao interagir na Internet.

No momento em que começa a interação, ele se torna fragmentado e descentrado, pois sua real identidade perde-se no meio da fantasia e dos seus desejos mais íntimos. Quem é ele na IMC? A realidade virtual concebe uma identidade também virtual, logo, o homem contemporâneo passa a ser apenas um personagem sem medos ou preconceitos e que quer apenas relacionar-se com o outro, também virtual.

Castells acredita que o homem desenvolve múltiplas identidades e que cada uma delas se influenciada por elementos culturais:

[...] entendo por identidade o processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (is) prevalece(m) sobre outras formas de significado. Para um dado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social (CASTELLS, 2003, p. 03).

Compreendemos que o sujeito contemporâneo não tem uma identidade fixa por estar sujeito a transformações contínuas causadas pelos processos de socialização e de globalização dos meios de comunicação e informação. Assim, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e, uma delas é a identidade (cyber) cultural.

Assim, a identidade (cyber) cultural do homem contemporâneo pode ser definida como a identidade imaginária que o sujeito assume a partir do momento em que interage em ambientes eletrônico-digitais ciberespaciais.

Esta identidade é fluída, múltipla e complexa, pois dá liberdade ao sujeito para criar personagens que lhe possibilita a realização de fantasias que, de certa forma, concretizam-se apenas num mundo virtual, entendido por ele como suspensão da realidade.

Para Mestrinelli (2005, p. 71) “O internauta é um sujeito em construção e em constante adequação, pois estará interagindo com outros internautas, redirecionando posicionamentos e

argumentações, na medida em que tais interlocuções são feitas [...] Esse sujeito lingüístico se constitui como sujeito na interação”

Podemos dizer que a Internet ou o mundo virtual possibilita um desdobramento de personalidade, pois os sujeitos são mais seletivos sobre como se apresentarem. Desta maneira, as características físicas, psicológicas, religiosas ou sociais que poderiam inibir a formação de relacionamentos ficam ocultas.

Como afirma Souza (2006, p. 117), “[...] a presença de cada participante é para o outro apenas virtual, e onde sua única evidência material é o fluxo de texto produzido” Assim, quando o sujeito transforma-se mentalmente numa nova pessoa *on-line*, o desenvolvimento da identidade (cyber) cultural passa a existir. Esta identidade liberta o sujeito de qualquer medo ou preconceito, já que naquele momento ele é uma pessoa virtual e passa a ser um personagem que ele próprio cria.

Observe o quadro 3:



Quadro 3: Interação entre adolescentes brasileiros, colhida no site Terra⁴

Percebemos nesta IMC que todas as pessoas que interagem, utilizam-se de *emoticons* para representarem sua expressão facial, sua emoção e a sua identidade durante o processo de interação.

Note que a identidade (cyber) cultural da adolescente *~PaaH** é representada sempre pelo *emoticon* 🍷 que sugere uma demonstração de carinho, por se tratar de um beijo. Diante disso, entendemos *~PaaH** é uma garota meiga e carinhosa. Ademais, a cor amarela utilizada por ela

⁴ TERRA CHAT. Idade3 SP: 15 a 20 anos. Disponível em: <<http://chat01.terra.com.br:9781/@@CHATCGI@@?>>. Acesso em: 19 out. 2007.

associa-se, segundo Farina (2003:114), ao gozo, orgulho, alerta, adolescência e expectativa. Assim, concluímos que o *emoticon* utilizado pelo adolescente ~*PaaH**, indica a expectativa, pois ela demonstra carinho e espera ser retribuída.

Portanto, os *emoticons* podem ser considerados elementos da construção da identidade (cyber) cultural, pois na IMC, alguns internautas desenvolvem um estilo único de interagir, utilizando sempre os mesmos *emoticons*, que funcionam como uma forma de identificação.

Mundialização simbólica nos *emoticons* enquanto discurso

A sociedade contemporânea é altamente consumista e valoriza muito a juventude. Por conta disso, já há vários produtos no mercado de consumo que possibilitam ao consumidor identificar-se com a “imagem jovem”.

Acreditamos que a imagem de juventude é representativa e padronizada através da mídia com o objetivo de fazer com que o sujeito consuma cada vez mais. Logo, os *emoticons*, por ser uma linguagem do jovem que utiliza a Internet – meio de comunicação digital – passa a representar esta “imagem jovem” e a ser comercializado na sociedade de consumo, através do discurso publicitário.

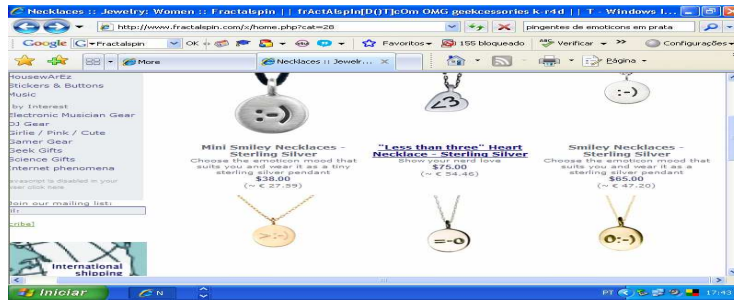
Segundo Mascarenhas (2007, p. 08):

O mercado jovem representa um segmento de mercado com grande potencial de consumo, cujas características comportamentais estão em constante evolução. A população jovem brasileira é grande, representando um mercado atrativo para as empresas. Ao entender as características dos consumidores jovens é possível traçar estratégias de comunicação para capturar as oportunidades desse mercado.

Além disso, o autor (2007, p. 11) em questão ainda destaca que “o jovem quer adquirir alta tecnologia nos produtos. As empresas devem investir em novas funcionalidades e automatização, e tirar proveito da facilidade inata do jovem em aprender novas tecnologias”.

Assim, ao observar os quadros abaixo, percebemos que a utilização dos *emoticons* pelo discurso publicitário acontece porque estes signos de imagem passaram a simbolizar a juventude

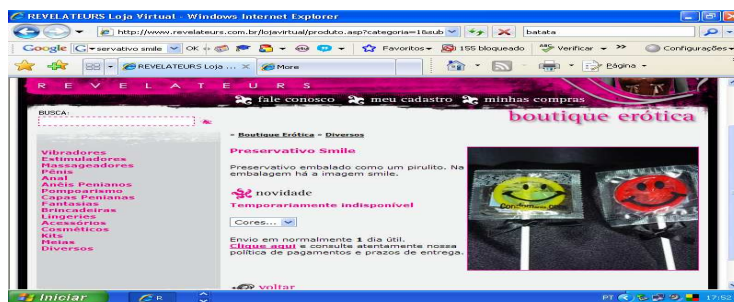
contemporânea e a representarem qualquer produto que queira simbolizar o jovem da nova era, da era digital:



Quadro 4: Jóias em forma de *emoticons*⁵



Quadro 5: Batatas em forma de *emoticons*



Quadro 6: Preservativos em forma de *emoticons*⁶

⁵FRACTALSPIN (Estados Unidos). **Necklaces**. Disponível em: <<http://www.fractalspin.com/x/home.php?cat=28>>. Acesso em: 17 dez. 2007

⁶ REVELATEURS LOJA VIRTUAL. **Preservativo smile**. Disponível em: <<http://www.revelateurs.com.br/lojavirtual/produto.asp?categoria=1&subcategoria=6&produto=3169&page=14>> Acesso em: 17 dez. 2007.

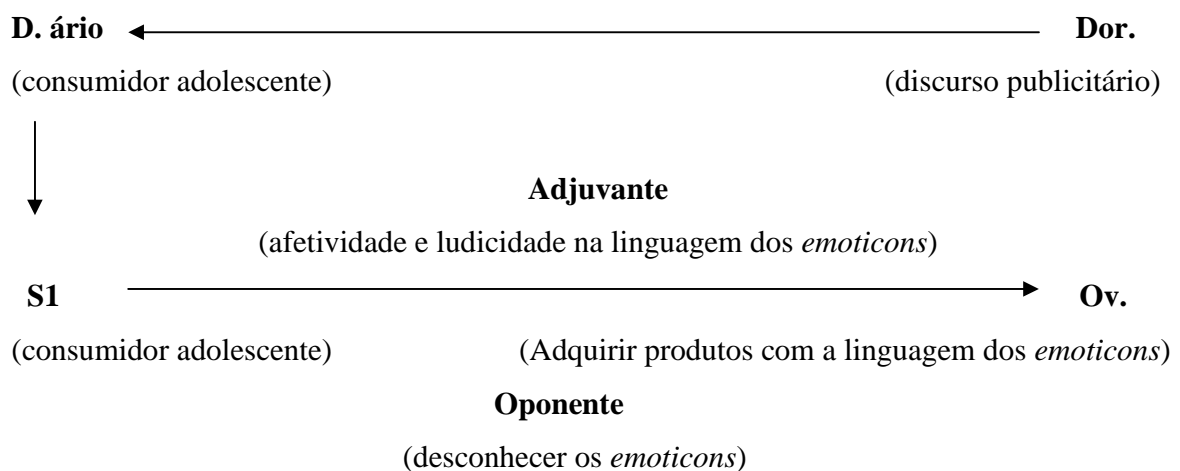
Coutinho (2007, p 04) também destaca:

O jovem consumidor está crescendo em um ambiente midiático. A mudança é radical e terá um impacto profundo sobre a produção de conteúdo, o marketing e a comunicação publicitária, na medida em que estes formatos de produção e distribuição atingirem a maioria da população brasileira que vive acima da linha de subsistência.

Portanto, podemos dizer que os *emoticons* são símbolos mundializados, pois é divulgado em escala mundial, seja através do discurso da Internet, ou através do discurso publicitário. Eles rompem barreiras de origem nacionais, geográficas, tecnológicas, lingüísticas, etc e são colocado à disposição das pessoas de todas as origens, culturas e países.

Actorialização, programa narrativo e estrutura profunda da utilização da linguagem dos *emoticons* no discurso publicitário.

O ator, segundo Bertrand (2003, p. 416) “é um actante dotado de programas narrativos [...] possui um papel temático, em geral humano e socializado, e manifesta-se sob uma forma figurativa”. Neste sentido, os atores e seus respectivos papéis actancias no discurso publicitário que utiliza a linguagem dos *emoticons* são:



O actante Sujeito (S1) é coletivo (consumidor adolescente que utiliza uma linguagem digital que representa a juventude contemporânea, ou seja, o jovem da era digital) e o actante Objeto de Valor (adquirir produtos no mercado de consumo coma linguagem dos *emoticons*).

O S1 cumpre os seguintes papéis actanciais: sujeito *do querer*: Se adquirir o produto estará na moda digital. O discurso publicitário é *destinador do saber*, ao levar ao conhecimento o produto. Além disso, o discurso publicitário atesta o poder ao produto, através da imagem dos *emoticons*. Desta forma, sugere o ato de compra.

Já, o programa narrativo, segundo Bertrand (2003, p. 428-429) significa:

Operação sintáctica elementar da narratividade, que opera a transformação de um enunciado de estado (de disjunção, por exemplo) em outro enunciado de estado (de conjunção) pela mediação de um enunciado de fazer. A estrutura de um texto narrativo apresenta uma arquitetura complexa de programas, que podem ser repetidos (de fracasso em fracasso até conduzir ao êxito) [...] Enfim, o crivo cultural de leitura das narrativas contextualiza os programas em um esquema canônico de alcance geral que ordena seu percurso e orienta suas finalidade: o esquema narrativo.

No programa narrativo abaixo, notamos que o sujeito enunciador (discurso publicitário) possui como objeto de valor o sucesso de vendas. Para atingir este objeto de valor, necessita conquistar o sujeito enunciatário que se trata do adolescente.

Para que a conquista se efetive, o sujeito destinador utiliza-se da linguagem eletrônico-digital ciberespacial representada pelos *emoticons* nos produto para seduzir o sujeito enunciatário.

Os *emoticons* são utilizados porque, além de remeter o adolescente ao universo cyber, transmitem afetividade, emoção e ludicidade. Os verbos **compreender** e **utilizar** dizem respeito à linguagem utilizada no ciberespaço pelos adolescentes (*emoticons*) e os verbos **seduzir** e **vender** dizem respeito ao objeto de valor, ou seja, para obter o sucesso de vendas (Ov4), o destinador deverá conquistar os adolescentes.

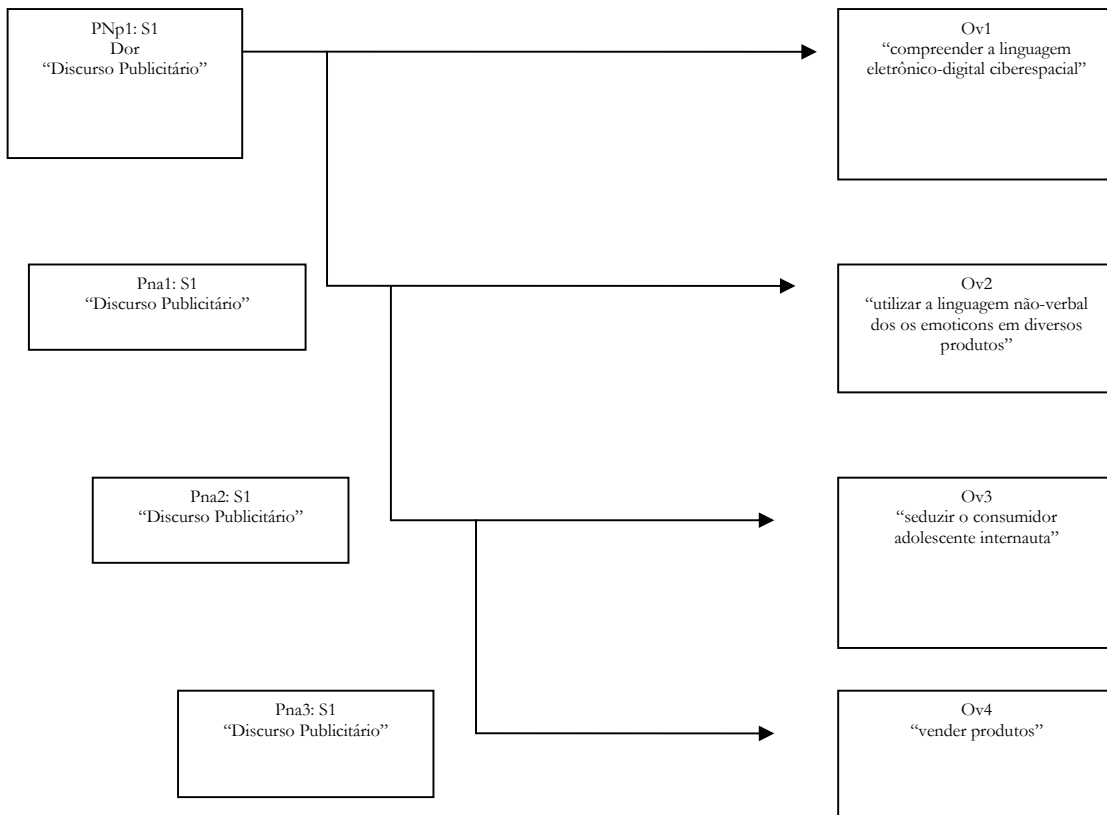


Figura 1: Programa Narrativo do Discurso Publicitário

Já, neste outro programa narrativo, o sujeito enunciador (consumidor adolescente) possui como objeto de valor a moda. Para conquistar este objeto de valor, o sujeito destinador adquire produtos que utilizam a linguagem eletrônico-digital ciberespacial representada pelos *emoticons*.

Além de representarem o universo cyber, os *emoticons* sugere afetividade, emoção e ludicidade ao adolescente que se identifica com estas características. Os verbos **compreender** e **utilizar** dizem respeito à linguagem utilizada no ciberespaço pelos adolescentes (*emoticons*) e os verbos **adquirir** e **estar** dizem respeito ao objeto de valor.

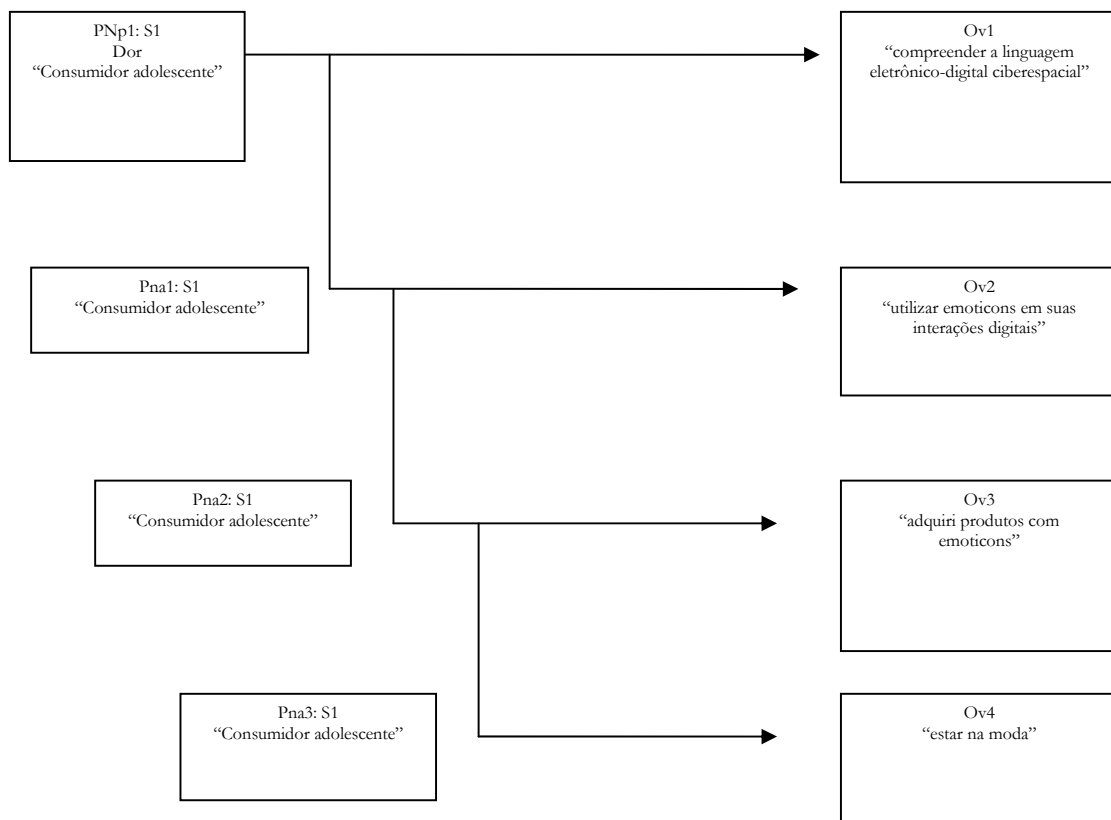


Figura 2: Programa Narrativo do sujeito- adolescente – consumidor

A estrutura profunda aparece na forma do octógono:

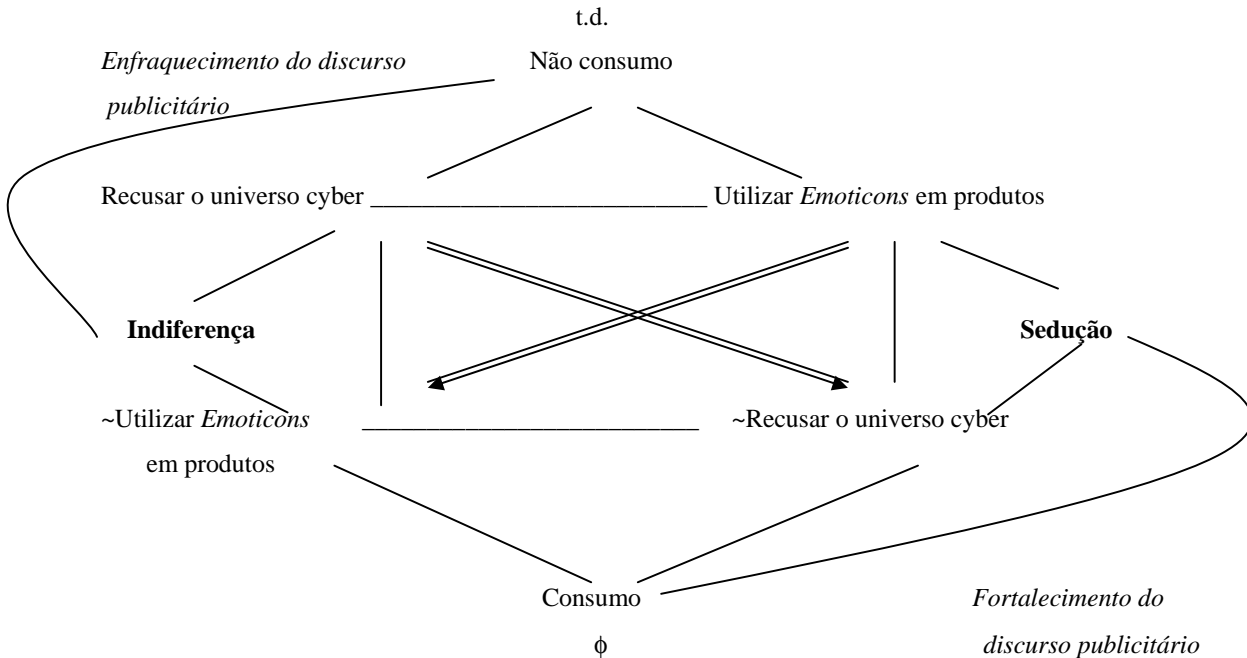


Figura 3: Octógono – Indiferença X Sedução

O octógono, segundo o modelo de Pais e Barbosa (2003), apresentado na figura 3 expõe a tensão dialética entre a indiferença e a sedução do consumidor em relação aos produtos que possuem a linguagem dos *emoticons*. Nele percebemos que a sedução ocorre se o sujeito consumidor adquirir tais produtos, ou seja, se ele consumir. E, para que este público consuma, faz-se necessário à utilização do universo cyber e da linguagem dos *emoticons* nos produtos. Se o público consumir os produtos com a linguagem dos *emoticons*, o discurso publicitário fortalece-se.

Por outro lado, a não utilização do universo cyber e da linguagem dos *emoticons* gerará a indiferença em relação aos produtos e, por sua vez, o não consumo. Assim, o discurso publicitário enfraquecerá.

Considerações finais

A análise da interdiscursividade presente nos *emoticons*, tornou possível um estudo mais rigoroso dos discursos eletrônico-digital ciberespacial e do discurso publicitário. Além disso, possibilitou também a descrição de conflitos e tensões entre ambos no que diz respeito ao signo de imagem digital: os *emoticons*.

A análise e descrição das relações actanciais, bem como dos programas narrativos evidenciaram a estrutura de poder presente no discurso publicitário quando este se utiliza da linguagem presente em outro discurso: o eletrônico-digital ciberespacial.

Os discursos analisados demonstraram uma característica comum: a sedução. O discurso publicitário seduz o consumidor a adquirir produtos e o discurso eletrônico-digital ciberespacial seduz o interlocutor a interagir durante uma comunicação digital. Ambos utilizam os *emoticons* como ferramenta de sedução, pela afetividade, pela emoção e pela ludicidade que demonstram.

Ao analisarmos as relações interdiscursivas desses dois universos do discurso, identificamos que os *emoticons* transmitem identidade e valores (cyber) culturais, ou seja, práticas, atitudes, modos de pensamento relacionados ao novo estilo de vida, que se refere ao universo cyber.

Por outro lado, ao examinar as características universais dos *emoticons*, observamos que os valores apreendidos nesses ícones expressam elementos de uma afetividade universal e não somente dos adolescentes brasileiros.

Portanto, os *emoticons* são símbolos mundializados, já que é divulgado em escala mundial tanto através do discurso publicitário quanto através do discurso eletrônico-digital ciberespacial. Eles são signos de imagem digital e a imagem é universal. Seguindo este pensamento, podemos dizer que os *emoticons*, enquanto imagens, tornam esses discursos mais atrativos por se tratar de uma linguagem lúdica e afetiva.

Referências

ADRIA ALIMENTOS DO BRASIL LTDA. Biscoitos Plug@dos. Disponível em: <<http://www.adria.com.br/adria/produtos/biscoitos/plugados.html>>. Acesso em: 29 out. 2007.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem* : problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo : Hucitec, 2006.

BELMIRO, A. Fala, escritura e navegação: caminhos da cognição. In: _____ COSCARELLI, C. V. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3ª ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2006, p. 13-22..

COSTA, R. C. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na Internet. In: _____ FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs). *Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola*. Belo Horizonte : Autêntica, 2005, p. 19-27.

COSTA, S. R. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: _____ COSTA, S. R. (Orgs). *Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola*. Belo Horizonte : Autêntica, 2005, p. 29-36.

COUTINHO, C.. O público convergente : o uso da Internet entre os jovens brasileiros. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=IBOPE+Inteligência&docid=C71CF8CE73F1D284832572ED00730875>. Acesso em: 17 Set 2007.

FREITAS, M. T. A. A escrita na Internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo? In: _____ FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs). *Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola*. Belo Horizonte : Autêntica, 2005, p. 29-36.

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet : um meio de comunicação global. IN: _____ MARCUSCHI, L. A ; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertextos e Gêneros Digitais* : novas formas de construção do sentido. 2ª ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005, p. 120-141.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Ri de Janeiro: DP&A, 2005.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo : Perspectiva, 2006.

IBOPE. Perfil do Internauta Brasileiro. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=1946DA4ACE3A77B832572AB007278D0>. Acesso em: 29 out. 2007.

- JOHNSON, S. *Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre : Sulina, 2ª ed., 2004.
- LÉVY, P. *A ideografia dinâmica : rumo a uma imaginação artificial?* Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo : Loyola, 1998.
- _____. *As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na Era da Informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 14ª ed. São Paulo : Ed. 34, 2006.
- MASCARENHAS, M. B. ; REIS, N. G. Consumo Consciente : comunicação e educação formulando conceitos e reformulando atitudes. Disponível em: <http://www.metrocamp.edu.br/secao.php?codigo=717>. Acesso em 01 Mai 2007.
- MESTRINELLI, T. Espaços Mentais e Hipertexto : Considerações sobre os Chats do IRC. In: _____ ARAUJO, J. C. ; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.) *Interação na Internet : Novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005, p. 63-84.
- PAIS, C. T. Texto, discurso e universo de discurso. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo : Plêiade, v. 8, p. 135-164, 1995.
- _____. Conceptualização, interdiscursividade, arquitrato, arquitrato. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CEFIL, ano 8, n.º 23, p. 101-111, 2002.
- PEREIRA, A. P. M. S. ; MOURA, M. Z. S. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais. In: _____ FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs.) *Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola*. Belo Horizonte : Autêntica, 2005, p.65-84.
- RIBEIRO, O. J. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: _____ COSCARELLI, C. V. ; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) *Letramento Digital : Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte : Ceale ; Autêntica, 2005, p. 85-97.
- SANTAELLA, L. ; NOTH, W. *Imagem : Cognição, semiótica, mídia*. 4ª ed. São Paulo : Iluminuras, 2005.
- TERRA CHAT. Idade3sp: 15 a 20 SP A. Disponível em: <http://chat01.terra.com.br:9781/@@CHATCGI@@?>. Acesso em: 19 out. 2007.

ABSOLUTO E RELATIVO: A FILOSOFIA EXISTENCIAL DE *HÚMUS*

Luzia Aparecida Berloff Tofalini (UEM)

RESUMO: O texto artístico-literário de *Húmus*, de Raul Germano Brandão, é tratado sob o ponto de vista filosófico, expondo a problemática existencial e o intertexto filosófico que permeiam o romance. Destacam-se as concepções que definem a condição humana representada na obra, assinalando-se a importância de um pensamento filosófico na afirmação de valores, através de um discurso conceitual que coloca em risco a arte de narrar, pelo menos no sentido tradicional. Vários autores da vertente existencialista são evocados para compreender uma tendência filosófica de grande impacto na *praxis* literária do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: romance; filosofia; existencialismo.

ABSTRACT: *The artistic-literary text of Húmus is treated by the philosophical point of view, showing the existential problematic and the philosophical inter-text that is present on the romance. It high-lights the conception that defines the human condition represented on the literary text, showing the importance of a philosophical thought on the values affirmation, through a conceptual discourse that puts in risk the art of narrate, at least on the traditional meaning. Several authors of the existentialist slope are evoked to understand one philosophical tendency of great impact on the literary praxis of the XX century.*

KEYWORDS: *romance; philosophy; existentialism.*

O Existencialismo, como concepção filosófica, orientou a produção literária de escritores de grande projeção no século XX, como é o caso, em Portugal, de Vergílio Ferreira. É na França, entretanto, que esta vertente literária teve especial importância através de escritores e filósofos de prestígio como Sartre, Merleau-Ponty, Camus e tantos outros. É importante destacar, neste momento, em que consiste a teoria, ou teorias, do existencialismo, para que se possa estabelecer uma relação destas com o texto literário representado por *Húmus*, romance do escritor português Raul Germano Brandão.

Inicialmente é preciso lembrar que o existencialismo centra toda a sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto. Trata-se, portanto, de uma ótica moderna e contemporânea, que não aceita a redução do homem ao mero plano conceitual. A Filosofia grega antiga limitava-se aos problemas da essência das coisas.

Tomando “por garantia a existência eterna e auto-suficiente do mundo só lhe indagava a essência” (ACKER 1981, p.126). Prescindindo da experiência individual, permanecia no campo dos conceitos.

A origem da filosofia existencial está no advento do cristianismo porque ele traz como premissa a idéia de um Deus pessoal, responsável pela existência das coisas, do homem e de todo o universo, o Absoluto¹. Entretanto, até Husserl, toda a reflexão da existência permanece no plano dos fenômenos, do puro conhecimento empírico. Para Husserl, a base do ser é o fenômeno, enquanto que no existencialismo a essência é abstraída da existência. A rigor, portanto, não se pode falar em Existencialismo do século XIX. O termo *Existencialismo* somente encontra toda a sua significação a partir do conjunto das filosofias da existência do século XX, entre as duas Grandes Guerras, que pressupõem a primazia da existência sobre a essência. O mau uso do termo *Existencialismo* estaria sujeito à repreensão sartriana: “... no fim das contas, a palavra tomou hoje uma tal amplitude e extensão que já não significa absolutamente nada” (SARTRE 1978, p. 212).

Para o Existencialismo, o privilégio do homem é o caráter consciente ou existencial. Régis Jolivet (1957, p.22) define o existencialismo como “o conjunto de doutrinas segundo as quais a filosofia tem como objetivo a análise e a descrição da existência concreta, considerada como acto de uma liberdade que se constitui afirmando-se e que tem unicamente como gênese ou fundamento esta afirmação em si”. Entre as filosofias existencialistas destacam-se as de Heidegger, Jaspers, Gabriel Marcel e Sartre. Heidegger é considerado o maior existencialista. Para ele, “a existência dá significado à essência” (PADOVANI, 1994, p.496), porque a “essência do homem é sua *existência*” (ACKER, 1981, p.132) e é no desespero que existe a vida autêntica. Sartre, porém, distancia-se de Heidegger, neste último ponto, na medida em que concebe a realização da vida autêntica *para além* do desespero (JOLIVET, 1957, p.85).

É, porém, inegável o fato de que Kierkegaard tenha lançado as bases do Existencialismo como tal, através da sua teoria sobre a angústia. Entretanto, ele próprio recusa-se o título de filósofo e, a bem da verdade, sua filosofia somente alcançou ressonância quando foi descoberta e interpretada pelos filósofos existencialistas contemporâneos. De qualquer modo, Kierkegaard é

¹ - Entende-se por *Absoluto* Aquele que não depende de nada para existir, o Ser Perfeito, Acabado e Completo, o Ente Eterno, o Ser Supremo, o Ser Transcendente, ou seja, a figura de Deus; por outro lado, o *absoluto* compreende a totalidade não-transcendente, aquilo que é em si e por si, independente de qualquer consideração. O *relativo*, por sua vez, consiste naquilo que não tem fundamento em si, que é condicionado, que não se sustenta sozinho e se subordina a um princípio absoluto.

considerado o fundador do Existencialismo. De fato, ele “concebe o homem como existência, como sujeito em-relação-a-Deus” (LUIJPEN, 1973, p.29) e pensa a existência e a vida como um problema imenso a ser resolvido.

Todas as filosofias da existência colocam-se na contra-mão da filosofia do idealismo objetivo de Hegel e da filosofia positivista de Comte. Configuram uma crítica às teorias racionalistas e ao imanentismo do idealismo absoluto. Reivindicam o direito, negado pelos materialistas, que o homem tem de transcender a coisificação de si mesmo enquanto ser, através da subjetividade, pela tomada de consciência de seu próprio “eu”.

Kierkegaard, na sua linguagem subjetiva, deixa implícita a idéia, mais tarde explicitada por Sartre, do primado da existência sobre a essência. Kierkegaard postula a primazia da subjetividade sobre a objetividade porque entende que o homem só pode chegar à verdade e à compreensão dela, através da subjetividade. O “aspecto ético, no seu mais amplo sentido, incluindo todas as preocupações que o ser possa vir a ter” (MARTINS, 1983, p.23) é, na visão kirkegaardiana, o conteúdo da subjetividade.

No momento em que Raul Brandão se ocupava com a escrita de *Húmus*, diversos fatores contribuía para compor um quadro histórico desolador. A desagregação em todos os segmentos afigurava-se espantosa e acelerava o regresso à subjetividade. Assistia-se ao estilhaçamento das formas de pensar. Presenciava-se a carnificina gerada pela Primeira Guerra mundial. Diluíam-se as esperanças e instalava-se a incerteza diante do futuro. As bases das crenças mais genuínas e singelas ruía, deixando desnudo o homem. Sentia-se o vazio de Deus. Muitos valores cristãos eram negados. O sentido da vida era arrebatado. Instalava-se o desespero. A tragicidade dos acontecimentos empurrava o ser para dentro de si próprio.

Consciente do profundo abalo das bases da vida humana e sem conseguir fora de si respostas para suas indagações, especialmente para as de ordem metafísica, o homem empreendia a viagem de retorno ao seu “eu”. Ia em busca do absoluto de seu ser para aí, sem perder a visão da totalidade externa, questionar a verdade do seu existir. A subjetividade “é uma característica do existencialismo”, justamente porque ela é o “caráter essencial da existência” (JOLIVET, 1957, p.13e25).

É reagindo contra a visão mecanicista do Universo e contra a frieza organicista do cientificismo que *Húmus* se impõe como obra de profundo valor existencial, instaurando uma grave reflexão acerca do ser, do mundo, do cosmos e de Deus. Para o homem de *Húmus*, “a teoria

mecânica do universo é absurda. Daqui a alguns anos todos os sistemas serão ridículos – até o sistema planetário” (BRANDÃO, s.d., p.173). O ser não aceita ser reduzido a mero objeto, não aceita ser coisificado e protesta que, diante da nova visão do universo, todos “se sentem grotescos e inúteis de corpo e alma, com lepras que nunca mais se limpam, com nódoas que nunca mais se lavam, com idéias e palavras entranhadas, com ímpetos de gozo e monstruosos apetites” (BRANDÃO, s.d., p.150). A obra representa, no dizer de Vergílio Ferreira (1976, p.195), a “condensação suprema da problemática existencial do autor”. Efetivamente, Raul Brandão recolhe fragmentos de todo o contexto de sua época e faz do narrador-personagem de *Húmus* vítima e porta-voz da fragmentação e do desmoronamento: “Enquanto era a razão que me guiava, andava às apalpadelas: agora é o inconsciente e cessaram todas as dúvidas” (BRANDÃO, s.d., p.137). Ele encara a existência como um analista que pensa em função da experiência concreta (Cf. RAMOS, 1967, p.872). Em *Húmus* prevalece o conflito subjetivo entre a verdade e a convenção, configuradas, respectivamente, em termos heideggerianos, na *existência autêntica* e na *existência inautêntica*. “É nesta hora tremenda em que dás de cara com a vida postiça, em que reconheces que toda a tua vida foi um simulacro...” (BRANDÃO, s.d., p.121), que o homem de *Húmus* questiona o sentido da vida e da morte.

Com efeito, em *O Existencialismo é um Humanismo* (1978, p.212-213), Sartre separa os existencialistas em duas espécies: os cristãos e os ateus. No primeiro grupo inclui Jaspers e Gabriel Marcel e, no segundo, Heidegger e ele próprio. A filosofia da existência de *Húmus* está exatamente no limite entre esses dois grupos. Entretanto, toda a reflexão existencial da obra constitui uma tentativa desesperada de busca de respaldos para a crença no Ser Absoluto, porque, para as personagens de *Húmus*, somente com a certeza da existência do Transcendente é possível conferir um sentido à própria vida.

O Existencialismo é definido por Jacques Maritain, segundo sua perspectiva cristã, como “a expressão do grito da subjetividade para o seu Deus” (Apud PADOVANI, 1994, p.485) e, neste ponto, está de acordo com Gabriel Marcel que, na existência, perfila um impulso do homem para o Absoluto. Eis aí uma das características incontestes de *Húmus*. Realmente, em cada página desse romance-ensaio filosófico levanta-se um brado que ecoa no universo em direção do Ser Infinito.

Na angústia dessa busca, o narrador-personagem trava um diálogo com o cosmos e se vê invadido pelo terror: “Sou nada diante do universo. Mas teimo, mas discuto comigo e contigo, ó

espanto, mas defronto-me com o enigma, encarniço-me e saio daqui esfarrapado, despedaçado” (BRANDÃO, s.d., p.101). O desespero instala-se diante do sentimento de solidão cósmica e a impressão que fica é a de um mundo habitado por espécies fantasmagóricas: “Decerto não passamos de ecos” (BRANDÃO, s.d., p.172).

Em meio ao espaço físico petrificado da “vila”, onde as pessoas se debruçam sobre seus hábitos convencionais e sobre as mesquinhas e futilidades do cotidiano, numa existência larvar, levanta-se a reflexão da personagem-narrador acerca do existir: “Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas medidas” (BRANDÃO, s.d., p.22). Intuindo a existência de uma outra vida, oculta, que se ergue e acompanha a vida inautêntica como uma sombra, ele se debate entre o mundo real e o mundo irreal, buscando a verdade do homem: “Aí está à nossa frente o mundo real, o mundo da verdade, o mundo sem subterfúgios” (BRANDÃO, s.d., p.53). Percebe, entretanto, a dificuldade de desvencilhar-se dos hábitos enraizados: “Por mais que queira, não posso desfazer-me de pequenas ações, de pequenos ridículos, não posso desfazer-me de imbecilidades” (BRANDÃO, s.d., p.25). O mistério é encarado na busca de uma resolução dos questionamentos existenciais, abordando a complexidade e a profundidade da problemática da existência. É que, de acordo com a concepção de Jaspers (HERSCH, 1982, p.87), “ninguém pode atuar a sua existência sem questionar até ao infinito, todo o conteúdo do seu pensamento e sem vê-lo na sua relatividade”.

Em *Húmus*, de um lado está a existência aparente, de outro a existência real. A convenção estruturada em regras comportamentais mascara a vida, o mundo e a realidade: “O nosso mundo não é real. (...) O único mundo real é o mundo irreal” (BRANDÃO, s.d., p.23e176). Mas o que é a realidade senão os modelos? Para Platão, a realidade são as idéias. No pensamento de Kierkegaard, é a consciência do ser enquanto ser. Na reflexão de Jaspers, é a *liberdade* vinculada à transcendência. Na filosofia de Heidegger, a realidade do ser depende da consciência do homem enquanto *dasein*². Para *Húmus*, a realidade é a vida sentida e pressentida, plena de significado, porque a vida vivida é apenas arremedo da vida autêntica.

Tem duas existências, uma vulgar, outra oculta. (...) Atrás deste assombro há outro assombro. (...) A vida é fictícia, as palavras perderam a realidade. E no entanto esta vida fictícia é a única que podemos suportar.

² - Vocábulo da língua alemã utilizado por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (1993). *Dasein* é traduzido como *ser-da-presença*.

Estamos aqui como peixes no aquário. E sentindo que há uma outra vida ao nosso lado, vamos até a cova sem dar por ela. E não só esta vida monstruosa e grotesca é a única que podemos viver, como é a única que defendemos com desespero” (BRANDÃO, s.d., p.23,96e100).

O mundo fragmentado, de acordo com o pensamento de Jaspers (HERSCH, 1982, p.19), “faz que o sujeito se vire para si, na qualidade de único concreto, para que *esclareça a própria existência*”. Há uma busca de segregação, na obra, na medida em que as personagens mergulham nas convenções diárias. Mas essa busca de fragmentação é justamente um esforço para relativizar o problema ético-religioso do “eu” total, porque o objetivo final é encontrar, nas partes, requisitos que embasem o comprometimento com o Absoluto.

A procura da verdade é uma obsessão presente em *Húmus*, assim como nas outras obras do autor. Mas só o que o ser encontra na *ninharia* do cotidiano são pseudo-verdades que não preenchem o lugar vago do Transcendente. É que a efemeridade dessas verdades, inerentes às regras da convencionalidade, não satisfaz a exigência do ser, cuja tendência para a verdade é absoluta. O homem de *Húmus* rejeita-as. Ele aspira à “plenitude subsistencial”. Da profundidade de sua subjetividade nasce um “impulso transcendente que busca a inserção” de seus “atos numa trama e num destino universais” (VALLE, 1975, p.163).

Para a personagem-narrador, viver a vida, tal qual ela é, deve ser o objetivo último dos seres humanos. A vida convencional da sociedade, repleta de banalidades, onde os homens mentem uns aos outros e lançam mão de todas as formas de fingimento e dissimulação, não é digna de ser vivida, sob pena de o homem perder-se na inautenticidade e não conseguir construir seu próprio existir. E o homem é aquilo que está sendo na existência, porque, segundo Heidegger, é a partir da inautenticidade que aflora a autenticidade. O *ser-da-presença*³, ao tomar consciência de que é mortal, revoluciona sua existência, em primeiro lugar, aceitando *ser-para-o-fim* e, em segundo, assumindo a autenticidade de seu existir (PEGORARO, 1979, p.34-35).

Pressentindo uma existência autêntica, a personagem-narrador de *Húmus* revolta-se contra a existência medíocre: “Construímos ao lado uma vida falsa, que acabou por nos dominar” (BRANDÃO, s.d., p.23). Nesse momento, percebe que na “aparência é a insignificância a lei da vida” (BRANDÃO, s.d., p.18). Os habitantes da “vila”, enclausurados num mundo de hábitos cristalizados em regras de comportamento, sentem uma liberdade e uma estabilidade relativas:

³ - Tradução da palavra *dasein* (do alemão), usada por Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (1993).

“Só a insignificância nos permite viver” (BRANDÃO, s.d., p.28). Todavia, “o absoluto da existência tende a forçar a finitude do real” (HERSCH, 1982, p.31).

No caso da obra em questão, o real não passa de um pseudo-real e o único meio possível de pôr um fim nessa existência inautêntica é lançar mão do sonho. Embora o sonho seja não-vida e caracterize a fuga da realidade, é a ele que o narrador-personagem se agarra quando toma consciência da existência autêntica. Ele projeta essa possibilidade para todos os habitantes da “vila”. As personagens entram em conflito. De um lado está o passado petrificado e o arremedo de existência, de outro a suspeita da plenitude da vida. O desespero impulsiona as personagens. Elas correm sem direção. É que a “existência autêntica desarranja tudo, o absoluto não conhece moderação” (HERSCH, 1982, p. 31). Entretanto, para as personagens, o único absoluto conhecido é a mesmice cotidiana (Eis aqui uma crítica à mediocridade que torna o homem incapaz de pensar a própria existência). Esse absoluto, porém, é relativizado e reduzido pela criticidade, através do sonho. Todos os habitantes contagiam-se. O próprio sonho, todavia, é um relativo porque a sua verdade jamais poderá ser real, histórica, existencial.

Mas a discussão de ordem existencial em *Húmus* aprofunda-se à medida que o narrador-personagem toma consciência de seu *ser-da-presença* e tem a impressão de estar jogado no mundo e sujeito à sua própria sorte. Toma, então, contato com o absoluto de seu ser. Um indescritível sentimento de abandono apodera-se dele. No momento em que entra na posse de si, constata e avalia a dimensão de sua constituição como ser. Pode, então, claramente medir a distância que o separa da morte. O *estar-no-mundo* afigura-se um absurdo. O peso da solidão comprime-o. O terror instala-se: “Tenho medo de mim, sinto-me isolado neste caos infinito” (BRANDÃO, s.d., p.113). Mas é justamente o espanto diante do mistério que o leva a se interrogar profundamente a respeito do seu *ser-da-presença*, do seu *ser-no-mundo* e do seu *ser-para-a-morte* (HEIDEGGER, 1993).

A relação entre a guerra e a dialética da vida e da morte em *Húmus* é evidente. Escrita em 1916 e publicada em 1917, a obra refrata toda a tensão da Guerra em andamento, embora Raul Brandão não tenha participado efetivamente dela. No número de vítimas do holocausto não se podem contar, de acordo com Walter Benjamim (s.d., p.70), somente os “filhos dos homens”, mas, especialmente, os “filhos das idéias”, porque tudo “o que foi pensado de puro, de sóbrio e de ingênuo sobre o melhoramento da vida humana foi devorado por aqueles ídolos canibais”.

No último capítulo de *Húmus*, “Vêm aí os Desgraçados”, Raul Brandão faz uma leitura da guerra, na qual não falta grande dose de ironia e uma crítica violenta: “Por toda a parte desesperos, lágrimas inúteis, urros de besta saciada, por toda a parte sangue, álcool, clarões e incêndio. O homem regressa à caverna e aniquila a inteligência, a dor e a dúvida...” (BRANDÃO, s.d., p.187). A guerra nulifica o ser enquanto pessoa, seja porque varre o homem do seu espaço e do seu tempo, seja porque o reduz à categoria de animal acuado. Ela destrói sonhos, esperanças e perspectivas de realizações. O seu maior poder destrutivo, porém, relaciona-se ao próprio conceito de morte. Quando se atea fogo em asilos, hospitais, quartéis, casas e palácios, provocando a morte de inocentes; quando se exterminam exércitos inteiros através de metralhadoras e se recolhem milhares de cadáveres, para jogá-los em valas a céu aberto, a morte se torna fato repugnante e odioso, mas ao mesmo tempo corriqueiro e banal, perdendo na consciência humana toda a grandeza do seu mistério. O conceito de morte torna-se amorfo e impessoal e “o mais grave na morte é que é única, definitiva” (VALLE, 1975, p.151). A personagem-narrador focalizou a problemática da inversão do conceito de morte e insistiu, em *Húmus*, que o “problema capital da vida é o problema da morte”, porque é ela que “regula a vida” (BRANDÃO, s.d., p.101). Neste ponto está de acordo com o existencialismo de Heidegger, cujo fundamento é a consciência antecipadora da morte e com o pensamento de Ortega y Gasset (*Apud* VALLE, 1975, p.253), para quem a morte “é o elemento que comprime e intensifica a vida, dá-lhe pressa e iminência além de que obriga a fazer o melhor em cada instante, porque esse instante é insubstituível e irrepetível”.

Em *Húmus*, a consciência da morte, aliada à indiferença de Deus, torna a vida absurda.

Na realidade morrer é absurdo. Nunca me capacitei a sério que tivesse que morrer. Morrer é estúpido. Não compreendo a morte, e, por mais que desvie o olhar, prendo-me sempre a essa hora extrema... (...) o fim lógico da vida é não morrer, é viver sempre. Até onde? Até Deus (BRANDÃO, s.d., p.37e41).

É que, conforme José Manuel de Vasconcelos (s.d., p.09), a arte é “uma ficção da vida nesse espaço intersticial da consciência que, apreendendo realisticamente o fato da morte, a sua inevitável opacidade, a sua *explosão* ontológica, nos afunda num traumatismo irremediável”. A morte traduz-se, na obra, como uma fatalidade do destino provocada pela irreversibilidade do

tempo. Na verdade, o que se busca é um sentido para a transitoriedade do existir, um sentido para a efemeridade da existência.

Na concepção de Heidegger, a morte é o aniquilamento do *Dasein* e “a angústia da morte é uma angústia *diante* do poder-ser absolutamente peculiar, incondicional, intransponível” (*Apud* VERGEZ, 1980, p.382). É essa angústia que confere uma orientação ética para a vida, porque a possibilidade de não-ser-mais é o único fundamento da existência. O homem, apesar de toda a sua fragilidade, é o balizador do seu próprio existir. *Húmus*, atravessando as barreiras do tempo físico, presentifica na consciência toda a angústia gerada pela impossibilidade de reação, diante da realidade da morte.

Para Heidegger, é na angústia que o homem atinge a plenitude de seu ser. Somente o homem se angustia porque somente ele sabe que vai morrer. Em outras palavras: “Só o homem morre, porque sabe que morre” (BRANDÃO, s.d., p.187). A angústia é um meio de desmontar a consciência inautêntica para construir a consciência autêntica. *Húmus* intenta, todavia, construir uma vida autêntica, não através da desmontagem da consciência inautêntica pela angústia, mas por meio do sonho. Assim, enquanto para Heidegger a carga positiva está dentro da própria angústia, para *Húmus* ela se cristaliza no sonho. Com efeito, as personagens de *Húmus*, em última instância, sonham suprimir a morte. Mas o sonho de um futuro sem morte nada mais é que a projeção de uma utopia.

A filosofia existencial de *Húmus*, embora estruturada na dúvida e na incerteza, exige a destruição de todas as filosofias positivistas que desconhecem as necessidades espirituais do ser humano. No seu lugar, exige uma filosofia existencial que confira pleno sentido à vida, ao estar-aqui, ao estar-no-mundo e ao *ser-para-a-morte*, porque o ser, na obra, é concebido exatamente como o Existencialismo o concebe: o homem não é apenas um animal, mas *existe*, e *existindo* pensa o mundo e o interpreta em toda a sua totalidade.

Na procura dessa filosofia, *Húmus* relativiza o absoluto petrificado da existência larvar e absolutiza o “eu”. O objetivo final é a negação do Absoluto. Entretanto, o relativo e o absoluto não podem ser dissociados. Um relativo só o é em vista de um absoluto e vice-versa. Assim, é preciso encontrar um outro absoluto. *Húmus* opta pelo sonho da supressão da morte e da idéia de Deus. Mas esse absoluto é utópico, no sentido negativo da palavra. O que, então, colocar no lugar vago? *Húmus* só consegue colocar a quimera. A tentativa de relativização do Absoluto pela negação frustra-se diante da impossibilidade de resolução de toda a problemática existencial.

Resta apenas a resignação que aparece na onomatopéia encontrada no final da obra: “Estamos aqui todos à espera da morte! Estamos aqui todos à espera da morte!” (BRANDÃO, s.d., p.195). Esta afirmação atesta a conscientização do homem de que é um *ser-para-a-morte*.

Em *Húmus*, a filosofia da existência coloca-se no inverso do *absurdo* de Kafka, de Camus e da *Náusea* e embora denuncie o absurdo da existência e antecipe o achado sartriano, pondo em lugar da náusea a *ninharia* e a *mixórdia* (ANDRADE, s.d., p.155), permanece a esperança de que, por fim, exista um Deus-Pessoa, Absoluto, que plenifique o “eu”, que confira sentido a toda gama de absolutos e relativos. Um Deus cuja grandeza esteja justamente no fato de não se deixar apanhar pelo pensamento, pela reflexão, pela razão e até mesmo pela fé. Em última análise, um Deus cuja grandeza esteja, exatamente, na sua aparente inexistência.

A filosofia existencial de *Húmus* assume lugar justamente no ponto de tensão entre o existencialismo ateu e o existencialismo cristão, ou seja, na dúvida da existência do Ente Supremo: “Nenhum de nós sabe o que existe e o que não existe” (BRANDÃO, s.d., p.24). A personagem-narrador, ao tomar consciência da possibilidade de cair no nada, luta para quebrar as correntes da vida inautêntica, mas, ao contrário do existencialismo ateu, sua angústia não possui nenhum vislumbre de positividade. Ela se configura antes numa imensa revolta. O ser lança-se no encaço do Absoluto, porque a vida e a morte só têm sentido se forem subsumidas por Ele, à semelhança do existencialismo cristão. O homem de *Húmus*, como no existencialismo ateu, não se mantém indiferente e se preocupa com os “entes intramundanos”. Mostra-se “*solícito* pelos outros, por si mesmo e pelo mundo” (PEGORARO, 1979, p.33). Sua solicitude em relação à presença do outro percorre toda a obra, mas patenteia-se no último capítulo, onde o homem, por causa da guerra, chega ao limite da degradação humana.

Segundo o existencialismo ateu, Deus não existe. Para os existencialistas cristãos, entretanto, Ele se configura numa certeza. Para estes, o mundo resulta de uma criação contingente e configura-se na expressão de um amor misterioso, porque o “ser do mundo não é a conclusão de um teorema, mas o efeito de uma graça” (VERGEZ, 1980, p.485). *Húmus*, pendendo para o existencialismo cristão, só concebe a ética vinculada ao problema religioso. Todavia, para o homem de *Húmus*, Deus é apenas uma incógnita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKER, Leonardo Van. **A Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Convívio, 1981.
- ANDRADE, João Pedro de. **Raul Brandão**. Lisboa: Arcádia, s.d.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- BRANDÃO, Raul Germano. **Húmus**. Lisboa: Vega, s.d.
- FERREIRA, Vergílio. **Espaço do Invisível**. V. 2, Lisboa: Arcádia, 1976.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. V. 2, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HERSCH, Jeanne. **Karl Jaspers**. Trad. Luís Guerreiro P. Cocais. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- JOLIVET, Régis. **As Doutrinas Existencialistas**. De Kierkegaard a Sartre. Porto: Tavares Martins, 1957.
- LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. Trad. Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU / EDUSP, 1973.
- MARTINS, Joel e BICUDO, Maria A. Viggiani. **Estudos Sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação**. São Paulo: Moraes, 1983.
- PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. 16ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- PEGORARO, Olinto Antônio. **Relatividade dos Modelos**. Ensaios Filosóficos. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RAMOS, Feliciano. **História da Literatura Portuguesa**. 9ª ed. Braga: Cruz, 1967.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. 4ª ed. Lisboa: Presença, 1978.
- VALLE, Agustín Basave F. del. **Filosofia do Homem**. Trad. Hugo di Primio Paz. São Paulo: Convívio, 1975.
- VASCONCELOS, José Manuel de. *Húmus de Raul Brandão: Uma Arquitetura da vida e da Morte*. In: BRANDÃO, Raul Germano. **Húmus**. Lisboa: Vega, s.d.
- VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. **História dos Filósofos Ilustrada pelos Textos**. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. 4ª ed. São Paulo: Freitas Bastos, 1990.

MÚTIPLAS LEITURAS DE *EL SUR*, DE JORGE LUIS BORGES

Diva Cleide Calles

RESUMO: Levando em conta que o nome do escritor argentino Jorge Luis Borges volta à cena por ocasião da edição de suas obras completas pela Companhia das Letras, parece-nos oportuno examinar sua obra. *El Sur*, considerado pelo próprio autor como seu melhor conto, reflete elementos recorrentes na obra do autor, como a multiplicidade espaço-temporal e o questionamento, a dúvida e a compreensão das realidades interior (psicológica) e exterior. O enredo e o tema se constroem sobre a coexistência espaço-temporal, o que confere à obra uma atmosfera vaga, misteriosa, quase onírica. Notações espaço-temporais pormenorizadas fundem-se inextricavelmente ao imaginário, ao abstrato, ou mesmo, ao alucinatório. Paulatinamente, a trama de aparência realista se impregna do fantástico e do ambíguo sem, contudo, perder os contornos de verossimilhança estética.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da literatura; procedimentos e técnicas de análise literária; foco narrativo; tempo cronológico e psíquico; multiplicidade espaço-temporal.

SUMMARY: *Taking on account that the Argentinean writer Jorge Luis Borges comes to scene again due to the publishing of his complete works by Companhia das Letras, it seems proper and well-timely to examine his work. El Sur, considered by the author himself as his best short-story, reflects recurrent elements in the writer's work: the multiple time and space, as well as the questioning and the apprehensiveness of both inner (psychological) and exterior realities. The plot and the theme are built upon the joining and coexistence of time and space, what conveys a vague atmosphere, almost dreamlike, unreal and fantastic. Detailed and specified time and space notes are inextricably melted to imaginary, unreal, abstract, or even, to hallucinatory aspects. Little by little, the apparent realistic intrigue is pervaded by fantastic and ambiguous elements, not losing, however, the outlines of aesthetic verisimilitude.*

KEY-WORDS: *literary theory; procedures and techniques in literary analysis; point of view; chronological and psychological time; multiple espace and time.*

1. Considerações preliminares

O nome do escritor Jorge Luis Borges volta à cena. Desta feita, aqui no Brasil, não como figura "pop" de seu país¹, em camisetas e pôsteres, que recordam sua obsessão pelo tempo, punhais e labirintos, ou até como personagem de *comic*², ou ainda - em alusão a outro mito argentino - como "o Maradona da literatura".

Na verdade, após quinze anos de entendimentos com a viúva María Kodama, malquista pela opinião pública e pela intelectualidade argentina - que a consideram pouco escrupulosa -, a Companhia das Letras, adquiriu os direitos antes em poder da Editora Globo. Com tratamento visual que reproduz, em formas geométricas, os labirintos de Borges e as novas traduções, chega ao cada vez mais competitivo mercado editorial brasileiro uma coleção do autor argentino, na qual, até 2010, serão incluídos 35 títulos agrupados em 23 volumes, de artigos, ensaios e conferências, não constantes das "Obras completas" da Globo.

Um dos tradutores e coordenadores editoriais do projeto, David Arrigucci Jr, escritor e professor aposentado do *Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, ressalta que: *A tradução é um mecanismo de renovação das tradições literárias, de multiplicação dos textos*. Para Arrigucci, o livro talvez mais trabalhoso foi *Outras Inquisições* (1952): *Nesses ensaios aparecem todas as suas*

¹ O escritor já foi alvo de filmes que tratam de sua vida e obra, de reedições constantes de títulos, ensaios de acadêmicos sobre seus livros, novas biografias; de homenagem pelo nome de uma rua (Calle Borges"). No último andar da centenária *Galerias Pacífico*, a mais antiga loja de departamentos da cidade, funciona o Centro Cultural Borges, em que um boneco em tamanho natural lembra a sua presença, sentado à mesa da sala de leitura do *Café Tortoni*, que freqüentou na juventude. A *Fundação Borges*, fundada por Maria Kodama, há 12 anos, praticamente não realiza a miríade de atividades prometidas quando foi inaugurada. Um grupo de políticos argentinos fez uma campanha para trazer à Argentina seus restos mortais - que repousam no cemitério de *Plain-Palais*, em Genebra. Iniciativa fracassada, dado o desinteresse do público argentino e das autoridades suíças, que não pretendem abrir mão de um dos mortos mais famosos (PALÁCIOS, 2006).

² Especialmente destinado ao público adolescente, Borges volta às mãos dos argentinos na forma de *comic*, mais especificamente, como o principal personagem de *Perramus*, história na qual ele vive um detetive que procura o sorriso de outro mito argentino, o cantor de tangos Carlos Gardel, que foi roubado dente por dente. *Na história, Borges assume-se de esquerda e ganha o Prêmio Nobel. A aventura em que o autor de O Aleph mergulha é financiada por outro Nobel, o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que os ajuda a recuperar o sorriso perdido de Gardel. Desta forma, a trupe de delirantes personagens percorre todo o mundo, inclusive Cuba, para onde o líder guerrilheiro Ernesto Che Guevara havia levado um dos dentes de Gardel como talismã* (PALÁCIOS, 2006).

inquietações e manias. Um tema recorrente é o infinito, tanto no espaço quanto no tempo, descreve. Acrescenta Arrigucci: Nesse livro está presente também a idéia de que Deus é um círculo, cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar nenhum (SOUZA, 2007).

Todo o estardalhaço envolvendo este lançamento - exposição de fotos, leituras e mostra de cinema -, sem dúvida, não se deve exclusivamente às novas concepções do mercado editorial: trata-se de um escritor de inegável importância não apenas pela fama e propagação exagerada de eventos a ele relacionados, mas pela indiscutível qualidade literária.

2. Borges e sua obra

Romancista, contista, ensaísta e poeta argentino mundialmente conhecido por seus contos, Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires, a 24 de agosto de 1899, cidade na qual estudou e viveu grande parte de sua vida. Morreu, em 14 de Junho de 1986, na cidade suíça de Genebra, onde está sepultado, por opção pessoal.

Em sua obra, em narrativas fantásticas em que figuram delírios, expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos, destacam-se temáticas como filosofia e seus desdobramentos, metafísica, mitologia e teologia. Ao mesmo tempo, como pano de fundo para criações fictícias, tal qual em *El Sur*, está presente a cultura dos Pampas argentinos, campanhas militares históricas, como a guerra argentina contra os índios. Além disso, Borges rende homenagem à literatura progressista de seu país em contos em que se apropria do mitológico Martín Fierro. Ávido leitor de enciclopédias, disponíveis desde sua infância em sua casa, o escritor reflete ainda influências de Dante Alighieri, Franz Kafka, H.G. Wells e C. S. Lewis.

Borges costumava provocar: *A memória é uma forma de esquecimento*. Ele afirmava que seu maior sonho era o de ser esquecido por seus leitores. O desejo de Borges não pôde ser cumprido pelos argentinos, que têm insistentemente recordado seu escritor, o qual, com seu estilo conciso e erudito, opiniões polêmicas e olhar irônico sobre a vida, marcou a literatura argentina e mundial do século 20.

3. O enredo de *El Sur*

Neste conto, o protagonista, secretário de uma biblioteca na Argentina, Juan Dahlmann, de sua descendência alemã, orgulha-se de sua ancestralidade argentina por parte de mãe. Destes antepassados, conserva uma velha espada, uma litografia e um rancho no sul da Argentina, que nunca encontrara tempo para visitar. Em fevereiro de 1939, Dahlmann obtém uma cópia de *Mil e uma noites*. Ansioso para examiná-lo, precipita-se pela escada e fere-se na fronte num feixe recentemente pintado. Esta ferida provoca febre muito alta. Passados alguns dias, os médicos o removem para um hospital, onde, a seu modo, Dahlmann sente-se feliz, pensando que aquela mudança lhe seria benéfica. No entanto, o tratamento lhe provoca imensa dor, como se estivesse num terrível inferno. Depois de quase ter morrido de septicemia, Dahlmann se recupera e realiza uma viagem ao rancho dos antepassados para convalescer. Numa estação ferroviária, à espera do trem, o protagonista decide procurar um local para comer algo. Neste lugar, Juan Dahlmann nota a presença de um gato, criatura mítica que, em muitas culturas, é associada à eternidade e aos deuses.

Deixando a cidade em direção ao campo, Dahlmann é notificado pelo condutor do trem que a viagem terminaria numa estação anterior à prevista. Descendo na estação deserta de uma pequena cidade do interior, Dahlmann caminha por ruas poeirentas, chegando ao único restaurante. Senta-se, faz seu pedido e começa a ler as *Mil e uma noites*.

Três arruaceiros sentados a uma mesa próxima atiram migalhas de pão em Dahlmann, que, a princípio, ele finge ignorar. Passado algum tempo, recomeçam as provocações. Desta vez, Dahlmann se levanta para sair do local. Chamando-o pelo nome, o vendedor ansiosamente pede a Dahlmann que não dê atenção àqueles bêbedos. Dahlmann faz o contrário e os enfrenta. Um dos homens empunha uma faca. Percebendo a situação fora de controle, o vendedor protesta que Dahlmann sequer tem uma arma. Neste exato momento, um velho, um gaúcho, arremessa uma faca aos pés de Dahlmann. Ao apanhar a arma, Dahlmann percebe que ela não terá utilidade para sua defesa, pois não sabia manejá-la, nunca havia usado uma faca em sua vida. Juan Dahlmann sabe que, mesmo que lutasse, morreria. No entanto, ele também se apercebe de que seria nobre morrer numa luta a faca. Compreende ainda que isto é o que ele mesmo teria decidido quando

estava doente no hospital. A história termina com Dahlmann e o agricultor saindo do local e andando pela rua, tendo o sol como pano de fundo.

Percebe-se que, paulatinamente, a trama de aparência realista se impregna do fantástico e do ambíguo sem, contudo, perder os contornos de verossimilhança estética. O enredo e o tema se constroem sobre a coexistência espaço-temporal, o que confere à obra uma atmosfera vaga, misteriosa, quase onírica. Notações espaço-temporais pormenorizadas fundem-se inextricavelmente ao imaginário, ao abstrato, ou mesmo, ao alucinatório, numa trama intrincada em que a multiplicidade espaço-temporal e o questionamento, a dúvida e a compreensão das realidades interior (psicológica) e exterior.

4. As várias leituras de *El Sur*

Borges afirmou: *the tale itself should be its own reality*, e *Es dudoso que el mundo tenga sentido*. Consideradas estas postulações, pode-se pensar numa leitura de *El Sur* não vasculhando significados ocultos. Por outro lado, ainda citando Borges, na Pós-data à obra, em 1956: (*El Sur*) *es acaso mi mejor cuento, básteme prevenir que es posible leerlo como directa narración de hechos novelescos y también de otro modo*, pode-se pensar em variadas possibilidades de interpretação deste conto.

A técnica narrativa de *El Sur*³ compõe uma trama ambígua envolvendo a tênue distinção entre o real e o imaginário, algo a ser corroborado posteriormente, em *Borges on Writing* (1971), de Norman Di Giovanni, em que Jorge Luiz Borges pondera que:

en efecto la historia de un espejismo. (...) Hay en realidad varios argumentos. En uno el hombre posiblemente murió en la mesa de operaciones y todo era un sueño suyo en el que se esforzaba por lograr la muerte que quería. Quiero decir, quería morir con una navaja en la mano en la pampa; quería morir peleando como sus antepasados habían peleado anteriormente.

³ Publicado em 1944 em *Ficciones*; em 8 de fevereiro de 1953, em *La Nación* e, em 1956 de *Ficciones*, parte dois de *Artificios*.

Convém ainda ressaltar algumas postulações de Borges, encontradas em seus ensaios, sobre a criação literária como uma paródia da realidade, absorvida pela literatura por meio de formas indiretas, oblíquas e, até mesmo, do relato imaginário de um fato, obtendo-se, segundo vários ângulos, um registro seletivo de projeções, expansões ou versões da realidade. Um molde ficcional introduzindo uma nova dimensão da realidade dentro daquela não passível de verificação e em cujos enigmas pode-se tentar penetrar. Neste sentido, seu fazer literário presume um leitor provido de curiosidade intelectual e de uma atitude inquisitiva face à obra: um decifrador de enigmas, desejoso de conhecimento e crítico da cena que contempla e comenta⁴.

Assim é que se configura um narrador conjectural que conta pouco ou o estritamente necessário para revelar muito. Este narrador propõe questões sem adiantar conclusões, a não ser por alusões um tanto herméticas ou de grande complexidade simbólica e propicia o necessário distanciamento para que o leitor desvende progressivamente o ignoto.

Diversamente do narrador onisciente tradicional, tem, de fora, uma perspectiva abrangente do entrecho labiríntico, porém, pretende um foco narrativo relativo e não absoluto. Por meio de indícios de dúvida e do questionamento mostra os limites de seu ponto de vista. Além disso, confere verossimilhança pelo despistamento e pela ambigüidade estilisticamente eficazes numa prosa de cunho fantástico. O efeito emocional e a atmosfera de ilusão são tão adequadamente configurados, que o fantástico se justifica literariamente e o leitor percebe no espelhamento de enigmas as suas próprias contradições, bem como se prende apaixonadamente à obra, como que envolto num inextricável elo mítico com o literário.

Não obstante a existência autônoma da esfera literária, há um fundo pessoal inequívoco que se depreende a partir de semelhanças entre o autor e o protagonista. Ambos têm antepassados protestantes do norte da Europa, sentem-se argentinos, apreciam as *Mil y una Noches*,

⁴ No entanto, Davi Arrigucci Jr pondera que não deve pairar nenhum receio de entregar-se à obra de Borges: “Ele foi o maior defensor do leitor comum. Basta lê-lo para entender isso”.

trabalharam em uma biblioteca, ferem-se na cabeça e quase morrem (Dahlmann, de septicemia e Borges, no Ano Novo de 1939, de toxemia⁵).

O avô Francisco Borges, assim como Francisco Flores, avô de Dahlmann, morreu em luta no pampa. Embora tenha exercido esta atividade por poucos anos de sua longa vida, como Dahlmann, Borges foi bibliotecário. Com efeito, a biblioteca se configura como reflexo de toda aquisição cultural, uma espécie de alimento da imaginação e do intelecto. Por meio dos livros, atingem-se a singeleza e o idealismo do mundo ficcional. Diga-se também que, no universo borgeano, este espaço *real e concreto* é simultaneamente *privilegiado e mágico* posto que remete à memória da infância e ao aprendizado enciclopédico. Borges, cujo pai foi um professor com uma imensa biblioteca de livros ingleses, teve sua formação literária em inglês e, por longo tempo, residiu na Europa. Assim, inserido em contextos sociais, culturais, e históricos vastos e estimulantes, reflete em sua obra e personalidade sua aristocrática formalidade de latino-americano de classe alta. Por outro lado, o paralelismo entre a vida e a arte reside também na possibilidade de interpretar Dahlmann como espelho de Borges na situação do intelectual acuado e mal compreendido.

O fato é que em Borges o literário não resulta apenas da vivência direta da realidade, mas também da convenção assimilada de outros textos e autores, como o romance *Pablo y Virginia* de Bernardin de Saint Pierre. O *Martín Fierro*, do político e poeta gauchesco José Hernández (1834-1886), vinculado à tradição literária argentina, resguarda o mito do *gaucho* como herói nacional, enaltece o campo e a barbárie e reflete a ideologia dos federalistas apoiados no poder dos caudilhos. Põe-se em destaque pela alusão logo no início, a inevitável adesão de Dahlmann ao seu *criollismo algo voluntário*, sentimento da mais autêntica *argentinidade* levado a efeito quando prestes a alcançar a morte como um verdadeiro *gaucho*. Da mesma forma as *Mil y una Noches* do alemão Gustav Weil (1808-1889) encerra a simbologia da fatalidade e de um labirinto complexo e infinito.

⁵ Intoxicação por acúmulo de toxinas no sangue, por insuficiência dos órgãos excretores (rins, fígado etc.).

Evidencia-se no desenrolar da trama um estilo conciso e meticuloso em que todo detalhe é introduzido deliberadamente e é extremamente significativo. Borges habilmente cria uma impressão de realidade valendo-se de referências concretas a fatos, nomes, datas, detalhes e circunstâncias que suscitam no leitor a disposição de admitir como verossímil a versão dos fatos apresentados. Com efeito, no exórdio já se toma conhecimento das origens de Dahlmann.

Visto que a realidade se apresenta misteriosa, caótica e, num certo sentido, imprevisível, procura-se atribuir um significado a tudo, descobrir um desígnio acreditando que tudo ocorre segundo uma finalidade e uma certa ordem. O tempo, na experiência real, parece linear, contínuo, infinito. Entretanto, esta continuidade também é aterradora por descortinar um futuro desconhecido. Antes da morte, também é presumida a idéia de futuros inumeráveis ou outras dimensões de tempo. Borges parece romper a sucessão linear do tempo em proveito do tempo mítico, do tempo original da infância, do inconsciente, da imaginação, uma espécie de tempo lúdico em que a eternidade se realiza pela fusão do presente, do passado e do futuro. O protagonista põe em relevo o cotejo com o *mágico animal* que inveja; o gato que vive fora do tempo, na eternidade do momento, sem temer a morte. Para Dahlmann, ao contrário, o tempo urge e ele está plenamente consciente da diferença entre ele e a *divindade desdenhosa*. Todavia, ignora que em breve o destino evidenciaria sua limitação humana.

Ocupa a primeira etapa da narrativa o espaço urbano de Buenos Aires, onde Dahlmann vive, trabalha, é hospitalizado por um ferimento na cabeça. Neste espaço, o protagonista adia seguidamente o plano, um tanto mirífico, porém, inconscientemente aceito como certo e inevitável, de transferir-se para a planície ao sul, para a casa que pertenceu aos antepassados maternos e que figuradamente estabelece o despertar de seu lado *criollo* inerente às suas origens.

A percepção do espaço geográfico infundável da *llanura* dimensiona a dicotomia entre a *civilização* (a cidade) e a *barbárie* (o pampa). Contraposição perceptível na concepção ideológica, ética, literária, histórica e política: de um lado os que viam o *gaucho* como o herói típico da tradição nacional; do lado oposto, os não menos tendenciosos, adeptos ao ideal liberal burguês e urbano que identificavam o *gaucho* como o supra-sumo da barbárie e do retrocesso.

Borges estava atento a este intrincado conflito que determinava, em função de diferentes necessidades e conveniências político-ideológicas, diferenciadas leituras e versões da realidade. Encontra-se uma sutil referência ao político argentino, líder populista Hipólito Yrigoyen (1852-1933), bem como à lembrança de Dahlman de *inútiles discusiones con gente de los partidos del norte o con entrerrianos, que gauchos de esos ya non quedan más que en el Sur*.

A ambígua e estreita correlação espaço-temporal se denota pela suposição fantástica de que Dahlmann viajava ao passado e não apenas ao sul. Ainda, a aspiração humana de transcender seus limites e acrescentar algo à sua realidade é reproduzida pela sensação de estar ao mesmo tempo em lugares diferentes como se Dahlmann fosse dois homens. Podem-se também inferir as várias faces que um indivíduo assume ao longo da vida. Significativa igualmente é a transposição para um mundo mais antigo e mais firme ao atravessar a Rivadavia, uma rua em Buenos Aires. Mais adiante, o personagem outorga uma finalidade à sua existência realizando uma pequena aventura para deter o fluir do tempo, sorvendo-lhe a plenitude de cada momento, preenchendo-o com pequenos prazeres. Insinua-se uma certa inaptidão humana para organizar a realidade racional e cronologicamente.

Percebe-se estar diante de uma narrativa não convencional, entretanto o caráter difuso e ilusório vem totalmente diluído no entrecho num hábil artifício literário de desmascaramento realista da ficção, impregnando-a do fantástico. A viagem de Dahlmann pode corresponder ao delírio da febre ou ao adormecer no trem. A nebulosidade e a fugacidade que permeiam o conto permitem a realização do ficcional e a desrealização do real numa penetrante sondagem dos limites entre ficção e realidade. Envolvido nesta trama simbólica, o leitor é instigado a questionar também a sua realidade e a sua própria existência. Arditamente, o narrador o adverte: *A la realidad le gustan las simetrías y los leves anacronismos*. Uma cadeia de detalhes coincidentes e situações paralelas e simétricas é estruturada. O *coche*, transfigurado pela *llanura* e pela percepção do espaço, leva-o à estação e o faz lembrar daquele que o conduziu ao sanatório. O livro que tenta ler no trem é o mesmo que levava quando foi ferido. O dono do armazém, que o chama pelo nome, parece com um dos funcionários da clínica. A migalha de pão lhe atinge o rosto como a

aresta do batente causadora do ferimento. A previsão das facadas no duelo a ser travado é mentalmente associada à agulha que lhe introduzem na clínica.

Analogamente, construções paradoxais assumem grande impacto simbólico como que sugerindo que o modo de perceber, criar e modificar os *hechos* (fatos e feitos) podem ser reflexo da própria irrealidade do indivíduo. Dahlmann empreende uma viagem de trem supondo ter deixado a morte para trás. No entanto, assim como o detetive Lönnrot, em *La Muerte y la Brújula*, Dahlmann está ironicamente se dirigindo para seu próprio fim. A obra de Weil, avidamente carregada para ser lida, favorece seu ferimento e a situação infernal que vive a seguir. Erroneamente, pressupõem estarem superadas *las fuerzas del mal* que o espreitam. Por estar feliz, distrai-se do livro irremediavelmente ligado à sua desdita e deixa-se viver. No armazém abre o mesmo livro para fugir à realidade. Manifesta-se o contraste entre o que sente e o prenúncio da morte violenta. As palavras conciliadoras do patrão do armazém agravam a situação, uma vez que, então, Dahlmann não poderia se furtar ao confronto. O verão é associado à opressão da febre e da morte, e o outono, ao símbolo natural de seu destino resgatado numa outra alusão paradoxal e irônica.

O processo de transição simbólica para o plano artístico da literatura é consolidado pelo magnífico emprego da linguagem. Numa atitude quase lúdica, seu vocabulário e sua fraseologia denotam o caráter predominantemente intelectualista de sua obra e refletem aspectos heterogêneos, tensos e contraditórios da realidade, da imaginação, da memória, do sonho, da história e da ficção. Reproduz ainda consistentemente percepções sensoriais, como *débil estupor*, *destino ciego a las culpas*, *sabor atroz*; *contacto ilusorio*, etc. Com grande densidade poética, enfaticamente seu discurso conjectural salienta o vago, o indeterminado, a dúvida e a falibilidade. O mesmo apuro estilístico se reflete nas cores que adquirem um sentido especial; o *amarillo* como prenúncio de conseqüências funestas; o vermelho - *rojo*, *punzo* - como violência. Analogamente, a tarde, ligada à ruína, antecede o anoitecer vinculado à morte. A noite, da mesma forma, propicia o sono-*esquecimento da realidade* - e o sonho - *a vida como uma realidade ilusória*.

Neste amplo feixe de significações, convém destacar a sensação de *vértigo* remetendo à proximidade de um momento ou decisão fatais. A força simbólica da faca, da navalha, das armas brancas e objetos que ferem, tão recorrentes na obra de Borges, consiste também na penetração de algo exterior a ser incorporado ao sujeito ferido. Além disso, morrer desta maneira corresponde à realização de um sonho almejado e infunde um certo efeito de densidade emocional e mitificação do personagem.

Destaca-se a existência humana regida por um sistema de causalidade e pela lei inexorável da fatalidade, em que toda a tentativa de impor uma ordem inteligível ao caos e ao incompreensível é fruto tão somente da imaginação, do intelecto ou da arte e pressupõe o envolvimento do indivíduo, como numa armadilha, no labirinto que ele mesmo enreda. O equívoco de Dahlmann sobre o seu destino o faz supor o cessar das forças do mal e o leva ao momento crucial de seu destino: o encontro da cultura européia encarnada por um homem civilizado com a barbárie da *llanura*.

Apreende-se uma atmosfera sinistra, obscura pela introjeção do fantástico no mundo real e vários signos ominosos dão a entender, numa intensidade progressiva, o destino fatal. *Increiblemente, el día prometido llegó*, supõe Dahlmann, antevendo a realização do seu sonho. Embora advertido de que desceria em outra estação, *el mecanismo del los hechos no le importaba*. Como fora do tempo, numa eternidade, um homem muito velho, reduzido a *una sentencia*, encarna a *argentinidad* e o sul e lhe oferece a possibilidade de submeter-se à prova suprema. *Algo imprevisible ocurrió*: O velho lhe arremessa uma adaga, uma espécie de punhal. Dahlmann reconhece a insensatez de lutar convalescente e inapto ao manejo de armas. Entretanto, a opção pelo sul, reconhecido no velho, havia decidido o confronto. Uma vez armado, Dahlmann não pode comprometer seu nome e a tradição argentina e hispânica do pudor e da honra, mantidos a qualquer preço para que a vida fosse digna de viver. O sentimento de honra, constata-se é universal e único, porém, são diversas as formas de considerá-lo e defendê-lo. Não há julgamento moral, na obra, quanto à preservação de valores relativos.

É importante salientar que auto-revelação ou iluminação de Dahlmann não se manifesta na cidade. Melhor dizendo, o encontro do ser consigo mesmo, o momento da *anagnorisis* ocorre quando o personagem se reconhece articulado com o espaço indefinido, fora de qualquer limite e face à morte. Identifica uma parte dele no seu contrário, na barbárie. Algo que não pode combater, pois o espelha. Tem-se a perspectiva universalista do destino circular de um homem: a circularidade do eterno retorno. Como o reatar de um fio, um indivíduo nada mais é que a continuidade de outro e o destino de cada um assume uma função no destino da humanidade.

Nesta visão mito-simbólica de Borges, a recorrência circular do mito implica a volta de Dahlmann para completar o destino do avô e o do argentino. Mescla o mito pessoal, a busca da história subjetiva individual com a história social e nacional. Dahlmann podia escolher e sonhar sua morte a céu aberto: um alívio e uma libertação.

Na aceitação estóica, sem temor nem esperança, deste sacrifício, descobre a adesão à mais genuína *argentividade* e latinidade, o reconhecimento de sua razão de ser e de seu destino sul-americano. Inclui não somente a inquietante busca do povo argentino, como também de todos os *hermanos* latino-americanos, que talvez finjam desconhecer sua identidade por não saberem apreciá-la. Poeticamente, desemboca no total desconcerto da indagação final que remete à meta da busca literária também. A abertura ou a não-conclusão pode também levar o leitor sul-americano a projetar sua própria identidade individual e social. O conto permite desdobramentos diversos como o do destino borgeano, o do argentino e o do literário.

Este velho gaúcho a Dahlmann se configura como a essência do sul, assim como do passado. A história pode também ser interpretada como uma explicação da morte idealizada de Juan Dahlmann, - a única por ele mentalmente engendrada de modo a terminar sua existência de forma honrada.

Considerações finais

São diversas as possibilidades de leitura do conto *El Sur*. Uma leitura, como a de Jaime Alazraki (ALAZRAKI, 1976), considera *El Sur* uma metáfora de toda a história argentina, resumida no

simbólico duelo a faca. Outro aspecto se refere à identidade e pluralidade do ser, ou seja, a concepção de que o homem é uno e múltiplo ao mesmo tempo.

Válida também é a referência à situação do personagem Dahlmann como vinculada a certo aspecto biográfico do autor. Neste sentido, salienta-se o caráter lógico-linear, fundamentada no efeito direto de continuidade narrativa, de *enchaînement* (seqüenciamento) dado pela concentração dialética da linguagem, em que o suspense perde seu efeito de abertura e a fusão das duas partes do conto se dá num mesmo nível.

A narração, a linguagem e o tom narrativo sustentam ainda a hipótese de um símbolo transcendente do conto: Dahlmann teria regressado depois da morte a um passado anacrônico e vive a morte por ele escolhida, uma vez que a segunda parte do conto se inicia pela manhã com todas as características de um regresso à vida e às coisas, tal qual um renascer de Dahlmann.

Uma outra perspectiva é endossada por uma entrevista de Borges a James Irby, na qual o escritor declara que tudo o que sucede a Dahlmann, após sua saída do hospital, pode ser interpretado como uma alucinação no momento de morrer de septicemia, como uma visão fantástica de como havia planejado morrer. Assim, a viagem como um sonho poderia ser explicada pela febre alta por que passa o protagonista.

O sonho-viagem - a ficção dentro da ficção - postula uma realidade imaginária provocada pelo desdobramento febril do próprio Dahlmann. A própria diégesis⁶, as frases narrativo-descritivas como discurso do narrador, conduzem a uma outra fronteira, onde realidade e irreabilidade se confundem em uma realidade suprema: uma super-realidade. Deste modo, os planos temporais e espaciais refletem los diversos estados de consciência do personagem. A realidade do conto - aqui entendida como desvinculada do tempo e do espaço, acompanhando a consciência imaginativa de cada individuo em cada momento da história - concentra-se na condição fantástica que permeia toda a narrativa.

Estas várias possibilidades de leitura nos remetem a uma das características fundamentais da chamada “obra aberta” contemporânea e à própria obra de Borges: a narrativa que permite uma ativa participação do leitor. Na verdade, trata-se de uma narrativa que exige a participação do

⁶ De acordo com Gerald Prince, em *A Dictionary of Narratology*, *diéreses* se refere ao mundo ficcional no qual ocorrem os eventos narrados, em que o narrador conta a história, apresenta aos leitores ações e talvez pensamentos dos personagens, não necessariamente incluindo o que está na imaginação, nas fantasias e sonhos.

leitor, o qual se converte num agente comprometido com a criação literária. Um dos aspectos mais relevantes do fazer literário de Borges é justamente o de integrar o leitor à obra, incumbindo-o desta co-participação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAZRAKI, Jaime. (Org.) *Jorge Luis Borges* (Serie El Escritor y la Crítica). Madrid: Taurus, 1976.

ARRIGUCCI Junior, Davi. *Da fama e da infâmia (Borges no contexto literário latino-americano) e Enigma e Comentário* (Epílogo). In: *Enigma e comentário*, São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. *Convergências e divergências - O círculo e a espiral*. In: *O escorpião encalacrado*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

AUERBACH, Erich. *A Meia Marrom*. In: *Mímesis - A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BALDERSTON, Daniel. *The literary universe of Jorge Luis Borges - An index to reference and illusions to persons, titles and places in his writing*. New York: Greenwood Press, 1986.

BARNATAN, Marcos Ricardo. *Jorge Luis Borges*. Madrid: Ediciones Jucar, 1976.

BARRENECHEA, Ana Maria. *La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges*. México: El Colegio de Mexico, 1957.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: BENJAMIN, Walter *et alii*. *Textos Escolhidos* (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural 1983.

BORGES, Jorge Luis. *El Aleph*. Buenos Aires: Emecê, 1972.

_____. *El Sur*. In: *Ficciones*. Buenos Aires: Emecê, 1972.

BOSI, Alfredo. *A Parábola das Vanguardas Latino-Americanas*. OESP, Cultura, 13/05/9.

CANDIDO, Antonio. *A Personagem do Romance*. In: *A personagem de ficção*. São Paulo. Perspectiva, 1972.

CHIAPPINI, Lúgia Morais Leite. *O Foco Narrativo (Ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo, Ática, 1994.

LAGOS, Ramona. *Jorge Luis Borges - Laberintos del Espíritu, Interjecciones del Cuerpo*. Barcelona, Ediciones del Mall, 1986.

PALÁCIOS, Ariel. *Há 20 anos, sem esquecer Borges - Conferências, relançamentos, documentários e quadrinhos homenageiam escritor, hoje figura pop. O Estado de São Paulo, CADERNO 2, 11/6 /06.*

SHAW, Donald L. *Jorge Luis Borges - Ficciones*. Barcelona, Editorial Laia, 1986.

SOUSA, Ana Paula; ALAM, Camila; VIEIRA, Ana Luísa; SANCHES, Pedro Alexandre. *O infinito de Borges - A reedição da obra completa do autor argentino chega ao mercado com ares de acontecimento cultural de peso*. Revista CartaCapital, Edição 472, 23/11/2007.

FOTOGRAFIA: UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE UMA LINGUAGEM NÃO-VERBAL

Jane Cristina Baptista Silva
Rosália Maria Netto*

RESUMO: Pretende-se, neste trabalho, sob o ponto de vista da Semiótica, fazer uma reflexão teórica sobre a linguagem não-verbal contida na fotografia em anexo. Para tanto, utilizaremos os conceitos de A.J.Greimas e Cidmar Teodoro Pais, como instrumento de análise de discurso. Escolhemos a fotografia veiculada na Revista Veja, de 28 de maio de 2008, nº21, numa tentativa de demonstrar como o não-verbal torna-se tão verbal, chegando ao ponto de 'gritar' aos nossos ouvidos pedidos de socorro.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem não-verbal; Semiótica; Significação

ABSTRACT: We intend with this study, on the point of view of the Semiotic, a concept consideration about verbal and non-verbal in the appendage photography. We are going to apply A.J.Greimas and Cidmar Teodoro Pais semiotics theories, as an instrument to analyses the speech. We have chosen the photography transmitted by Veja Magazine, on May 28th, 2008, no 21, in an effort to demonstrate how non-verbal changes to verbal, getting so close that seems to cry for help.

KEYWORDS: Non-verbal Speech; Semiotics, Signification

Introdução

Este estudo é uma análise das linguagens não-verbais, especificamente da fotografia, e suas diferentes leituras, à luz da Sociosemiótica. Trata-se do processo discursivo subjacente ao texto fotográfico, da interpretação, ou das várias possibilidades dessas leituras nas relações de comunicação, já que o “saber sobre o mundo” é construído pelo sujeito nas suas práticas sociais, no universo sócio-lingüístico-cultural, em decorrência de todos os discursos que, por sua vez, perpassam suas produções discursivas.

É o ser humano, portanto, um ser de linguagem, ou seja, um ser de *discurso*. Discurso é o Ato de Fala e o homem *fala* com suas roupas, com seu sorriso, olhares, enfim comportamentos,

* Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação. Universidade Braz Cubas

além de *falar* com suas artes plásticas, musicais, tecnologias, literatura, arquitetura etc. Não importa o tratamento da informação - linguagens verbais, não verbais ou sincréticas - a significação só existe em *discurso*.

O estudo do discurso, como capacidade humana de comunicação e processo de construção do 'saber social', é objeto da Semiótica greimasiana, que tem suas raízes na teoria da linguagem, de modo que não se trata do estudo do signo, mas da significação já que, a transmissão, conservação, transformação e aprendizagem da cultura realizam-se por meio de 'práticas sociais'.

Este estudo é objeto da Sociosemiótica, ciência cuja abordagem recente, trata da captura do sentido enquanto dimensão provada do ser no mundo, ou seja, o sentido em situação ou em ato, construído no momento da interação e estuda os discursos sociais não-literários, como os discursos científico, tecnológico, político, jornalístico, publicitário, etc, dentre outros.

Propõe-se, neste trabalho, uma análise semiótica das estruturas do discurso manifestado na fotografia (cf anexo), veiculada na revista *Veja* em 28 de maio de 2008 no universo de discurso publicitário. A metodologia deste trabalho fundamenta-se na teoria semiótica, que estuda o percurso gerativo do sentido, por meio da análise das estruturas modais; da estrutura discursiva e da estrutura profunda, que trata dos sistemas de valores, ou ideologias, já que todo texto fotográfico passa pelo olhar de um sujeito.

O discurso da fome

A fome é descrita como grande apetite de comer, urgência de alimento, subalimentação ou ainda, falta do necessário, penúria, miséria.

"A Fome É Um Incêndio Frio" "... é como uma corrente de anzóis que nos crava por dentro."

Foi assim que o poeta chileno Pablo Neruda, descreveu a dor da carência de comida (*Revista Veja* , nº21,p.75)

Na sociedade de transformação e desigualdade que estamos inseridos, a fome nunca esteve ausente da vida humana. Estima-se que a cada cinco segundos morre uma criança no mundo em decorrência de problemas provocados pela carência de calorias e proteínas mínimas para a sobrevivência. Diante destes dados, podemos pensar no 'percurso' da fome no organismo

que acomete milhares, milhões de crianças no Brasil e no mundo. Percurso este que pode ser sentido por milhões e entendido por milhares de pessoas, que conseguem pelo menos imaginar o que acontece no decorrer dos dias, das semanas, enfim, pela fome que não pode ser saciada totalmente.

A fotografia que revela uma realidade

De todas as fontes iconográficas, a fotografia merece uma atenção especial. Com seu advento, na primeira metade do século passado, o mundo das imagens pôde ser registrado e reproduzido com precisão e verossimilhança até então impensáveis. Era como afirma Oliveira (1997) se a própria luz escrevesse sobre a superfície sensibilizada da chapa fotográfica sem a menor intervenção humana, preservando para a posteridade quase tudo que pudesse ser visto, das cenas mais banais às mais gloriosas.

Com a fotografia, a memória ganhou poderosa aliada. Memória visual, pensada e sentida, coletiva ou individual, mas sempre historicamente construída; percebida como uma mensagem composta por sistemas de signo não-verbais, social e individualmente compreendidos através de códigos cuja decifração possibilita a análise de certas ações humanas socialmente determinadas.

Podemos dizer que todas as mensagens visuais designam duas funções: a cognitiva e a emotiva. Estas duas funções da comunicação referem-se à denotação (conteúdo da mensagem), e à conotação (dependente da forma como a mensagem é organizada), sendo suas possíveis leituras e interpretações oriundas da experiência do receptor, podendo ser produtora dos mais diferentes sentidos.

Independentemente das funções que a comunicação exerça, faz-se imperativo pensar e refletir sobre um único sentido que a fotografia em questão suscita, sendo a verdade contundente que ela traduz inegável e inconfundível.

Numa tentativa de análise semiótica, a fotografia, que é um produto de um processo discursivo, ou seja, há um sujeito que seleciona e trata a informação, revela sistemas de valores, nesse caso, uma verdade social pungente: o problema da fome no mundo.

Segundo Trevisan (2000), a fotografia ocupa um espaço natural nas matérias produzidas pela imprensa. Ela remete o leitor, de imediato, ao reconhecimento da sua dimensão documental,

enquanto reflexo ou espelho do real. Podemos perceber na fotografia em anexo, não só o reflexo, mas sim o espelho de uma realidade que pode ser traduzido nos sintomas de quem não come há dias. (Revista Veja:2008, N° 21 p.75)

Nos primeiros dias, a fome come as forças. Os movimentos são lentos, água é fundamental. Não se dorme bem à noite, só se tem vontade de comer. Fica-se sentado, deitado. Quem levanta há de cuidar para não cair. Os níveis de colesterol triglicérides estão altos. Os níveis de glicose e pressão estão baixos. Viver, respirar, até mesmo pensar é um fardo.” (VEJA, 2008, p75)

E como afirma Barthes (1985, p.132), na foto, a *imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa*. Diz, ainda, o autor: *uma fotografia será, por nós, considerada fala exatamente como um artigo de jornal*.

Assim, diante da foto da criança, o leitor, tem a sensação nítida de estar diante de um grito de socorro, um grito por aquilo que se traduz na palavra ”comida”. A ênfase maior é dada pelo olhar, que é o transmissor maior da tristeza, da penúria e da miséria.

A possível leitura desta fotografia não se restringe apenas aos olhos da criança. A mão na testa pode ser traduzida como um gesto de tristeza e desesperança; cristalizadas pelas mãos e pernas magras e sujas.

Assim, quando nos deparamos com uma fotografia em que todos os detalhes são significativos, devemos segundo Barthes, fechar os olhos, após vê-la, e deixar os detalhes remontarem sozinhos à nossa consciência afetiva.

E fechar os olhos significaria não ter ou tomar consciência deste flagelo, mas sim, segundo o semiólogo francês Barthes (1984, p.85), *fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio, pois no fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa*.

Sabe-se que os elementos do conteúdo da fotografia só irão adquirir sentido por meio das relações estabelecidas entre eles. Tornam-se visíveis através da interpretação que lhe é dada, e ao

efeito de sentido que a circunscreve. Ela é multidirecionada, isto é dependerá do olhar de cada 'leitor'.

Devemos considerar que a leitura semiótica de qualquer texto é extremamente variável, pois cada pessoa de determinada sociedade pode fazer uma leitura diferente de um texto em função dos seus valores culturais e visão de mundo, dentre outros aspectos a serem considerados. Segundo Pais (1997, p.221-228)

“ Todos os processos semióticos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois a 'visão de mundo' de uma comunidade sociocultural e lingüística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re) formulação e um constante processo de 'vir a ser' que paradoxalmente transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade, ou melhor, os processos culturais são apreendidos no convívio social, uma vez que as semióticas-objeto são particulares em cada sociedade [...] (PAIS, 1997, p.222)

O tratamento da informação em semióticas complexas acontece de maneira multidimensional e é considerado complexo porque existem diversos tipos de sistemas operando no discurso, que segundo Pais (1997) cada discurso tem uma função semiótica, que co-existe paralelamente com os demais, dando um sentido amplo e complexo ao objeto semiótico.

Numa visão simplificada de um processo de comunicação, são identificados um emissor, um receptor e uma mensagem. Do ponto de vista semiótico, esse processo assume uma dimensão ampliada e passa a ser percebido como um processo de significação. Enquanto num processo de comunicação, pragmaticamente, o emissor e receptor são seres biológicos e sociais, que possuem um papel no processo de comunicação, independentemente da linguagem utilizada; no processo de significação enunciatório e enunciatário correspondem aos papéis actanciais de um discurso, ou seja, ambos são sujeitos do discurso. Já a mensagem de um processo comunicacional corresponde numa primeira instância, ao texto do discurso, mas vai além, tendo em vista que a semiótica tem

o objetivo de explorar o sentido do discurso, e não se limita ao sentido da comunicação, porque dá conta e busca sentido num processo mais amplo, o da significação.

Análise semiótica do discurso subjacente ao texto fotográfico

Na fotografia sob análise (anexo) revela-se um discurso da fome, mas anterior a este há um outro discurso, o do sujeito que recortou a realidade sob o olhar da lente fotográfica e tratou esta informação, segundo uma semiótica não verbal. Nesse discurso, há uma estrutura narrativa, segundo o modelo canônico da análise narrativa em Semiótica, que apresenta as relações actanciais:



O destinador manipulador é a Injustiça Social, pois esta instaurou um *querer* denunciar no sujeito fotógrafo.

Qualquer texto, seja verbal ou não-verbal, é um produto, ou seja, um enunciado, que pressupõe um processo de enunciação e que revela, por sua vez o discurso. Há outras leituras significativas, portanto, como a do discurso da fome, que pode ser mais uma leitura do texto, essa fotografia em questão.

O programa narrativo (PN) é uma estrutura sintática elementar que vem “musicar” o paradigma actancial, pela relação entre o sujeito e o objeto, instaurados assim como hiperactantes.

O discurso daqueles que têm fome, nesse caso, o da criança focalizada, aqui tratada como sujeito¹. Segundo essa outra leitura, que é mais sedutora, pois focaliza a estrutura de superfície da foto, que por sua vez, em sua tematização e figurativização, apresenta a fome (tema) da criança (figurativizada pela sua magreza). Na estrutura narrativa, em sua sintaxe, há um sujeito

(criança) que está em busca do seu maior objeto de valor no momento e para o momento (comida), para que possa assim ter visibilidade social e principalmente manter-se vivo. Essa narratividade é recoberta por uma estrutura superficial que em Semiótica é tratada como estrutura discursiva, em que se manifestam os temas (fome, injustiça social) e as figuras (magreza, olhares lacrimejantes, etc).

Programa narrativo de S1

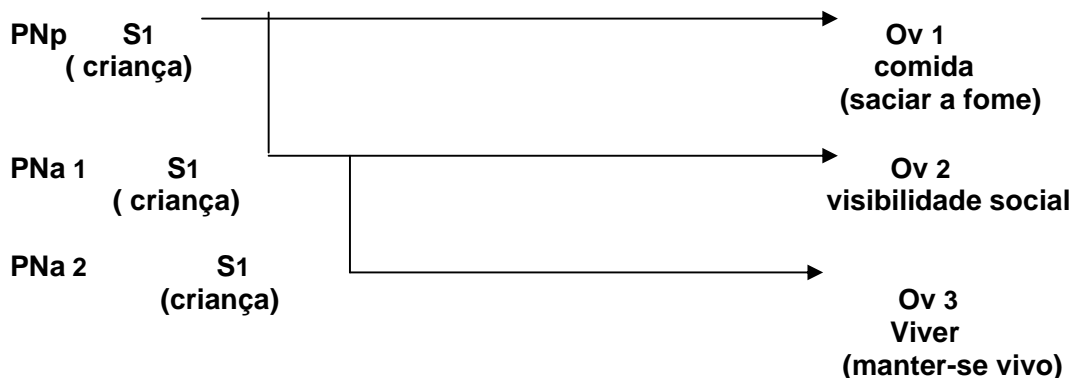


Figura 1- Esquema do Programa narrativo, baseado no modelo de Pais, 1998.

Numa estrutura mais profunda, que é outra leitura semiótica, é possível descrever as ideologias ou sistemas de valores, que nesse caso da fotografia, se sustenta em contrários e contraditórios, segundo o quadrado lógico aristotélico, que serviu de base para a análise semiótica greimasiana.

Desta maneira, a fome é um tema que pode ser descrito segundo os contrários, os valores vida/morte, inclusão/exclusão. Torna-se necessário ressaltar que na fotografia em questão, tem-se o discurso dos ‘despossuídos’, cujas modalidades da sintaxe narrativa podem ser assim definidas: *não-poder-querer*. Na estrutura narrativa, o destinador manipulador instaura o sujeito na narrativa, num percurso virtualizante, que é definido como sujeito em relação ao objeto de valor, sendo que a criança *quer* saciar a fome (comida), *quer* (ter visibilidade social) enfim, *quer* manter-se vivo(viver). E no percurso atualizante, tem-se um *não-poder*, pois a criança não pode comer ou não tem acesso à comida, paralelamente não tem visibilidade social, não tendo, portanto as

condições necessárias para manter-se vivo, ou seja, não foi possível a realização da ação, ou seja está excluído. Valor este que é reiterado na superficialidade do texto, com a concretização do tema, a fome, por meio das figuras.

A análise da estrutura profunda, a partir do modelo semiótico, que por sua vez foi denominado por Pais (1993) como octógono semiótico, possibilita identificar os microsistemas de valor e visão de mundo que qualquer discurso reflete num determinado contexto social. A análise da estrutura profunda define e reflete a axiologia, ou sistema de valores, que corresponde à maneira de ser e perceber de um indivíduo ou de uma sociedade.

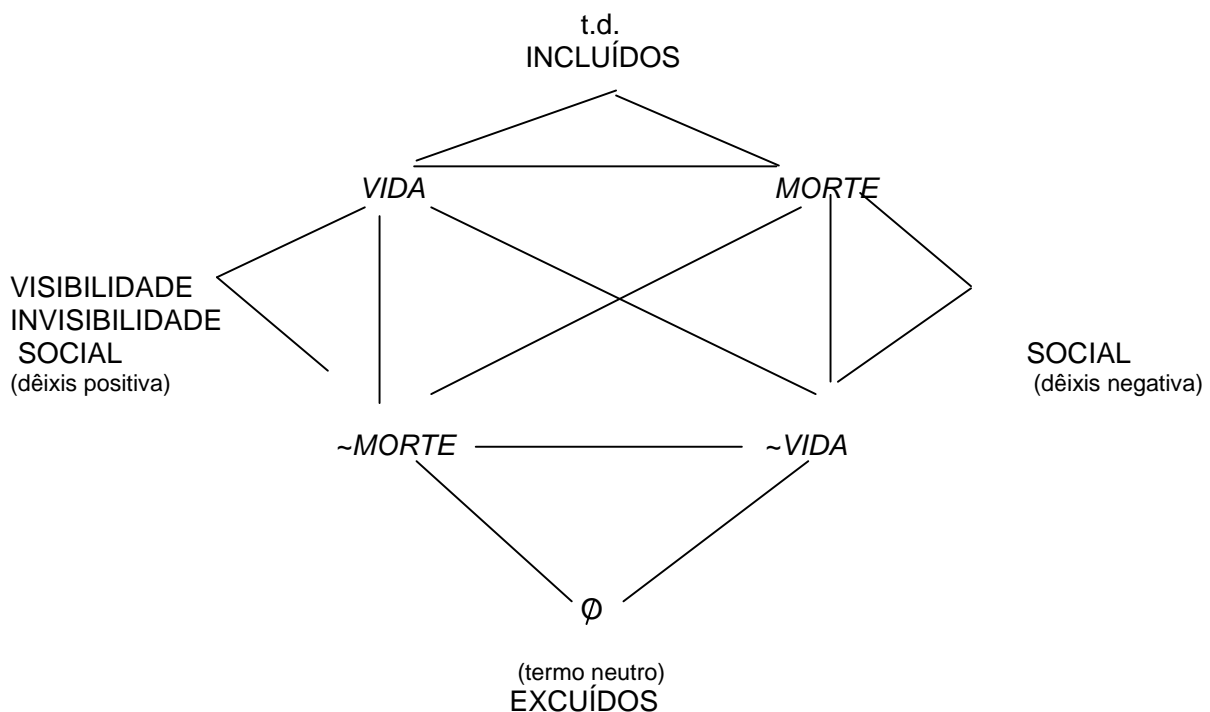


Figura 2- Octógono Semiótico com base no modelo de Pais[†]

Considerações finais

[†] PAIS, Cidmar Teodoro. In Simpósio; *Sociossemiótica e semiótica das culturas: das modalidades*, Fortaleza: UFCE, 1997.

Por meio dessa análise, foi possível descrever as estruturas do discurso que está subjacente. Sabemos que consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, a garantia mínima à sobrevivência. Diante disso, fica o questionamento: Estamos, ou melhor, estão os órgãos competentes preocupados e dispostos a cumprir o que rege os direitos estatutários e universais?

Continuará a fome no Brasil e no mundo um flagelo que acomete nossas crianças? Temos consciência da representatividade de uma criança diante do mundo? Enfim, essas são as indagações e reflexões que o texto, que é uma foto, suscita e segundo a análise semiótica, foi possível reconstruir o processo discursivo. E como afirma Barthes: na foto a imagem transforma-se numa escrita, e infelizmente quer por uma linguagem verbal ou não-verbal 'a fome' inscreve-se e continua com seu grito.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 6ed. São Paulo, Difel, 1985.

_____. **A Câmara Clara**. Nota sobre A Fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

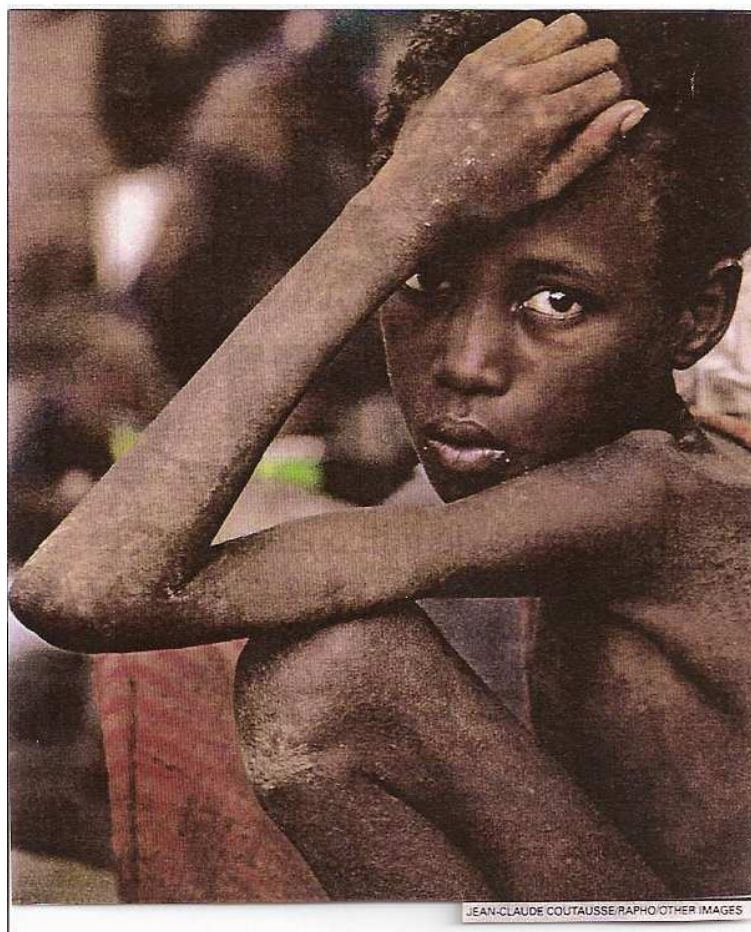
GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica do discurso científico. Da modalidade**. Tradução de Cidmar T. Pais. São Paulo. DIFEL, 1976.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. Flashes do passado: o fotojornalismo como fonte de história. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, v.1, n.2, p.5-20, dezembro, 1997.
<http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>

PAIS, Cidmar Teodoro. In Simpósio; **Sociosemiótica e semiótica das culturas: das modalidades**. Fortaleza: UFCE, 1997.

TREVISAN, Zizi. **O Leitor e O Diálogo dos Signos**. São Paulo: Clíper Editora, 2000

ANEXO



A HIPERTEXTUALIDADE EM “AS MARGENS DA ALEGRIA E OS CIMOS” – DOIS CONTOS DE PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Cássia Jacqueline Fernandes oliveira*

RESUMO: O estudo dos mecanismos lingüísticos que referenciam espaços enunciativos é objetivo dessa pesquisa. Para isso, valeu-se dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, textos da coletânea de 21 contos de Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa.

Buscou-se evidenciar as operações cognitivas necessariamente envolvidas na implementação da discursivização, segundo Fauconnier & Turner (2002): Identificação, Integração, Imaginação.

Observou-se que os dois contos são como duas imagens superpostas, em cuja superposição se evidenciam diferenças e similaridades que configuram uma nova imagem. Nessa imagem integrada, surgem duas realidades discursivas: a de um Menino e a da construção da “grande cidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Processamento discursivo; Espaços Mentais; Instâncias de enunciação.

ABSTRACT: *The objective of this research is the study of linguistic mechanisms which to enunciative spaces. For that, the tales “As margens da alegria” and “Os cimos” and texts from the compilation of 21 tales from “Primeiras Estórias” by João Guimarães Rosa were used. The necessary cognitive operations involved were highlighted in the implementation of the discursivisation according to Fauconnier & Turner (2002): Identification, Integration, Imagination. It was observed that the tales are both like two overlapped images, in which differences and similarities are evident and these images represent a new one. Two discursive realities appear in this mixture of images: a boy’s and the building of the big city.*

KEY WORDS: *Speech Process; Construction of Meaning; Mental Spaces.*

Introdução

A operação de Discursivização ou a implementação do processamento discursivo se dá através da criação e articulação de Instâncias de Enunciação. Cada instância, vista como uma voz, institui alguém que fala em sua fala. Essa relação de alguém, um enunciador, com alguém,

* Cássia Jacqueline Fernandes Oliveira – Doutoranda da UFMG

um enunciatório, entidades lingüísticas instituídas num tempo/espço discursivos, estabelece o processo de Referenciação, de Semantização, ou seja, de produção de sentido. Nesse processo, cada Instância de Enunciação configura um espaço referencial, no qual os enunciados que a constituem são necessariamente interpretados no âmbito da relação enunciador/enunciatório referenciada. Nessa perspectiva, adoto a hipótese segundo a qual cada Instância de Enunciação delimita, constitui um espaço referencial em que uma “voz” se institui, configura-se, dizendo algo e manifestando-se, dizendo de si, no que diz: constituindo-se como sujeito de sua fala.

Cada “voz”, Instância de Enunciação, pode articular-se, recursivamente a outra voz, ou a outras vozes. Numerosos são os mecanismos léxico-sintático-discursivos pelos quais uma voz pode colocar em cena, no processamento discursivo, outras vozes.

Baseando-me nessas premissas pretendo trabalhar o primeiro e o último conto da coletânea de vinte e um textos de **Primeiras estórias**, de João Guimarães Rosa, demonstrando que as vozes que emergem nos contos estão cada uma referenciada em outra, estabelecendo uma espécie de rede, uma relação especular, no interior de cada conto e entre ambos.

A escolha dos dois contos “As margens da alegria” e “Os cimos” não se deu de maneira aleatória. Optou-se pelos referidos contos por acreditar que ambos funcionam de maneira especular; ou seja, tanto um quanto outro pode ser lido em pauta dupla.

Pensa-se, por suposição, que ao lermos os dois contos teremos uma visão global de ambos em que o todo conterà e estará contido em todas as partes.

Lima (1991: 500) refere-se aos contos mencionados dizendo que, após alguns anos de ausência das editoras, o escritor volta a seu público, com a publicação de “Primeiras estórias”. Para o crítico, Rosa procura, com um “olho englobador”, a realidade modificada da época, anunciando a mudança que surgira: Brasília. Sem causar alarde, Rosa faz “ver” estas mudanças, ao invés de simplesmente mostrá-las. Narra estórias em que o planalto se estende e aparece um menino de outra cidade que aprende com o mundo “maquinal” as duas primeiras lições: a alegria e o amor. Depois a morte de ambos: “*as primeiras estórias de um Brasil novo no começo do surgir. Assim a primeira e a última estória se enlaçam pelo lugar comum onde passam, “lugar onde se construía a grande cidade”, ali, “Nos altos vales da aurora” percorridos pelo mesmo menino a aprender os seus caminhos*”.

Também Wisnik (2002) faz menção à obra de Rosa quando diz que Brasília é a primeira cidade, a única a furar o cerco mítico com o qual o escritor mineiro preservou o seu “sertão-mundo”, da interferência direta do mundo urbano. Nas pontas extremas do livro, a forma extrema e extrapolante do processo: a capital planejada, a cidade “a mais levantada no mundo”, erguendo-se do papel e derrubando o cerrado – a modernidade como avatar, ainda do sertão:

Na primeira estória (“As margens da alegria”) como na última (“Os cimos”), uma *brasília* não nomeada se constrói “derrubadora”, devassando e devastando, com o poder do “mundo maquinal”, a biodiversidade do cerrado, pontuada e mimetizada desde sempre pela própria exuberância poética da escritura rosiana. Numa obra que se eximira rigorosamente até então de qualquer aproximação explícita à cena urbana, a grande cidade planejada que inclui lago artificial e aeroporto, “a mais levantada no mundo”, emerge sem transição como cenário virtual aos olhos do Menino, visão mirífica no lugar onde o sertão se destrói e se transforma – miragem do Brasil moderno e Brasil moderno como miragem. (Idem, 2002:178)

Segundo Abdala Júnior (2002), os contos são uma resposta irônica de Guimarães Rosa, à construção da nova capital brasileira. Para o crítico, as bases históricas do projeto de Oscar Niemeyer vêm do urbanismo e da arquitetura coloniais, apropriadas pelo modernismo arquitetônico da época. A intenção que se tinha, naquele momento, era de atualizar, nas novas formas, perspectivas não elitistas, mas sim, populares. A arquitetura colonial, portanto, representou uma atualização da arquitetura portuguesa, segundo estudos de Lúcio Costa. Brasília seguiu também, essa linha de planejamento. Ela foi um modelo não apenas de cidade, mas de atitudes para o Brasil, visto como um país jovem, perseguindo obsessivamente toda novidade modernizadora. Foi um exemplo para as outras cidades e regiões do país.

O “cenário” dos dois contos é a cidade que vai sendo construída sob a perspectiva de um Menino que aparecerá no primeiro e últimos contos de “Primeiras Estórias”. Ao viajar de avião, o surgimento da cidade e sua modernidade vão sendo explorados sob o foco desse Menino que é o protagonista de ambas as estórias:

Um pequeno avião sobrevoa, nos finais dos anos 1950, o planalto Central brasileiro, onde está sendo construída uma grande cidade. Afivelado junto à estreita janela, um Menino observa a paisagem que se distende horizontalmente plana, reduzindo a traços de mapa toda a diversidade natural, que se move abaixo: o relevo, os rios, a flora, a fauna e toda a vida aí encerrada. (...)

Lá em baixo, o leitor saberá depois, entre projetos e em uma ambiência um tanto aérea, está sendo construída a cidade que promete ser, num ufanismo bem à brasileira, a “mais levantada do mundo”, Brasília. Vista assim, a cidade a ser erguida, presente nos sonhos de estadistas, traduzia-se nos traços dos urbanistas e arquitetos. Não teria ainda sua verticalidade sonhada e se espacializaria no plano de projeto. E o olhar de Menino, lançado do alto, sob a alta velocidade a turvar a definição vertical das formas, talvez seja uma resposta irônica de Guimarães Rosa, em “As Margens da alegria” e em “Os cimos”, contos de Primeiras estórias, à construção da nova capital brasileira – a cidade “mais levantada no mundo”, que ele não nomeia. (Idem, 2002:81)

Coadunando com os críticos ora mencionados, o que se pretende, então, é partir das análises de conteúdo, de efeitos de sentido, para explicitar os processos de discursivização, ou seja, os mecanismos léxico-sintático-discursivos que compõem/integram as “vozes” presentes nos contos, causando um efeito polifônico, de “coro”, traço marcante do texto rosiano.

Optou-se, ainda, por analisar os contos “As margens da alegria” e “Os “cimos”, em uma perspectiva de construção e articulação de vozes, por acreditar que, se a Crítica Literária se tem debruçado sobre esses dois contos como acabamos de ver, talvez faça falta a teoria linguística para perceber de que estratégias se valeu a sua construção em prol dos efeitos de sentido que se pretendem evidenciar.

Pretende-se agora, elencando os mecanismos sintático-discursivos de contraposição/integração de “vozes” que funcionam no processo de discursivização de tais contos, tentar dar conta do processo responsável pelos efeitos de sentido que pretendem fazer circular.

“As margens da alegria”

Nesse conto procurou-se identificar através da constituição de instâncias de enunciação¹, tomadas como espaços referenciais constituintes/constitutivas do processamento discursivo, e em outros tipos de espaços referenciais constituídos no interior de tais instâncias, efeitos de sentido que se integram formando uma “rede polifônica”.

Valeu-se para tanto de uma leitura criteriosa em que foi evidenciada a articulação e integração de vários discursos como o histórico, o filosófico, o psicanalítico e o mítico, hierarquicamente organizados, tecidos e indiciados no conto. Refiro-me a cada um destes discursos, ou a dimensões deles, utilizando-me do termo/expressão “voz”.

¹ INSTÂNCIAS DE ENUNCIÇÃO - Na perspectiva teórica adotada neste trabalho, as Instâncias de Enunciação são constructos cognitivos responsáveis pela referenciação da relação enunciadador/referência/enunciário, que constitui o espaço dialógico em que se situam enunciadador e enunciário num determinado tempo/lugar discursivos.

Na voz do discurso histórico encontramos um Menino que viaja a um lugar onde será construída a “grande cidade”. Toda a narração dessa viagem se faz emparelhada à construção de Brasília.

Na voz do discurso filosófico percebe-se que o Menino estando em fase hieroglífica se depara com perdas e ganhos, transcendendo-se ao vislumbrar um “vagalume” que representa para si um luz no “fim do túnel”, uma esperança.

Na voz do discurso psicanalítico fica-nos evidenciado os momentos de conflito e ansiedade que o Menino, estando em fase hieroglífica, se depara. O fato de estar longe da mãe causa-lhe medo, representando para si, a própria castração.

Há ainda o discurso mítico que representa os mitos populares, tornando-se uma voz de todos e de ninguém ao mesmo tempo.

Organizamos portanto, até agora, uma leitura pluridimensional em que vimos a estória de um Menino representando a história da construção da “grande cidade” e ao mesmo tempo, emparelhada a essa estória, está a sua própria vida: um Menino que se encontra em constante conflito, construindo-se portanto, emocionalmente.

Foi possível perceber também que todas as vozes articuladas no conto funcionam simétrica e especularmente com relação às outras: instituem-se e integram-se na perspectiva do Menino/narrador, funcionando recursivamente entre si e constituindo um domínio referencial integrado que proporciona/exige uma leitura pluridimensionalmente construída.

“Os cimos”

Observou-se que há várias recorrências que se repetem nesse conto e que integram o processo de produção do primeiro, constituindo um quadro, em que diferenças e similaridades se referenciam² num espaço discursivo pluridimensional.

Enquanto em “As margens da alegria” há predominância de ações, eventos e situações de um Menino/narrador, em “Os cimos” aparece esse mesmo Menino, porém, o que se destaca são seus sentimentos, estados e/ou processos interiores, de natureza predominantemente psicológica.

O conto continua sendo narrado na perspectiva do Menino. Veja-se que lexicalizações do tipo, “de modo”, “Na casa que não mudara”, “Outra era a vez”, o adjetivo “belo”, o “Tio” com inicial maiúscula e “O dia”, reiteram espaços que já foram articulados no primeiro conto.

A visão cromática também fora um recurso utilizado, a fim de reafirmar a óptica do Menino, como em “As margens da alegria”: “E: - “pst”- apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu vôo.” (p.155) e “... A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, aluz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio.” (p.156).

Na mesma perspectiva do Menino, vimos surgir também o discurso infantil, na medida em que se paradigmática ao “bonequinho macaquinho”, o conto de fadas, Chapeuzinho Vermelho.

Verbos também serviram de indicações comprobatórias para indiciar as emoções e sentimentos do Menino. Foi o caso de, por exemplo, “sabia, achava, querer, suportar, atentar, olhar, temer, pensar, traspasar”. No primeiro conto, “As margens da alegria”, diferentemente desses, estavam todos na perspectiva do ‘ver’, por isso, o leitor era remetido às ações do Menino.

² A referência de um texto é construída levando-se em conta o âmbito de cada instância de enunciação, na constiuição de um “jogo” de imagens e representações. Operando no sistema semântico, as informações ativadas no nível lexical articulam-se sintaticamente para compor um texto. Tudo isso ativado por operações no sistema discursivo.

A fim de reiterar ainda mais esse entrelaçamento, essa integração de vozes, Rosa lançou mão de uma citação que ele usara em o Grande Sertão: Veredas: “*a Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada*”. Ao fazer isso, colocou-se em cena todo um discurso psicanalítico, que subjaz ao comportamento do Menino e à “gramática” do autor.

Ainda em relação ao discurso psicanalítico, vê-se que o “bonequinho macaquinho” serve de objeto transicional para o Menino, pois ele receia perder a mãe, que ficara doente. Há também o medo da castração, uma vez que, temendo o ciúme do pai, acredita que o mesmo, simbolicamente, possa castrá-lo, tal como mataram o “peru”.

Essa questão sexual também fora reforçada pelo fato de o Menino ter consigo um “bonequinho macaquinho” de chapéu vermelho. Além de referir-se aos contos de fadas, como já foi mencionado, há também a concepção da cor vermelha. Veja-se que a mesma pode ser lida como mistério de vida, instituidora da libido ou até como relação de morte.

Na última parte do conto, surge novamente essa voz, ao insinuar que o Menino estava saindo da relação dual que estabelecera com a mãe: “*desenglobar-se de repente de uma nebulosa*”. (p. 159)

O “tucano” fora utilizado como marcador de tempo. Ao dizer que a ave vinha sempre, de manhã, no mesmo horário, Rosa estabelece uma analogia como o galo que canta sempre de madrugada.

Há o domínio mítico que estabelece pontos de vista ora do narrador, ora da comunidade e do próprio Menino. Na medida em que são feitos questionamentos do tipo, “*alguma coisa, maior que todas, podia, ia acontecer?*” (p. 152), “*Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhação de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas.*” (p. 154), e também a expressão “*dita causa*” (p.154), coloca-se em cena essa voz que referencia um pressentimento, uma angústia, ora sentida por eles, na voz do Menino.

Um outro ponto que também foi abordado, trata-se do fato de o telegrama vir com a notícia de que a mãe sarara somente no quarto dia. Um dia depois do terceiro. A representação do número três nos remete a dois espaços instanciados, diferentemente. O primeiro à terceira

margem (A terceira margem do rio) e o outro a tríade edipiana (mãe, filho, pai). Em ambos o sentimento de angústia está presente, por isso a notícia de que a Mãe sarara só pudera ser veiculada no quarto dia, após tamanha ansiedade.

O termo “desmedido” também teve uma carga conotativa muito grande, pois significa algo exagerado, imenso, enorme e nos remete diretamente a palavra “alegria” do primeiro conto – “As margens da alegria” – que também contém essa idéia de deslumbramento, transbordamento.

O discurso indireto também é utilizado como recurso instituidor de referenciação. No trecho: “*Mas, então, o moço ajudante de piloto veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: - “Espia, o que foi que eu achei, para você”- e era, desamarrotado, o chapeuzinho vermelho, de alta pluma, que le, outro dia, tanto tinha jogado fora!*”. (p. 159) e também no final do conto: “*O Tio avisara que chegaram e o Menino não queria acreditar, apenas sorria: “- Chegamos, afinal!” – o Tio falou. _ “Ah, não. Ainda não.” – respondeu o Menino. Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.*”(p.160). Esse processo se dá à medida que se coloca em cena a voz do ajudante do piloto, articulando-a, concomitantemente, à voz do Menino e do narrador. Ao instituir-se como “voz”, institui-se, configura-se, dizendo de si, constituindo-se como sujeito de sua fala.

Por último, viu-se retomado, como em “As margens da alegria”, o discurso histórico; aquele em que se referenciou a construção da “grande cidade”. As lexicalizações “estradas novas”, o “raiar na planície achada do campo”, “dias quadriculados”, e o fato de terem homens trabalhando, nos remeteram diretamente à construção de Brasília. Observa-se, portanto, neste conto, que várias vozes funcionam simétrica e especularmente com relação ao primeiro, produzindo-se um espaço referencial (discursivo) pluridimensionalmente integrado.

“As margens da alegria” e “Os cimos” – Uma visão especular dos espaços discursivos

A partir de agora procurar-se-á estabelecer uma análise dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, partindo de uma teoria que concebe a linguagem como atividade discursiva, asseverando-lhe o *status* de um sistema composto por subsistemas: os módulos discursivo, gramatical, lexical e semântico, na visão da Teoria Modular de Castilho (1998). Às

operações constituintes/constitutivas de cada um destes módulos denominamos, respectivamente, operações de Discursivização, Gramaticalização, Lexicalização, Semantização.

Em função da especificação do objeto de estudo da pesquisa, procurarei explicitar minha maneira de ver a construção e articulação de instâncias de enunciação através da criação e articulação de vozes na implementação do processamento discursivo.

Para isso, explicitarei o que entendo por enunciação, focalizando sua implementação nas operações de discursivização, na construção e articulação de instâncias de enunciação: uma rede polifônica instituída por vozes ora filosóficas, históricas, psicanalíticas e míticas, articuladas no âmbito de diferentes instâncias enunciativas, hierarquicamente organizadas e indiciadas nos contos.

Ao identificar tais vozes, verifico que elas funcionam simétrica e especularmente entre si e/ou também, recursivamente.

Nos contos rosianos em geral e, particularmente, nos dois, objetos desta pesquisa, esse processo é bastante notório, a começar pelo título. O autor prefere esconder a “explicação dos títulos (partes e subtítulos) ou apenas sugeri-la, fornecê-la aos poucos, ou ainda antecipá-la de maneira insólita: *“Gosta ainda de insinuar apenas uma das explanações possíveis, admitindo a plausibilidade de outras. Em qualquer destes casos, o leitor é forçado a abandonar a sua inércia, tornando-se colaborador”*. (Rónai, 1966: 39)

Esse processo se dá pela tentativa do autor de fazer que o leitor penetre o mundo e não simplesmente ultrapasse-o. Rosa trabalha o mundo por dentro, por isso conta com uma relação de cumplicidade do leitor, quebrando toda e qualquer linearidade prevista em outros textos.

Os contos que abrem e fecham “Primeiras Estórias” começam e terminam, ambos, com uma viagem, pelo mesmo veículo e com o mesmo destino.

Veja-se, por exemplo, que o espaço referenciado e o ponto de vista sob que é construído, o conto “As margens da alegria”, nas três primeiras partes, já se distinguem: no primeiro, não numerado, a vista de cima, a perspectiva de uma viagem de avião; no II, o ambiente, a morada na “grande cidade”, o que o menino “vê”/“avista”, “satisfaz os olhos...”, não mais do alto; no III, a viagem de jeep, em que a perspectiva de observação do menino, o ponto de vista dele, se contrapõe à do avião, na IV, há a partida com a “visão” de um peru, e a chegada com a

“constatação” de outro e na V, um remorso instaurado e a visão de uma “luzinha verde”, fazendo ressurgir a “Alegria”.

No caso de “Os cimos” o processo se repete. Na primeira parte, “O inverso afastamento” a vista de cima, a viagem de avião: desolação pela doença da Mãe. Na Segunda parte, “Aparecimento do pássaro”, o ambiente e a volta à “grande cidade”. O Menino “vê” um “tucano”, não mais do alto. Na terceira, “O trabalho do pássaro”, encantamento pela ave e aparente diminuição da tristeza: sentimentos contrapostos àquele do avião. Na Quarta parte, “O desmedido Momento”, o ressurgimento da Alegria pela “cura” da mãe e a perspectiva de um novo “eu”.

Toda a estória, portanto, baseia-se em um jogo de especularidades: especularidade no interior do conto, entre espaços, constituídos por instâncias de enunciação, ou no interior delas, por modalidades de referenciação através das quais, especularmente, se instituem pontos de vista, perspectivas, que se contrapõem, se complementam, se integram convidando a uma leitura pluridimensional. Especularidades que sustentam o espelhamento entre “especializações” do tipo: viagem de avião/viagem na terra; paisagens vista do avião(de cima)/paisagens vistas na terra; avião/plano piloto; visão da casa/ visão do canteiro de obras; percepções que demonstram alegria/percepções que denotam tristeza; percepções da presença/ausência de perus; da alegria-tristeza/tristeza-alegria; tudo isso feito na integração de espaços, referenciando uma realidade discursivamente complexa³. Veja-se que num plano-macro temos de um lado um menino que descobre as novidades da vida e emparelhada à estória dele temos a construção de Brasília: possíveis alegrias, dúvidas e incertezas do Menino em relação a si mesmo, trazendo consigo o mesmo em relação à “grande cidade”.

No plano micro, todos os pares evidenciados acima, criando espaços de referenciação que se integram e se articulam entre si e também ao espaço referencial do plano-macro.

³ “Todos concordamos, primeiro, em que a linguagem *constrói* o mundo, não o “representa”. Concordamos em que não é possível representar o mundo tal como é com anterioridade à representação, porque a linguagem tem um efetivo aspecto formativo. Dizer como algo se chama não é simplesmente nomeá-lo ou falar sobre isso é, num sentido muito real, *convocá-lo* a ser como foi nomeado.” (Pearce, W. Barnett. “Novos Modelos e Metáforas Comunicacionais: a passagem da teoria à prática, do objetivismo ao construcionismo social e da representação à reflexividade”. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996:pg. 176.

A idéia de que a articulação de duas, ou mais “vozes”, duas ou mais instâncias, cria um terceiro domínio integrado, no qual o conjunto dos enunciados são interpretados, foi quem motivou todo o meu estudo.

Temos em ambos os contos, portanto, a estória de um Menino que põe em cena dois espaços-macro: a estória da história - construção da “grande cidade” e a estória do Menino - construção individual, emocional do próprio “eu”.

Ao por em cena esses espaços-macro, institui-se uma conexão (link) com outros espaços referenciados/instâncias de enunciação*, criando e articulando uma espécie de rede que segue uma cadeia hierárquica.

Cada enunciação forma um plano; o plano base é o plano não-encaixado, o plano mais alto. Esse processo resulta no que Roulet (apud Lopes: 134) considera como propriedade do módulo hierárquico. Segundo a autora, o módulo hierárquico não opera sobre o módulo discursivo, pois é justamente a “*discursivização, por intermédio de operações no módulo gramatical, que produz a estrutura hierárquica dos “constituintes”*”. E, numa visão segundo a qual todo o processo de semantização se institui, via lexicalizações, através de operações nos dois módulos, gramatical e semântico, concebemos que é a *recursividade*, no módulo gramatical e semântico, que produz a integração hierárquica de espaços referenciais: à articulação/integração hierárquica das instâncias enunciativas no módulo gramatical corresponde uma articulação/integração de espaços referenciais no módulo semântico.

Observe-se, por exemplo, o início do conto “As margens da alegria”:

“Esta é a estória. Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz, para ele, produzia-se em caso de sonho (...)”.
(p. 07)

Toda a estória é situada através do aqui/agora da enunciação, através do pronome ‘Esta’. O substantivo ‘estória’ semantiza uma relação dialógica enunciadador/referência/enunciatário no processamento discursivo, instaurando uma segunda instância de enunciação; uma instância que situa todo o conto como uma “estória” relatada numa interlocução entre interlocutores não explicitados, referenciados no texto num outro tempo e espaço discursivos.

Há, contudo, um esquema de implementação de instâncias enunciativas que apresenta regularidades que possibilitam as mudanças de um plano para outro de forma que parece que um

texto está espelhado no outro. Isso se dá uma vez que os processos de gramaticalização e de semantização possibilitam os efeitos de sentido através de temas e de tempos/espacos dentro de cada instância. O leitor passa a ler em planos constituídos quer por em instâncias de enunciação, quer por outros espacos discursivos instituídos em seu interior.

Esses espacos referenciadores/referenciados aparecem de maneiras distintas nos contos em questão:

1. O título funciona como um tópico (um macro-tópico) em relação ao texto (os comentários). Todo o conto se interpreta no espaco instituído pelo título.
2. Há lexicalizações que instituem espacos distintos no conto, possibilitando o aparecimento de outras vozes que funcionam de maneira recursiva:

2.1. É o caso, por exemplo, do substantivo “viagem” que instancia um espaco recorrente em todos os dois contos. Trata-se de uma viagem como deslocamento físico e um transcurso pessoal, a busca da própria existência.

2.2. A passagem da lexicalização de um nome comum, denotador de uma classe, para a lexicalização de um nome próprio, denotador de um indivíduo, também aparece como instanciando um novo espaco discursivo.

2.3. O processo de referência do lugar ao qual se dirige o Menino – “a grande cidade” põe em cena a voz de um discurso histórico: a construção de Brasília. Dentro desse mesmo espaco, outras lexicalizações aparecem referenciando-o de maneira recursiva. É o caso de “inventor”, “sonho”, “planos, esferas, retas e curvas”, “mapa, ponto, chão-plano, visão cartográfica”, “Companhia”, “plano-piloto”, “sítio do Ipê”, “cilindros, caçambas, compressoras, betumadoras”, a destruição das árvores (no conto “As margens da Alegria”) e “dias quadriculados” (no caso de “Os cimos”), comprovando a existência de um “mundo maquinal”.

2.4. O discurso psicanalítico também é colocado em cena na voz do Menino/narrador. Por estar em “fase hieroglífica” encontra-se voltado para si mesmo. Vários são os indícios textuais que corroboram para a veracidade dessa afirmação. Um primeiro aspecto seria o corte da árvore (no primeiro conto), representando o destino e o questionamento existencial do Menino.

A idéia de castração aparece veementemente nos dois contos. No caso de “As margens da alegria” a viagem sem a presença da mãe, coloca em cena uma voz que confere à mãe o papel de

castradora. No caso de “Os cimos” o medo da perda da mãe, representando o corte definitivo do laço materno.

2.5. Os verbos que denotam percepção (vislumbrar, respirar, satisfazer) são todos lidos na pauta do “ver”; ou seja, sob a ótica do Menino/narrador, portanto, na visão de uma criança que descobre o “mundo maquinal” e a si mesma. No caso de “Os cimos” o processo se repete: “querer, suportar, atentar, olhar, temer e pensar”.

2.6. A sinestesia também confirma o processo perceptivo do Menino, quando corresponde a uma detalhada construção de cores: “velame-branco”, “cobra-verde”, “flores em pompa arroxeadas” (em “As margens da alegria) e “bonequinho macaquinho de calças pardas, chapéu vermelho, alta pluma”, “bela gravata verde”, “azul, amarelo, vermelhos” (em “Os cimos).

2.7. O adjetivo “belo” é usado nos dois contos. No caso do primeiro o Menino o utiliza para demonstrar sua admiração pelo “peru”. No segundo conto, refere-se ao “tucano”. Veja-se que tal fato reafirma a idéia de que em ambos os contos é a percepção do Menino que é evidenciada, e esse espaço instanciado vai sendo corroborado com a descrição pormenorizada das sensações e das cores que o Menino evidencia.

Um outro aspecto merece destaque: é o caso de o espaço-macro indiciado em “As margens da alegria” – “ESTA É A ESTÓRIA.” poder ser lido dessa maneira, em se tratando da leitura individual desse conto, ou na pauta da introdução do conto “Os cimos”: “OUTRA ERA A VEZ.” Ao se realizar esse tipo de leitura mostramos que a integração de espaços referenciais constitui uma operação básica do processo de discursivização subjacente à arquitetura, à configuração dos contos.

Dessa forma, pode-se afirmar que todas as lexicalizações evidenciadas nos contos, as repetições, as vozes que emergiram, contribuem para o leitor não destecer o texto, pois apesar de fazermos um recorte em somente dois contos, há uma leitura geral, pluridimensional que torna a recursividade uma propriedade intrínseca da linguagem.

Na leitura dos dois contos aqui proposta, vali-me, de maneira às vezes implícita, outras vezes mais explícitas, de mecanismos sintático-discursivos constituintes de um modelo de processamento textual construído a partir de uma posição teórica que concebe a linguagem como sendo, por natureza, dialógica, polifônica e, portanto, hipertextual. Na medida em que tal tipo de leitura se justifica, podemos afirmar que:

- a mente humana opera, discursivamente, de forma hipertextual ou hiper-espacial;
- o princípio fundamental do processamento discursivo (produção/recepção de todo e qualquer texto/enunciado) é a criação e articulação de Domínios Referenciais constituídos por Instâncias de Enunciação, ou por subdomínios referenciais instituídos no seu interior;
- a criação de Domínios de Referência de qualquer tipo pressupõe três operações cognitivas básicas, postuladas por Fauconnier e Turner (2002): a Identificação, a Integração e a Imaginação;
- as três operações básicas de que tratam Fauconnier e Turner são responsáveis pela implementação dos sub-processos constitutivos do processo de Discursivização: a lexicalização, a gramaticalização e a semantização, respectivamente;
- todo e qualquer texto/enunciado, necessariamente indiciador do fenômeno da hipertextualidade deve ser compreendido em termos do processo de Discursivização e de seus simultâneos sub-processos;

Conclusão

É possível ler as diferentes produções literárias de maneiras diversas e de acordo com objetivos específicos e individuais. É isso o que todo leitor realiza ao se aproximar das obras de João Guimarães Rosa. Nós reconhecemos, nessas diversas formas de leitura, a natureza múltipla que a coletânea de contos adquire.

Os contos “As margens da alegria” e “Os cimos” abrem e fecham, respectivamente, a obra – Primeiras Estórias. Neles há uma multiplicidade de formas eruditas e populares, em que Rosa apropria-se para narrar, sempre de maneira original, moderna e atual, a estória de um Menino que realiza duas viagens: uma interior e outra em local aonde se construía a “grande cidade”. Nesse ambiente de constantes mudanças vimos emergir vozes históricas, psicanalíticas, filosóficas e míticas que se integram à voz do Menino, tornando-se ao mesmo tempo dele e do narrador.

Procurou-se integrar às análises de efeito de sentido, um modelo de processamento discursivo que evidenciasse os mecanismos lingüísticos envolvidos no processo de mesclagem de

vozes. Ou seja, de polifonia discursiva. Para isso, valemo-nos da Teoria de Espaços Mentais, de Fauconnier & Turner (2002), que considera as operações cognitivas envolvidas na implementação da discursivização como sendo de Identificação, Integração e Imaginação.

Evidenciou-se que essas operações cognitivas se instanciam nos dois contos, de tal modo que o processo de produção de sentido do segundo, integra o do primeiro, constituindo um quadro, uma figuração, em que diferenças e similaridades se referenciam num espaço discursivo bidimensional ou pluridimensional.

Dessa forma, cheguei ao final desse percurso no qual empreendi uma leitura direcionada para análise e exploração dos índices da materialidade dos enunciados e as operações de sua produção, que possibilitaram uma leitura integrada(pluridimensional) dos dois contos.

Acredito poder afirmar que o processamento de leitura não é linear; a mente opera pluridimensionalmente, por isso a leitura do conto “Os cimos” implica a releitura do primeiro conto “As margens da alegria” , na construção de uma leitura terceira (integrada): a leitura do primeiro conto e a leitura do segundo funcionam como *inputs* para uma terceira leitura, a dos dois contos.

Entendo que contribuí, ainda que timidamente e em parcas proporções, para o esclarecimento de alguns pontos que permeiam as operações cognitivas da linguagem e cremos poder assumir que a intertextualidade, a interdiscursividade seriam fenômenos que poderiam ser compreendidos em termos da sigmatização de Domínios de Referência, da implementação de hipertextos discursivos.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA Jr., Benjamim. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. São Paulo: SENAC, 2002. P. 81-101.

AMARAL, Roberto; BONAVIDES, Paulo. **Inauguração de Brasília. Discursos de Juscelino Kubitschek**. In: Textos Políticos da História do Brasil. V.7. Disponível em: <http://www.diamantina.com.br/jk/discursojk.html>. Acesso em 20 Jan. 2002.

BAKHTIN, (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira), São Paulo, Hucitec: 1995.

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BANDEIRA, Manuel. **Belo belo**. Disponível em :
<http://www.osmaiorespoetas.hpg.ig.com.br/bandeira/mb10.html>. Acesso em: 05 Maio 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et. Ali. Campinas, SP: Pontes – Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- BRENNER, Charles. **Noções Básicas de Psicanálise**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- CALDAS, Aulete. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Para uma sintaxe da Repetição – Língua falada e gramaticalização**. FAC. Filof. Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 1997 (mimeo).
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A Língua Falada no Ensino de Português**. São Paulo: contexto, 1998.
- CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no Processo de Referenciação**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. (Dissertação de Mestrado)
- CHEVALIER, Jean; CHEEBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução por Vera da Costa Silva, 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CHOMSKY, Noam. **O Conhecimento da Língua, sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves, Lisboa, Caminho, 1994.
- COUTINHO, Eduardo (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica (6). Rio de Janeiro; Civilização Brasileira. 1991. P. 500-19.
- DELTA LAROUSSE. **Grande Enciclopédia**. Rio de Janeiro: Delta, 1971, 15v. p. 1083-84.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge university Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles, SWEETSER, Eve. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: **Spaces worlds and grammar**. Chicago: U. Chicago Press: 1996, p. 1-28.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles. Pragmatic and Cognitive Linguistics. **Apostila**, 1998. (mimeo)

- FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. **The Way We Think**. Conceptual Blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. **O Menino em Primeiras Estórias**. Viçosa: Leitura 6, 1962. 64-82. Separata de: GIÁUKS. 1996.
- IRMEN, Friedrich. **Dicionário: Langenscheids Taschen Wörter Buch**. Berlin:ed. Langenscheid KG, 1968.
- LOPES, Maria Ângela Paulino Teixeira. **O Processamento Dêitico na Construção da Polifonia**. Belo Horizonte: PUC Minas, 1998. (Dissertação de Mestrado)
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.
- OLINTO, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2000.
- PEARCE, W. Barnett. "Novos Modelos e Metáforas Comunicacionais: a passagem da teoria à prática, do objetivismo ao construcionismo social e da representação à reflexividade". In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.), **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996: 176.
- RONÁI, Paulo. Os Vastos espaços. In: ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1972.
- ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- WISNIK, José Miguel. **Recado da Viagem**. SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 160-170, 2º. Sem. 1998. Edição Especial Guimarães Rosa.

O IMPERATIVO SINGULAR EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS BAIANAS

Jeferson da Silva Alves¹

RESUMO: O presente artigo tem como primórdio analisar a expressão variável do imperativo singular em Histórias em quadrinhos (HQ) baianas, representando a capital, Zona Urbana – Salvador com o Fala Menino! e outra representando a Zona Rural da Bahia, o Sertão – Jacobina com o Xaxado, ambas extraídas dos sites dos autores baianos.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão variável do imperativo; Variação Lingüística e Extralingüística; Histórias em quadrinhos (HQ).

ABSTRACT: *The present article has as main objective to analyze the variable expression of the singular imperative in comic's bahian, representing the capital, Urban Zone – Salvador with Fala Menino! and another one representing the Agricultural Zone of the Bahia – Jacobina with the Xaxado, both extracting of the sites of the bahian authors.*

KEY WORDS: *Variable expression of the imperative; Linguistic variation and Extra linguistic; comics.*

Introdução

Atualmente, é possível observar em contextos de fala ou escrita [+ dialogada] – como é o caso das Histórias em Quadrinhos (doravante HQ) produzidas em várias regiões do país – duas formas variantes para expressão variável do imperativo singular (na polaridade afirmativa), uma que é homônima à 3ª pessoa do presente do indicativo (canta, bebe e parte) e outra que é advinda do presente do subjuntivo (cante, beba e parta), ambas em contextos dos pronomes *tu* e *você* quanto em contextos em que há alternância de *tu/você* e/ou *você/tu*. Contudo, pesquisas revelam que a variação não se dá por conta de tais pronomes e sim por questões geográficas (ALVES; ALVES, 2005; SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2007), apontando que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste os falantes se utilizam de formas indicativas para expressão do imperativo singular e que na região Nordeste se utiliza de formas subjuntivas para o mesmo fenômeno lingüístico,

¹ PUC-MG/PREPES

revelando, por tanto, que não há estigma por nenhuma das variantes em questão e que os falantes das regiões que se utilizam das formas indicativas, por vezes, percebem o imperativo expresso pelo subjuntivo como uma ordem menos branda. Outras pesquisas apontam que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste houve mudança de uso entre as décadas de 1980 até os dias atuais e elucubram sobre a influência do contexto da ditadura militar para tal mudança (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007a; 2007b).

Para Cunha & Cintra (1985, p. 465), “O imperativo afirmativo possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito tu) e do plural (sujeito vós), por tanto, para eles o imperativo afirmativo não é extraído do presente do indicativo. Já para Sacconi (1994, p. 241), as formas expressas pelo indicativo têm um caráter mais ameno; para ele, “além do imperativo, podemos usar o presente do indicativo, se desejamos ordem ou pedido atenuados, brandos, menos imperativos”, ou seja, para ele o imperativo nada mais é que um imperativo menos imperativo: imperativo *não-verdadeiro*? (SCHERRE, 2005).² Para Mattos & Megale (1990, p. 53), o modo imperativo (o imperativo *verdadeiro*), “pode ser considerado apenas uma variante para a segunda pessoa do subjuntivo”.

1. Metodologia

Para a análise sociolingüística do fenômeno lingüístico em questão explicitado anteriormente, adotamos a metodologia Sociolingüística Laboviana (MONTEIRO, 2000; TARALLO, 2002; CALVET, 2002; ALKMIM, 2003; MOLICA, 2004) com o objetivo de realizar a análise quantitativa das variáveis lingüística e extralingüísticas envolvidas no uso da expressão variável do imperativo singular nas HQ da Turma do *Fala Menino!* e da Turma do *Xaxado* retiradas dos sítios educacionais dos autores no ano de 2007. Foram coletadas histórias seriadas do *Fala Menino* e mais tirinhas que estampavam as contas da Coelba (Companhia de Energia Elétrica da Bahia) e histórias seriadas do *Xaxado* e mais uma seção de tirinhas. As variáveis lingüísticas analisadas foram: **1.** Tipo de forma do imperativo, se indicativa ou subjuntiva; **2.** Tipo de polaridade da estrutura, se afirmativa ou negativa; **3.** Paralelismo

² Nesse artigo (O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translingüística), Scherre; Cardoso e Lunguinho fazem uma análise do que é imperativo verdadeiro e não-verdadeiro a partir de propostas de outros autores e enquadram o português como língua que possui parcialmente o imperativo verdadeiro.

lingüístico, se morfológico e/ou fônico e 4. A variável extralingüística que aqui consideraremos somente a diatópica, uma vez que cada autor representa a fala cotidiana das pessoas de suas regiões, Salvador e Jacobina respectivamente, e também porque outras pesquisas apontam que as HQ são textos marcados por traços de oralidade e que essas representam a fala cotidiana das pessoas (ALVES, 2007) neste caso a Zona Rural da Bahia (Jacobina) representada por *Xaxado* e a Zona Urbana, a capital da Bahia (Salvador) representada por *Fala Menino!*.

2. *Fala Menino!* – Autor e obra

Com a finalidade de observar e constatar o uso das variáveis na língua “falada” na Zona Urbana, em Salvador optou-se por usar as histórias seriadas e tirinhas da Turma do *Fala Menino!* coletadas em 2007 no site do autor com um total de 6 histórias seriadas e 12 tirinhas que estampavam as contas da COELBA (Companhia de Energia Elétrica da Bahia) e encontradas também no site. Para tanto, é necessário conhecer um pouco da história e da obra do autor.



Tirinha 1: *Fala Menino!*

O autor Luis Augusto C. Gouveia nasceu em Salvador, em 03 de fevereiro de 1971, formou-se em Arquitetura e Urbanismo em 1994, porém já trabalhava antes com arte-educação em escolas da Bahia, inclusive, com crianças autistas. Trabalhou com Ziraldo como quadrinista fazendo histórias para a revista *O Menino Maluquinho*, da Editora Abril. Em 1989, publicou a tira *Liu e o Mágico do Sobaco*, no Jornal A Tarde, da Bahia. Recebeu menção honrosa no 1º Concurso Nacional de Histórias em Quadrinhos da Academia Brasileira de Artes, em São Paulo no ano de 1995. Suas ilustrações também se encontram em N. York e em desenhos animados em São Paulo.

A obra do *Fala Menino!* nasceu a partir de sua experiência em salas de aula. Da visão lógica de que a infância é o momento de descobertas, perigos, questionamentos, medos, dor, “bem longe da estilização cor-de-rosa comumente mostrada na mídia, e talvez, o único momento da vida em que somos quem nascemos para ser”.³

Atualmente, seus quadrinhos são vistos e apreciados em todo o país. O *Fala Menino!* é parceiro do Unicef, premiado com menção honrosa no Primeiro Prêmio Ibero Americano de comunicação pelos Direitos das Crianças em 1999. Lucas,⁴ o personagem principal, e que é mudo, é reconhecido pela ANDI – Agência de Notícias pelos Direitos da Infância, pelo seu trabalho na promoção e divulgação dos direitos da criança e do adolescente.

3. *Xaxado* – Autor e obra

Para observar e constatar o uso das variáveis lingüísticas na Zona Rural, em Jacobina optou-se por usar as histórias seriadas e tirinhas da Turma do *Xaxado* coletadas em 2007 no site do autor com um total de 12 histórias seriadas e uma seqüência de tirinhas encontradas também no site. Assim como o autor e a obra supracitada, faz-se necessário também conhecer a história e a trajetória da carreira do autor de *Xaxado* como quadrinista.



Tirinha 2: *Xaxado*

O autor Antônio Luiz Ramos Cedraz nasceu em uma fazenda no município de Miguel Calmon, Zona Rural da Bahia, mas cresceu e se formou professor primário em Jacobina, também no interior da Bahia, local onde teve os primeiros contatos com as histórias em quadrinhos. Seus

³ Trecho extraído do Site *Fala Menino!*

⁴ Para conhecer mais do personagem Lucas, sua turma e suas histórias acesse a página <http://falamenino.locaweb.com.br/index.html>.

primeiros heróis das HQ foram os internacionais, como Super-Homem, Capitão Marvel entre outros e de desenhistas brasileiros da década de 1960, como Ziraldo, Flavio Colin, Maurício de Souza entre outros.

Desde que começou sua carreira, o autor criou vários personagens e teve seus trabalhos publicados nos principais jornais da capital baiana e de outros estados, e também em revistas lançadas por editoras de todo país.

Com suas HQ e outras histórias, ganhou prêmios e menções honrosas em concursos e exposições no Brasil e no exterior, entre eles o troféu como destaque no 2º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos, realizado em Araxá, Minas Gerais, no ano de 1989, o Prêmio Ângelo Agostini de “Mestre do Quadrinho Nacional” entre outros.

A Turma do *Xaxado* é composta por personagens tipicamente brasileiros, cada um com seu jeito de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes sociais. Portanto, uma turma heterogênea como o povo brasileiro, vivendo histórias que falam da terra, encantos e problemas do sertanejo, porém, sem perder de vista a universalidade da experiência do ser humano.

Assim como a Turma do *Fala Menino!*, aqui também temos um personagem principal que leva o mesmo nome da obra: Xaxado,⁵ que é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião, esse personagem “é como um sol ao redor do qual circulam todas as outras personagens e histórias da turma”.⁶

4. Análise dos dados

Iniciaremos nossas análises dando um panorama do levantamento quantitativo das ocorrências que foram encontradas nos *corpora*. A hipótese levantada em nossa pesquisa e que vem sendo trabalhada em vários outros trabalhos é a seguinte: que diferentemente do que registra a tradição gramatical, podemos encontrar na fala espontânea em contexto sintático e discursivo do pronome você o imperativo expresso pela forma do presente do indicativo (SCHERRE; 2003, p. 1).

Observemos exemplos do imperativo expresso pela forma do indicativo nas HQ baianas.

⁵ Para conhecer mais do personagem Xaxado, sua turma e suas histórias acesse a página http://www.xaxado.com.br/turma/turma_xaxado.html.

⁶ Trecho extraído do site Xaxado.

Na Turma do *Fala Menino!*, na história seriada *O Monstro*, se lê:

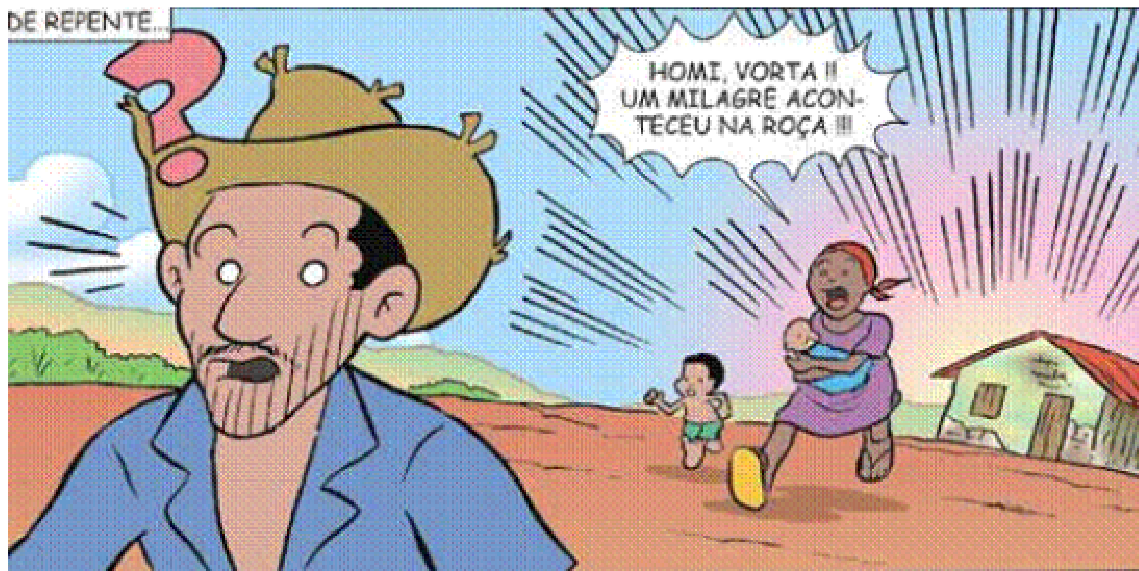
- (1) Lucas, Lucas, **acorda!!!**



Fala Menino! 1: O Monstro

Na Turma do *Xaxado*, na história seriada *O som que semeia a vida*, se lê:

- (2) Homi, **vorta!!** Um milagre aconteceu na roça!!!



Xaxado 1: O som que semeia a vida

4.1. Imperativo nos corpora *Fala Menino!* & *Xaxado*

Na tabela 1, como se vê abaixo, o uso das variantes nos *corpora* há um equilíbrio em relação ao uso, já que 50% das formas são expressas pelas formas do indicativo e 50% pelas formas do subjuntivo para a expressão variável do imperativo singular. Levando em conta a polaridade da estrutura, se afirmativa ou negativa, percebemos que aquela, a afirmativa, é mais utilizada do que esta, a negativa, com um total de 56 ocorrências, sendo 34 na forma indicativa com o percentual de 50% e 22 na forma subjuntiva com o percentual de 32.3%, revelando, portanto, que a polaridade indicativa é proferida mais vezes com a soma total em percentual de 83.3% contra somente 17.7% de formas proferidas na polaridade negativa todas expressas pela forma do subjuntivo, apontando, portanto, que tanto uma como outra amostra faz uso da forma considerada padrão pelos compêndios gramaticais⁷ para tal polaridade.

Indicativo		Subjuntivo	
Aplicativo/Total/%		Aplicativo/Total/%	
34/68/50%		34/68/50%	
Afirmativo	Negativo	Afirmativo	Negativo
34/68/50%	0/68/0%	22/68/32.3%	12/68/17.7%

Tabela 1: Ocorrências da expressão variável do imperativo singular nos *corpora* (*Fala Menino!* e *Xaxado*).

A seguir, serão analisados os *corpora* separadamente, primeiro as ocorrências do *Fala Menino!*, que representa a fala de Salvador e posteriormente do *Xaxado*, que representa a fala interiorana da Bahia, o Sertão - Jacobina.

4.2. Imperativo no *Fala Menino!*

As ocorrências com o imperativo no *corpus Fala Menino!*, representadas na tabela 2, revelam que há uma predominância no uso pelas formas do subjuntivo com o percentual de 76%, sendo 36% na polaridade afirmativa e 40% na negativa e somente 24% expressos pela forma indicativa, todas na polaridade afirmativa, revelando o que pesquisas já sinalizavam, que na polaridade negativa o imperativo expresso pela forma do indicativo não é favorável (SCHERRE; 2004, p. 8; BORGES; 2005, p. 4; CARDOSO; 2007, p.13; ALVES; 2007, p. 4). Contudo, alguns

⁷ Foram consultadas 14 gramáticas para confecção do presente trabalho: André (1997); Bechara (1999); Cegalla (2002); Cipro Neto; Infante (1998); Cunha; Cintra (1985; 2001a; 2001b); Nicola (1997); Infante (2001); Faraco; Moura; (1999; 2002); Mattos; Megale (1990); Rocha Lima (2001); Sacconi (1994).

fatores podem condicionar o uso do imperativo na forma indicativa em polaridades negativas, como: a partícula negativa pós-posta ao verbo: “**Liga** não... intelectuais costumam responder com outras perguntas...”, há também uma inclinação para tal uso com a dupla negação: “Não **liga** não, vô!”⁸ (SCHERRE; 2003, p. 4; 2005a, p. 6; 2005b, p. 5006-7; CARDOSO; 2007, p. 13-4; ALVES; 2007, p. 5).

Indicativo		Subjuntivo	
Aplicativo/Total/%		Aplicativo/Total/%	
6/25/24%		19/25/76%	
Afirmativo	Negativo	Afirmativo	Negativo
6/25/24%	0/25/0%	9/25/36%	10/25/40%

Tabela 2: Ocorrências da expressão variável do imperativo singular no corpus (*Fala Menino!*).

Analisadas as ocorrências do imperativo no *corpus Fala Menino!* analisaremos o *corpus Xaxado* que diferentemente do anterior que o contexto sintático e discursivo se dá única e exclusivamente pelo pronome *você* aqui ocorrerá com o uso predominante do pronome pessoal *tu* com baixa concordância (17.6%) verbal e outras, como o pronome possessivo (seu em lugar de teu), com o clítico (lhe em lugar de te) e outros. Dessas ocorrências com concordância, todas foram expressas unicamente por um personagem que:

vive corrigindo a fala “errada” dos outros. Para ela, isto é muito mais do que um passatempo, é uma verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa. Apaixonada por livros, Marieta adora ler um bom romance, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora⁹.

Em todo *corpus*, foram encontradas apenas duas ocorrências de *você* expressa por um mesmo personagem, Artuzinho Albuquerque, que tem a classe social diferenciada dos outros personagens, já que esse é rico, filho de um grande fazendeiro.

Indicativo	Subjuntivo
------------	------------

⁸ Como não encontramos ocorrências desse tipo nos *corpora* recorreremos aos trabalhos de Alves (2006; 2007), os quais trabalham com HQ de *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo.

⁹ Trecho extraído do site da Turma do *Xaxado* http://www.xaxado.com.br/turma/turma_marieta.html.

Aplicativo/Total/%		Aplicativo/Total/%	
29/44/71%		15/44/29%	
Afirmativo	Negativo	Afirmativo	Negativo
29/44/71%	0/44/0%	13/44/24.5%	2/44/4.5%

Tabela 3: Ocorrências da expressão variável do imperativo singular no *corpus* (Xaxado).

Como configura na tabela 3 acima, o uso do imperativo se dá predominantemente pela forma do indicativo com o percentual de 71% todos na polaridade afirmativa contra um total de 29% na forma subjuntiva, sendo 24.5% na polaridade afirmativa e somente 4.5% na negativa, revelando, portanto um grande percentual na polaridade afirmativa com um total de 95.5%. Em fim, o que ocorreu na polaridade negativa foi bem próximo do que ocorreu no *corpus* anterior, revelando que tanto um como outro, como se configura também na tabela 1, fazem uso da forma padrão no que se refere à polaridade negativa.

5. Paralelismo lingüístico

As pesquisas sobre o imperativo têm demonstrado que, quando o primeiro verbo vem expresso pelo indicativo, o verbo subsequente tende a ser indicativo também e que quando o primeiro é subjuntivo o que segue também tende a ser subjuntivo (SCHERRE et ali, 1998; SCHERRE, 2003, 2004; CARDOSO, 2003; SMANIOTTO, 2005). Na tabela abaixo, os dados demonstram o que já foi dito, de que a segunda forma tem a tendência de seguir a forma antecedente.

Variável nos <i>corpora</i>		Aplicativo	Total %
Indicativo	Indicativo	6	66.6%
Subjuntivo	Subjuntivo	2	22.2%
Indicativo	Subjuntivo	1	11.2%
Subjuntivo	Indicativo	0	0%
Total		9	100%

Tabela 4: Paralelismo lingüístico nos *corpora*.

Em nossos *corpora*, de 9 ocorrências de imperativo, somente 1 (11.2%) contradiz o que já foi explicitado anteriormente, ao passo que 88.8% (8) ratificam. Porém, é preciso analisar melhor a possibilidade da única ocorrência em *corpus* com dados maiores, pois, de acordo com Cardoso

(2003), podemos analisar o paralelismo lingüístico em morfológico e fônico, ou seja, indicativo-indicativo e subjuntivo-subjuntivo é igual a morfológico e por outro lado, indicativo-subjuntivo e subjuntivo-indicativo é igual a fônico quando o segundo verbo segue a mesma vogal temática do primeiro quando ocorre a mudança, como se pode ver no exemplo abaixo:

- (3) “**Abre** cancela e **dê** passage para tristeza do meu amigo ir embora!”



Tirinha 3: Xaxado

Nessa seqüência, notamos o paralelismo lingüístico – indicativo-subjuntivo – que o autor faz uso do traço fônico, não usando o traço morfológico, para que as vogais coincidam. Todavia, pode ocorrer a seqüência com o traço fônico em correlação com o morfológico, como podemos ver em (4):

- (4) Oh, **calE**-se! **CalE**-se! **CalE**-se!



Tirinha 4: *Fala Menino!*

No encadeamento acima, ocorre o paralelismo lingüístico – subjuntivo-subjuntivo – que em nossos dados, como foi explicitado só ocorreu duas vezes, e as duas nas tirinhas que representam a capital da Bahia – *Fala Menino!* e que, como sabemos, o uso do imperativo se configura em maior parte pelo subjuntivo.

Vejamos os exemplos (5) e (6) com o paralelismo discursivo que teve maior número de ocorrências – indicativo-indicativo (morfológico/fônico e somente morfologico):

(5) **LembrA** que o filho é seu. Não importa como ele seja; **esquecE** preconceitos e **buscA** dialogar com carinho e respeito, pra que ele saiba que é amado e que tem em quem confiar!



Tirinha 5: *Fala Menino!*

No diálogo acima, o quadrinista optou somente pela seqüência morfológica (**LembrA**, **esquecE**, **buscA**) diferente das séries em (3) (**AbrE**, **dÊ**) escrita pelo autor de *Xaxado*, a qual houve uma ruptura morfológica para que houvesse paralelismo fônico e em (6) abaixo com paralelismo morfológico em correlação com o fônico (**CalA**, **segurA**).

- (6) E num tinha mermo! **CalA** a boca e **segurA** a rede, homi!



Tirinha 6: Xaxado

Ao fim e ao cabo, com as análises sobre o paralelismo lingüístico, percebemos que estamos diante de um terreno bastante fértil e que futuras coletas de dados – que já estão em andamento através de jornais baianos¹⁰ – nos ajudarão a compreender melhor tais usos.

6. Variação diatópica no imperativo na Bahia

As pesquisas sobre o imperativo na Bahia se iniciaram em 2000 com Dilecia Almeida Sampaio com sua dissertação de mestrado concluída em 2001. Em 2005, os alunos de graduação Jeferson da Silva Alves e Aiala Paloma Oliveira Alves, com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado às Faculdades Jorge Amado em Salvador, também contribuíram para o entendimento de tal fenômeno lingüístico na língua falada em Salvador. Em 2006, surgiram pesquisas em Zonas Rurais da Bahia com a estudante de graduação e bolsista de iniciação científica, vinculada ao Projeto Vertentes do Português Rural do estado da Bahia (VERTENTES) coordenado pelo professor Dr. Dante Lucchesi no Departamento de Letras Vernáculas do

¹⁰ Contaremos com mais de três mil tirinhas de cada autor que vêm sendo publicadas diariamente há mais ou menos uns 11 anos no Jornal A Tarde.

Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto tem como objetivo principal observar a realidade atual dos falares rurais do Estado da Bahia buscando lançar luzes sobre os processos que constituem a história sociolingüística desses falares, particularmente os processos derivados do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas, que marcam a formação da realidade lingüística brasileira.

Nesta dimensão, incluem-se as diferenças lingüísticas no que se refere à expressão variável do imperativo singular observadas entre regiões distintas da Bahia, onde se fala a mesma língua, a saber: **1.** Salvador, a capital representada por *fala Menino!* e confirmando o que outras pesquisas já tinham explicitado (SAMPAIO, 2004; ALVES; ALVES, 2005; 2006; 2007); **2.** Jacobina, zona rural (Sertão) representada por *Xaxado*; **3.** Quatro comunidades rurais Afro-descendentes, a saber: **i.** Helvécia; **ii.** Cinzento; **iii.** Rio de Contas e **iv.** Sapé, os dados aqui foram extraídos de outra pesquisa (SANTOS, 2006; 2007a); **4.** Duas comunidades rurais, a saber: **i.** Santo Antonio de Jesus, município baiano e **ii.** Poções, outro município da Bahia, os dados aqui também foram extraídos de outra pesquisa (SANTOS, 2007b; 2007c). Sabemos que a variação diatópica ou regional pode ocorrer de país para país (Brasil, Portugal, Angola, por exemplo), de região para região (região sul, com os falares gaúcho, catarinense, por exemplo, e região nordeste, com os falares baiano, pernambucano, etc.).

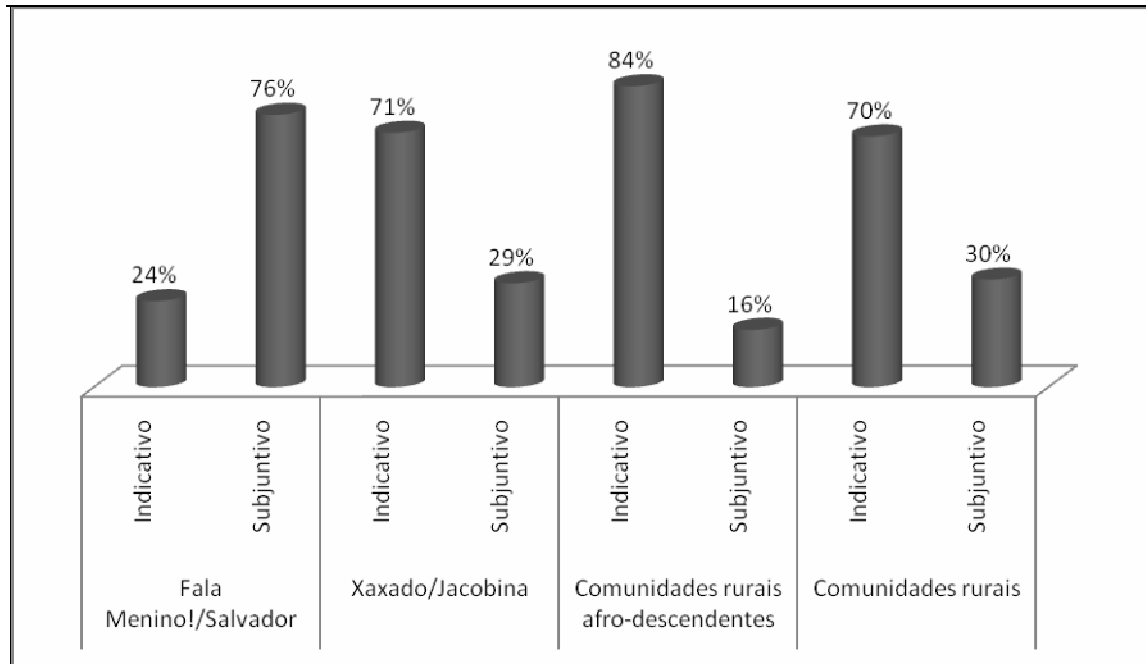


Gráfico 1: Variação diatópica (regional) na expressão variável do imperativo singular na Bahia.

Como simula o gráfico acima, a expressão variável do imperativo se manifesta em maior parte pelo indicativo em regiões [- urbanizadas] como em Jacobina (71%), nas comunidades rurais afro-descendentes (84%) e nas comunidades rurais (70%) ao que passo na região [+ Urbanizada] de Salvador a preferência é pelo subjuntivo com o total de 76% das ocorrências.

Assim como em contexto de fala, percebemos que as tirinhas retratam a fala cotidiana das pessoas, pois, outras pesquisas sobre a língua falada em Salvador (SAMAPAIIO, 2001; ALVES; ALVES, 2005) o imperativo se manifestou em maior parte pelo subjuntivo e na Zona Rural, Jacobina no indicativo consolidando o que foi explicitado por Santos (2007b; 2007c) que quanto mais se afasta da Zona Urbana a opção pelo uso da expressão se configura no indicativo. Portanto, a região está atuando para variação da expressão do imperativo singular no estado da Bahia.

Conclusões

Ao fim de nossas análises, percebemos que alguns fatores influenciam para a escolha de um uso ou outro em relação à expressão variável do imperativo singular, a saber: **1.** Polaridade da estrutura. Aqui, notamos um fato interessante, que tanto em um *corpus* quanto no outro não

houve nenhuma ocorrência de imperativo na polaridade negativa enunciada no indicativo e que em *Fala Menino!* a escolha na polaridade afirmativa se configura em maior parte no subjuntivo, ao passo que em *Xaxado* se configura no indicativo; **2.** Paralelismo lingüístico, se morfológico e/ou fônico. Nesse aspecto, precisamos de mais dados para análise, pois esse parece um campo bastante fértil, uma vez que nem sempre numa seqüência os falantes/“escritores” utilizam-na morfológicamente, fazendo mudança para que haja um paralelismo fônico, ou seja, uma harmonia entre as vogais temáticas, porém, no geral, percebemos que quando uma seqüência começa pelo indicativo o próximo verbo tende a ser no indicativo e que quando é no subjuntivo o que segue também é no subjuntivo, porém encontramos rupturas de seqüências morfológicas para que haja harmonias entre as vogais finais – paralelismo fônico e **3.** A variação diatópica, pois mesmo sendo analisadas escritas de Histórias em Quadrinhos (HQ), notamos que a localidade do autor está influenciando para variação lingüística, já que trabalhos feitos na Bahia demonstram que em Salvador os usos do imperativo se configuram em maior parte pelo subjuntivo, enquanto que em regiões do interior no indicativo como ocorreu em nossas análises. Por tanto, as histórias em quadrinhos é uma grande fonte de pesquisa para o entendimento da expressão variável do imperativo e outros fenômenos lingüísticos.

Referências

ALVES, Jeferson; ALVES, Aiala Paloma Oliveira. *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, Curso de Letras, Trabalho de Conclusão de Curso, 2005.

ALVES, Jeferson; ALVES, Aiala Paloma Oliveira. *O imperativo na língua falada culta e popular dos soteropolitanos*. In: X Semana de Mobilização Científica. Salvador: UCSAL, 2007.

ALVES, Aiala Paloma Oliveira; ALVES, Jeferson. *Norma e uso – O imperativo na língua falada culta e popular dos soteropolitanos*. In: 1º Encontro Interdisciplinar de Cultura e Educação. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2006.

ALVES, Aiala Paloma Oliveira; ALVES, Jeferson. *Os soteropolitanos e a expressão variável do imperativo singular*. In: Simpósio de Línguas e Cultura no mundo: caminhos e desafios. Salvador: CEFET-Ba, 2007.

ALVES, Jeferson. *Norma e uso - O imperativo no "Menino Maluquinho e sua turma"*. Comunicação apresentada no XI Encontro Baiano dos(as) Estudantes de Letras. Feira de Santana: UEFS, 2007.

ALVES, Jeferson. *O imperativo no Menino Maluquinho*. Comunicação apresentada no X Encontro Baiano dos Estudantes de Letras. Salvador: UCSAL, 2006.

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolingüística: Parte I*. In: Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: Jornal de Letras da UniCEUB. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007a.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: Anais do V Congresso Internacional da Abralín. Minas Gerais: UFMG, 2007b.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro. Lucerna 1999, p. 283.

BORGES, Poliana Rossi. *Formas imperativas em tiras de jornais paulistas*. In: Estudos Lingüísticos XXXIV. São Paulo. 2005, p. 738-743.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. (2003). *A variação no uso do modo imperativo nos textos de José J. Veiga*. In: II Encontro Nacional do GELCO: Intergração Lingüística, Étnica e Social. Brasília: UNB.

CARDOSO, Daniela. *A expressão do modo imperativo no dialeto gaúcho: uma regra variável*. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5. N. 9, agosto de 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2002.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: terceira edição revista*. Nova apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: 2. ed.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Língua e Sociedade: variação e conservação lingüística*. In: Nova gramática do português contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NICOLA, José. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

FARACO & MOURA. *Gramática*. 19. ed. [S.l.] : Ática, 2002.

FARACO & MOURA. *Língua e Literatura: 2º grau*. volume único. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

MATTOS, Geraldo; MEGALE, Lafayette. *Português: 2º grau*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1990.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NICOLA, José. *Curso de gramática: aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. reform. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado. 2001. (inédito)

SANTOS, Lanuza Lima. *O uso do modo imperativo no português rural do Estado da Bahia*. In: X Semana de Mobilização Científica. Salvador: UCSAL, 2007c.

SANTOS, Lanuza Lima. *O uso do modo imperativo no português rural do Estado da Bahia*. Comunicação apresentada no VII Seminário de Pesquisa e Pós-graduação e XXVI Seminário Estudantil de Pesquisa. Salvador: UFBA, 2007b.

SANTOS, Lanuza Lima. *O uso do modo imperativo no português afro-rural*. In: 59ª Reunião Anual da SBPC. Belem: UFPA, 2007a.

SANTOS, Lanuza Lima. *O uso do modo imperativo no português afro-rural*. Comunicação apresentada no VI Seminário de Pesquisa e Pós-graduação e XXV Seminário Estudantil de Pesquisa. Salvador: UFBA, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolingüística sobre o conceito de erro*. In: BAGNO, Marcos (org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p.217- 230 e 242- 251.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro*. In Revista Alfa, São Paulo, 51(1): 189-222. 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Norma e uso – O imperativo no português brasileiro*. In: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (orgs.). *O Português do Brasil-Perspectivas da Pesquisa atual*. (Lingüística luso-brasileira, Iberoamericana -Vervuert. 2004. p.231-260).

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença & MAGAZZO, Maria Adélia (orgs.). *Estudos de linguagem- Inter – relações e Perspectivas*. Campo Grande: UFMS, 2003. p. 177- 191.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos*. A sair em livro organizado por Sebastião Josué e Cláudia Roncarati. Livro em homenagem a Anthony Julius Naro, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. *O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translingüística*. In: Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília: UNB, 2005. P. 503-9.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. et alli. *Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese*. In: (eds.). PARADIS, c. et alli. *Papers in Sociolinguistic*. N.WAVE – 26 à l' Université Laval (Québec): Nota Bene, 1998. pp. 63-72.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. et alli. *Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil*. II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000. pp. 1333-1347.

SMANIOTTO, Giselle Cristina. *A expressão variável do imperativo nas histórias em quadrinhos: uma análise em tempo real*. 2005. 112. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade de Londrina, Londrina.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).

INTERAÇÃO ORAL EM AULAS DE LEITURA DE LÍNGUA INGLESA

Daniela G. A. Nóbrega¹

RESUMO: O presente trabalho é uma tentativa de discutir até que ponto a interação oral entre professor e alunos na aula de leitura em Língua Inglesa contribui para a construção de significados, e de como tal interação reflete o tipo de leitura adotada nestas aulas.

PALAVRAS-CHAVE : interação oral; aulas de leitura em língua inglesa; processos de ensino e aprendizagem.

ABSTRACT: The present work is an attempt to discuss the extent to what the oral interaction between the teacher and the students in English as a Foreign Language (EFL) reading classes contributes for the construction of meanings, and how such interaction mirrors the type of reading adopted in these classes.

KEYWORDS: oral interaction; EFL reading classes; learning and teaching processes.

Introdução

Quando falamos em leitura, normalmente nos vêm a mente, sobretudo àqueles que desfrutam deste prazer, uma atividade envolvente que nos remete ao mundo da imaginação, das indagações, das reflexões a serem (re) construídas a partir da leitura e das hipóteses a serem concordadas ou refutadas. Estamos, neste caso, descrevendo um leitor hábil, imerso em um complexo processo de (re) construção de sentidos com o autor. Como afirma Michel de Certeau (1994), a leitura depende da escuridão da noite e isto reforça mais ainda que o leitor trabalhe na obscuridade e não na transparência. Daí porque o sujeito-leitor, aquele consciente desta ‘escuridão’, necessita, na interação com o autor, ir além do que está escrito, buscando fazer inferências, desvelar nas entrelinhas da escrita os sentidos do autor para poder (re) construir os seus próprios sentidos no decorrer da leitura.

Este tipo de interação leitor-autor se baseia na concepção bakhtiniana de leitura em que o que está em jogo é o processo dialógico que esse estabelece entre leitor e autor, cultural e ideologicamente marcados. O que pode contribuir para que esta interação se efetue de forma adequada e eficaz é o contexto em que estes participantes se inserem, que

¹ Professora mestra do Departamento de Letras e Artes, CEDUC 2, da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB. E doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas.

papéis eles estão desempenhando, e que intenção comunicativa cada um se propõe a desenvolver no curso da leitura.

Neste trabalho, a interação entre aluno-leitor e autor será abordada no contexto de sala de aula de língua inglesa em que a atividade da leitura se apresenta. Em se tratando de aula de língua estrangeira, a questão do ensino e da prática de leitura se torna mais complexa ainda. O contexto de sala de aula, por possuir regras de interação determinadas pela instituição (escola), tende a direcionar não só o tipo de leitura adotado pelo professor (agente da instituição 'escola'), mas também as interações professor-aluno provenientes do contexto e como elas contribuem na construção de sentidos no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

É objetivo deste artigo, portanto, discutir como se configura a interação professor-aluno na aula de leitura em língua inglesa e como tal interação repercute na construção de sentidos na sala de aula.

Contextualizando

Antes de delimitarmos como se configura as interações entre professor-aluno nos eventos de leitura em aulas de língua inglesa, e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de leitura, vale ressaltar como se apresenta tais contextos de sala de aula no tocante às aulas de leitura no Brasil como um todo.

Assim como nas aulas de língua portuguesa, as aulas de língua inglesa, sobretudo no ensino médio, ainda se baseiam no ensino tradicional de leitura. Geralmente é o professor que tende a conduzir a leitura que, na maioria das vezes, reflete o ensino da gramática, vocabulário e pronúncia, como atesta Coracini (1995) em suas pesquisas. Ademais, as perguntas de compreensão de leitura, ora feitas diretamente pelo professor ora extraídas pelo livro didático, tendem a refletir uma leitura linear centrada na voz do professor que direciona a forma como o texto deve ser tratado em sala de aula. Mesmo que tais textos pareçam “estar de acordo com o que a abordagem comunicativa (de tipo instrumental) recomenda: texto escrito sem fins escolares” (Coracini, 2005, p.202), a interação aluno/leitor-texto ainda se apresenta de forma superficial. A obscuridade, que defende De Certau (1994), que deve ser tratada a leitura, instigando nos alunos uma reflexão sobre o que está sendo lido, é substituída pela transparência. Tal transparência é resultado de uso de perguntas fáticas ou conativas, cujas respostas já são de conhecimento dos professores, e

também dos tipos de perguntas utilizadas pelos alunos, geralmente de natureza gramatical e vocabular.

O tratamento que ainda é dado aos alunos de forma passiva, como comprovam Celani (1991) e Almeida Filho (1991) e Coracini (1995) em suas pesquisas de aulas de língua inglesa, indicam que o déficit de compreensão de leitura se deve às atividades centradas nos exercícios de tradução, de gramática, vocabulário, na ênfase dada à leitura oral e perguntas explícitas cujas respostas são fáceis de serem localizadas no texto.

Embora estes estudos tenham concentrado nas atividades que são adotadas e de como elas refletem o ensino-aprendizagem de leitura em língua inglesa, outros aspectos, como o da interação em sala de aula, podem detectar que tipo de leitura ainda se faz presente em tais contextos e que voz é favorecida quando nas aplicações de atividades de leitura pelos professores.

O Que é interação?

O termo ‘interação’, de acordo com o dicionário de Antonio Houaiss, nos remete a um conjunto de ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade, no propósito de estabelecer fins comunicativos. Tais finalidades nos remetem à definição enquanto processo de cooperação, de ajuda mútua entre os interlocutores num determinado espaço físico e situação de comunicação (Goffman in Ribeiro e Garcez, 2002). Dentro deste processo de ajuda, a comunicação se desenrola com o intuito de alcançar funções comunicativas específicas, como perguntar, responder, aceitar, recusar, julgar, discutir, entre outras funções.

Na Lingüística Aplicada, área que lida com Linguagem e Educação, a interação se apresenta como processo de cooperação entre professor e aluno para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma adequada. Interagir, conforme explica Marchuschi (1991), é uma atividade de cooperação, discursiva, onde os interlocutores estão sempre empenhados na produção e interpretação dos sentidos no curso da interação. O direcionamento deste processo dialógico de cooperação dependerá das intenções e atitudes dos participantes envolvidos e de como eles interpretam estas intenções (Tavares, 2007).

Concordando com esta definição, para Levinson (2007), a interação é uma atividade ou trabalho compartilhado entre no mínimo dois participantes em que entram em cena os fatores contextuais, as implicaturas provenientes das intenções, as inferências, as regras

sociais de uso da língua. Assim como Levinson (2007), Goffman (2002) sustenta que todo evento interacional se sustenta no contexto situacional e que são estes fatores contextuais (extralingüísticos, paralingüísticos, cinestésicos) que norteiam toda ação dos interlocutores na interação.

O aspecto extralingüístico delimita o estilo, as regras sociais de uso da fala e os valores atribuídos pelos interlocutores quando expressam as suas intenções comunicativas. O aspecto paralingüístico diz respeito aos gestos funcionais utilizados no momento de interação. Como afirma Goffman (2002), “Muitas das propriedades da fala terão de ser vistas como alternativas a atos extralingüísticos, ou equivalentes funcionais deles” (p.19). Os cinestésicos, por sua vez, lidam com o movimento corporal nos momentos de interação. Estes três fatores, segundo Levinson e Goffman, caminham juntos com a expressividade oral do interlocutor e das intenções por eles estabelecidas no curso da interação.

Na sala de aula, a interação oral é uma via de mão dupla. Tanto pode ocorrer cooperação ou conflito de vozes entre os interlocutores. Segundo Bakhtin (2004), a cooperação se efetua no conflito de vozes, uma vez que o produto da interação “é uma ponte lançada entre mim e os outros” (p.113), tudo isto resultando na construção de sentidos. É na utilização dos signos lingüísticos, na formulação do enunciado que o interlocutor emite a sua razão, o seu consciente delimitando o seu mundo cultural, suas crenças, e suas experiências de vida. A troca de idéias com o outro interlocutor, marcado cultural e ideologicamente também, permite que cada um possa compreender as experiências sócio-culturais de cada um e de como elas são fundamentais na construção de conhecimento como um todo. É neste cruzamento de vozes que os interlocutores podem perceber que elas (as vozes) se completam e dependem umas das outras tanto para a produção e interpretação dos significados na interação oral.

A partir do entendimento que é no contexto e dos fatores provenientes dele que os interlocutores estabelecem papéis sociais determinados, eles também podem mudar o contexto e os seus papéis desempenhados. Muitas vezes o contexto se apodera de tal forma na interação que, por mais que os participantes tentem mudar as regras e as posições sociais daquele ambiente, o processo de cooperação não flui com naturalidade. Dependendo, desta forma, como o contexto vai conduzir a construção de sentidos e as práticas discursivas, é que a interação entre os participantes poderá se dá de forma assimétrica (quando existe uma relação hierárquica de poderes nas relações - superior/inferior) ou simétrica (quando os

participantes se encontram numa relação igualitária de papéis sociais) (Marcuschi, 1991). A exemplo de relações simétricas temos as conversações do cotidiano entre amigos. E de relação assimétricas, aquelas estabelecidas entre médico-paciente, professor-aluno, assunto abordado na próxima parte do artigo.

Interação em aulas de leitura de Língua Inglesa

Diferentemente do que ocorre nas relações informais do nosso cotidiano, as relações entre os participantes na sala de aula tendem a seguir um determinado padrão de comportamento. Segundo Sinclair e Coulthard, (1975), nas aulas de línguas estrangeiras é comum o movimento interacional IRA (Iniciação, Resposta e Avaliação), cabendo ao professor o direito aos turnos de iniciação e avaliação, enquanto ao aluno lhe cabe mais o turno da resposta. Este tipo de interação estabelecida nas aulas reforça a idéia que a voz do professor, representando a instituição 'escola', é aquela que prevalece tanto nas atividades por ele/ela organizadas como nos livros didáticos (Coracini, 2005) e, portanto, reforça a relação assimétrica de poder com os alunos (Marcuschi, 1991).

É neste contexto institucionalizado que as posições e papéis sociais dos participantes na interação estão pré-estabelecidos gerando, desta forma, concepções acerca da produção e interpretação da leitura desenvolvida na sala de aula. Trabalhos sobre interação em aulas de leitura em língua estrangeira (Inglesa) têm revelado que é a voz do professor que prevalece nas discussões em sala de aula e que tende a direcionar as questões de compreensão de leitura (Coracini, 2005; Figueiredo, 2005). No contexto universitário, por exemplo, com alunos-professores de um Curso de Letras de uma universidade pública, Figueiredo aponta que as discussões dos alunos decorrentes dos eventos de leitura em sala de aula são reflexos da visão de mundo dos alunos e das suas relações com a cultura dominante.

Figueiredo (2005) observou que os alunos tendem a valorizar a voz do professor reforçando "a associação entre linguagem e poder em eventos interacionais ao reprimir uma contribuição espontânea e de caráter crítico do aluno "(p.33). Este estereótipo acerca da figura 'professor' muitas vezes pode ser identificado nas seqüências de interação em aula. Quando as respostas dos alunos não são aceitas pelo professor, a fala do professor se apresenta em forma de uma longa explanação. Tal conduta reflete uma relação assimétrica entre eles (professor-aluno), pouca concessão de turno é dada ao aluno e,

conseqüentemente, a fala do professor reforça a noção de que é o professor o detentor de saber, o conhecedor do assunto.

Outro aspecto que pode influenciar no tipo de interação estabelecida nos eventos de leitura em sala de aula é a organização do espaço físico. De acordo com Freire (2005), as salas cujas “carteiras são enfileiradas umas atrás das outras e de uma professora que permaneceu em pé em frente de sua mesa segurando uma cópia do texto que estavam [os alunos] lendo e discutindo” (p.185), tendem a caracterizar uma aula centrada na voz do professor, que controla o desenvolvimento do tópico e de quem e quando terá o direito de se manifestar. Tal procedimento não apenas implica numa relação de assimetria na sala de aula, mas também indica o predomínio da voz (institucionalizada) do professor, que aparentemente é culturalmente aceita pelos alunos.

Conclusão

Diante do que foi exposto neste artigo, as regras de interação nas aulas de leitura em língua inglesa, tanto no nível médio de ensino como no superior, parecem ser na maioria das vezes direcionada pelo professor por dois motivos. Primeiro, a voz institucionalizada do professor tende a caracterizar o discurso da instituição ‘escola’ que costuma mostrar a figura do professor como o detentor de conhecimento. Segundo, por esta visão do professor ser culturalmente determinada pela sociedade brasileira (neste caso, alunos-leitores), conforme mostra Figueiredo (2005), é dado ao professor o controle tanto do discurso nas interações como do desenvolvimento do tópico a ser discutidos em sala de aula, geralmente pelos próprios alunos.

Tal olhar nas aulas de leitura pode suscitar nos professores uma reflexão sobre como tal comportamento verbal repercute uma leitura linear, superficial, mecanicista com ênfase no estudo da gramática e não na leitura de mundos provenientes pela cultura da língua estrangeira. Não estou aqui defendendo a total simetria de vozes no contexto de sala de aula. Proponho que na sala de aula podemos conciliar momentos em que a voz do professor e a dos alunos possam se mesclar, entrar em conflito construtivo, na negociação de sentidos. Há outros momentos em que a assimetria pode se fazer presente. Afinal, cabe ao professor o papel de mediar as informações necessárias para instigar discussões em sala de aula. Para tanto, cabe a este profissional o papel de controlar o espaço a fim de mantê-lo organizado,

propício para que o ensino-aprendizagem de leitura flua, tendo sempre em mente que os princípios de interação possam promover flexibilidade de vozes na co-construção de conhecimento no contexto de sala de aula.

Referência

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Secondary School Learning of a Foreign Language: Failure and Motivation*. In: Educação para Crescer – Projeto de Melhoria da Qualidade de Ensino – Inglês 1º e 2º graus. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria da Educação. (pp.13-15), 1991-1995.

BAKHTIN, M. *A Interação Verbal*. In *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, pp.110-136, 2004.

CELANI, M.A.A. *Learner-Based Teaching in Unfavorable classroom situations*. In Educação para Crescer – Projeto de Melhoria da Qualidade de Ensino – Inglês 1º e 2º graus. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria da Educação. (pp. 17-22), 1991-1995.

CORACINI, M.J.R.F. *Interação e sala de aula*. *Calidoscópio*. Vol.3 n.3, p.199-208, set/dez 2005.

CORACINI, M.J.R.F. *Diversidade e semelhanças em aulas de leitura*. In M.J.R.J. Coracini (org.) O Jogo Discursivo na Aula de Leitura. Língua Materna e Língua Estrangeira. (pp.51-65). São Paulo: Pontes, 1995.

DE CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes. 1994.

FIGUEIREDO, C. A. *Linguística Aplicada – aspectos da Leitura e do Ensino de Línguas*. In: Célia Assunção Figueiredo; Osvaldo Freitas de Jesus (orgs.), Linguística in Focus, v.3, Uberlândia: EDUFU, 2005.

FREIRE, A.M.F. *Discurso e Contexto na sala de aula de Língua Estrangeira*. In Maria Inês Pagliarini Cox, Ana Antônia de Assis-Peterson (orgs.). Cenas de Sala de Aula. São Paulo: Mercado de Letras, pp.181-192, 2003.

GOFFMAN, E. *A Situação Negligenciada*. In Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez (orgs). Sociolinguística Interacional. 2ª ed., São Paulo: LOYOLA, P. 13-20, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 2ª ed., São Paulo: ÁTICA, 1991.

SINCLAIR, J.M. and Coulthard, R.M. *Towards an Analysis Of Discourse – The English used by teachers and pupils*. Oxford: OUP, 1975.

TAVARES, R. R. *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão*

sociointeracionista da linguagem. Maceió: EDUFAL, 2007.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari;
revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins
Fontes, 2007.

MODERNISMO EM MATO GROSSO, UMA QUESTÃO POLÍTICA

Franceli Aparecida da Silva Mello - UFMT

Nilzanil Soares e Silva - UNIC

RESUMO: Através do estudo da seção literária “Cavacos Quinzenais”, que integrou o jornal *A Cruz* entre 1922 e 1948, verificamos que o fato de os escritores matogrossenses ignorarem a estética modernista não foi fruto de desinformação, como afirma a maioria dos estudiosos da literatura-mato-grossense, mas uma reação consciente à mudança. Ligados à igreja católica e ao governo, jornal e colunista (José de Mesquita), identificavam o modernismo ao comunismo. Assim, a rejeição à nova estética caracteriza-se pela defesa de um posicionamento político que visava à manutenção da influência da igreja e do estado sobre a literatura e, por extensão, sobre a sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: modernismo, igreja, sociedade.

ABSTRACT: *We have studied the literary section “Cavacos Quinzenais”, column of the journal A Cruz between 1922 and 1948, and conclude that the factor of matogrossenses writers ignores the modernist aesthetic was not resultant of disinformation, as declares the majority of matogrossense literature’s experts, but a reaction against the change. Journal and journalist (José de Mesquita) had relations with Catholic Church and government, both identify modernism with communism. Therefore, the refusal to the new aesthetic can be understood as a defense of the political position that aimed the maintenance of church and government’s influence on literature and, by extent, on society.*

KEYWORDS: *modernism, church, society.*

Os estudos até hoje realizados sobre a crítica literária no Brasil desconhecem a presença do gênero em Mato Grosso. Esta lacuna nos levou a buscar sua manifestação na primeira metade do século XX, período em que se inicia a sistematização da produção literária local, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e do Centro Mato-grossense de Letras (1921), este último por iniciativa do escritor José de Mesquita e de Dom Aquino Correa, bispo, poeta e governador do Estado.

O contexto social que antecede a criação de tais agremiações caracteriza-se pela intensa rivalidade entre as regiões norte e sul, que, desde o advento da República, disputavam a liderança política no Estado. O norte, ainda sob o domínio dos “coronéis”, usineiros de açúcar e pecuaristas, e o sul, com maior desenvolvimento urbano, graças ao surto migratório acentuado, representavam posicionamentos políticos

incompatíveis que resultaram, na maior parte das vezes, em violentos conflitos armados, só minimizados com a nomeação de Dom Aquino Correa para o governo do Estado, em 1918.

Desse modo, para além de sua missão intelectual, a criação das agremiações representou uma tentativa de mudar a imagem negativa de Mato Grosso (“confins do mundo”, onde prevaleciam a violência e a desordem) perante o resto do país, emprestando-lhe ares de civilização.

Guardadas as devidas proporções, o Centro Mato-grossense de Letras pode ser comparado às primeiras academias do Brasil colonial, pois, devido ao isolamento do Estado, propiciou vivência intelectual e se transformou numa espécie de germen irradiador da cultura letrada, porém, ao contrário daquelas, privilegiou o culto à moral e à religião direcionando a educação do gosto do leitor e o exercício literário para estas duas vertentes. Na solenidade de inauguração do Centro, o discurso de seu presidente de honra, D. Aquino Correa, dá o tom conservador que iria guiar o espírito da agremiação:

Façamos uma literatura que eduque e eleve, propinando-lhe no vaso de ouro filigranado e terso das letras, não o veneno róseo da pórneia, nem os perrexos do erotismo fácil e enervante, mas sim as ambrosias e os néctares dos entusiasmos puros, das virtudes generosas, das crenças fortes, dos patriotismos sinceros e dos heroísmos que glorificam toda uma raça [...]. (Revista do Centro Mato-grossense de Letras: 1922, p. 9-14)

Seu vocabulário precioso e a aceção da literatura em seu papel educativo, exemplar e patriótico, revelam certo anacronismo em relação às discussões que se travavam em torno da arte naquele momento, estas já apontando para a renovação, que seria efetivada pela eclosão do modernismo no Brasil no ano seguinte.

Se as instituições supracitadas (IHGMT e CML) foram o pilar de sustentação da literatura mato-grossense ao tempo de sua organização enquanto sistema, o jornal foi seu principal veículo de divulgação. A crítica de rodapés, ou jornalística, foi de suma importância para a legitimação dos textos produzidos naquele momento. E, assim como Sílvio Romero foi o primeiro grande crítico e fundador da crítica literária no Brasil, José de Mesquita o foi para Mato Grosso. Sua atuação como crítico lançou as bases para o movimento de regionalização da literatura mato-grossense. É importante esclarecer que a

comparação entre Mesquita e Romero não os iguala quanto ao *status* de crítico; contudo, somando-se ao fato de terem sido críticos iniciadores, ambos têm em comum a *nacionalidade* como critério de julgamento da obra literária.

Alicerçada no discurso vinculado à campanha para a reestruturação da sociedade mato-grossense em nível cultural e de progresso material, sem negligenciar a manutenção da ordem e da moral, a produção literária deveria, ainda, estar em conformidade com a idéia de representação da nação, o que, entre nós, passava obrigatoriamente pela valorização do regional.

O momento decisivo de estruturação do projeto literário calcado nos aspectos regionais foi a chegada de D. Aquino e José de Mesquita à direção do jornal *A Cruz*, difundindo o que se considerava a “nova imagem” da literatura em Mato Grosso. Neste jornal, Mesquita assumiu várias funções, inclusive a de crítico literário. Dentre as suas colunas, assinadas com o próprio nome ou sob pseudônimos, destacamos, neste trabalho, “Cavacos Quinzenais”, criada em 1922, por ser a que melhor representa a reação ao movimento modernista, como se vê neste excerto: “Não resta dúvida que é muito louvável a tendência que se vem acentuando mais nessas letras pelo regionalismo principalmente no que implica de reação contra a subserviente tutela em que muitos dos nossos literatos se colocam diante da exclusiva cultura estrangeira”. (Cavacos Quinzenais, julho de 1922)

Se por um lado a intelectualidade mato-grossense corrobora a concepção tradicional _ porque sedimentada no senso comum e até por uma parte da crítica literária brasileira _ da literatura como veículo da nacionalidade, por outro, engaja-se no projeto, atualíssimo, de difusão de uma imagem regional positiva, com o propósito de reverter a fama de lugar violento e atrasado que, acreditava-se, emperrava o progresso do Estado.

Assim, no Mato Grosso da década de 1920, o cenário cultural apresenta duas faces: uma voltada para o passado romântico; outra para a construção de uma espécie de *marketing* regional. Neste item, adiantando-se ao ideário que seria adotado pelo Estado Novo para a cultura, no qual a literatura seria concebida como veículo de divulgação da imagem da nação centrada nas demonstrações de brasilidade. Deste modo, a literatura brasileira seria representada por escritores voltados para a construção da nacionalidade; mas não aos moldes modernistas, isto é, com acentuada influência estrangeira, irreverência, ruptura com a linguagem tradicional e misturando ficção e realidade; e sim com “verdade”, com objetividade científica. Decorre daí o apreço dos ideólogos do Estado Novo pelo romance da década de

1930, que, através da representação das peculiaridades regionais, levaria a um reencontro com o Brasil, com as raízes do povo e da terra.

O jornal *A Cruz*, através de seus artigos e editoriais, compartilhou do ideário estadonovista saudando-o como o período glorioso do Brasil, e registrando todas as ações positivas da administração dos interventores em Mato Grosso, principalmente a de Júlio Müller, apresentada como um período de intenso progresso, que trouxe “mudanças” significativas para a cidade de Cuiabá. Mudanças aqui entendidas como transformações no espaço urbano e que estiveram vinculadas à sua manutenção como capital do Estado, projeto político no qual D. Aquino e José de Mesquita tiveram papéis decisivos.

A crítica literária do jornal *A Cruz*, produzida por Mesquita e seus pares, em sua maioria destinava-se a julgar a literatura local pelos padrões estabelecidos nos estatutos do Centro Mato-grossense de Letras, ou seja, a moral, o telurismo, o rigor formal, e geralmente eram trabalhos carregados de elogios ao autor da obra analisada. Com frases de efeito como: “Os amigos são sempre uns gênios”, ou pelo menos “é um talento bonito”, um “escritor de talento”, “um artista de rara sensibilidade” e coisas do gênero, o elogio parecia ser a regra de ouro do crítico José de Mesquita.

Além de tentar fortalecer a identidade regional, a crítica mesquiteana pretendia entreter, informar, educar o gosto dos leitores, ditar regras sociais, morais e religiosas. O autor ressaltou, ainda, em suas seções, aspectos que valorizavam o passado e a terra, enalteceu os feitos heróicos, a natureza e suas riquezas, os costumes, a linguagem erudita. Sua crítica contribuiu, como já dissemos, para o fortalecimento da “cruzada civilizatória” em prol da isolada e esquecida região. Um exemplo disso temos no comentário ao romance *Os companheiros de rancho*, de Antonio Gonçalves de Carvalho:

[...] é este um dos poucos romances mato-grossenses, e por esse fato, como ainda pelo que vale em si mesmo, mereceria a mais ampla vulgarização no nosso meio literário, infelizmente bem reduzido.

[...]

Esses, os temas que devem os nossos vates e novelistas abordar: temas nossos, inspirações nossas, que, infelizmente, tem impressionado mais aos estranhos do que mesmo aos filhos desta terra... Livros como este do Dr. A. G. de Carvalho devem figurar em todas as estantes mato-grossenses. (Cavacos Quinzenais, 1922)

Em relação à poesia, Mesquita vê nela um encantamento capaz de salvar o mundo. Faz sua crítica sem grandes preocupações teóricas, apenas colocando em apreço trechos que elevassem a moral

(dever, justiça, honra, honestidade, pureza, bondade, simplicidade), e a religião (fé, caridade e amor). Refere-se com freqüência ao parnasianismo, enquanto representação e verossimilhança para o arcabouço da obra, mas sua preferência é sempre por temas românticos e sentimentais.

Antimodernista militante, a todo o momento o crítico ataca o movimento de 22, tanto em seus aspectos estéticos quanto ideológicos. Um dos traços mais marcantes na crítica de José de Mesquita é o seu amor pelo passado, seja na escolha do autor seja no estilo do texto que está analisando. Na escolha do autor e do trecho analisado Mesquita revela uma tendência para a crítica impressionista, “boa” para ele era a obra que despertasse e tocasse sua sensibilidade, o que explica, em parte, sua rejeição ao modernismo. Sobre a incompatibilidade entre impressionistas e modernistas, afirma Lafeté:

Resulta daí que os movimentos de vanguarda _ renovadores da sensibilidade na mesma medida em que são renovadores de linguagem _ não podem ser plenamente compreendidos ou aceitos pelo crítico impressionista, que está preso aos seus hábitos velhos e os toma como valores absolutos no julgamento da obra, uma vez que não é capaz de sair deles, pela reflexão sobre a natureza da literatura. (2000, p.62)

O gosto de José de Mesquita, formado no influxo de autores como Anatole France, Boileau, Brunetière, Bouget, Mauriac, Coppée e Ruskin, ficaria preso ao modelo literário praticado por tais escritores.

Como consequência direta desta visão passadista da arte, temos uma concepção de mundo retrógrada e reacionária. Assim, em vários textos, Mesquita deixa transparecer sua ojeriza ao modernismo, relacionando-o ao campo político que combatia, qual seja, a esquerda. Vejamos alguns exemplos:

Às vezes para orientar-me em meio à corrente bolchevista que pretende transformar, deformando, a arte contemporânea, recorro à leitura de algum velho poeta, do tempo em que para versejar era preciso conhecer métrica e ter uma idéia para se exprimir _ porque hoje com o ‘metro livre’ que melhor se diria a falta de metro ou arhythmia, e com a ‘ inspiração sem peias de escola’ nada é mais fácil que alinhar meia dúzia de palavras, que no fundo nada significam, mas geometricamente dispostas em forma poética, e esperar pela interpretação daquela charada que forçosamente consagrará o seu autor em gênio, é o que é mais, gênio de mui poucos compreendido.

[...]

E _ ó suprema heresia que me valerá, estou certo, a fulminante sentença por parte do Tribunal revolucionário da Nova Arte, mais implacável que o de Moscou _ digo-vos aqui, muito à pureza, que prefiro mil vezes ler uma página em prosa de Flaubert ou Maupassant, Eça ou Fialho, Ruy ou Coelho Neto, em que encontro muito mais ritmo e sentimento, (condições essenciais da expressão poética) do que todos os volumes produzidos pelos coryfeus da Arte Nova. (Cavacos Quinzenais, maio de 1923)

Em artigo, publicado anteriormente, ao mencionar a opinião de outro crítico, mostra que não está sozinho na sua luta contra a nova estética e aproveita para registrar a origem estrangeira do modernismo ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, enaltece o parnasianismo (tão importado quanto):

O cânon da nova poética _ que, excusado é dizê-lo, é uma arte de importação _ vem condensado nas 'Notes sur la technique poethique' de Vildrac e Duhamel, a respeito das quais Julio Dantas escreveu uma bela página de critica que convinha fosse lida pelos verslibristes da terra, pois fulmina, com seu espírito leve e faceto, as extravagâncias da moderna escola.

[...]

Depois da pleora emocional que foi o romantismo entre nós ainda mais agravada pelas condições peculiares do meio e da raça, o credo parnasiano veio, em boa hora, aliar à beleza plástica do verso a sobriedade elegante do sentimento e deu-nos em Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa e Emílio de Menezes os expoentes máximos de uma geração brilhante e que ainda não tiveram substitutos nas nossas letras. (Cavacos Quinzenais, novembro de 1922)

Em relação ao período de 1922 a 1930, os estudiosos da literatura mato-grossense, geralmente, apontam o anacronismo de nossa produção literária em relação ao restante do país que, em tese, estaria passando por mudanças substanciais no que dizia respeito às artes, principalmente a literatura. Contudo, é preciso levantar alguns questionamentos: primeiro, se o ideário modernista ultrapassou as fronteiras do eixo Rio/São Paulo; segundo, se o fato de os escritores mato-grossenses ignorarem a nova estética foi

fruto de desinformação ou foi uma reação consciente à mudança. Pelo que se pode observar nos trechos citados acima, publicados em 1923 e 1922, portanto, recentes em relação à realização da Semana de Arte Moderna, o anacronismo na literatura regional foi deliberado, pois os fatos relativos à renovação literária não eram ignorados pela elite intelectual mato-grossense. José de Mesquita registra em suas crônicas suas constantes viagens à capital do país e o intercâmbio com outras academias de letras. Desse modo, apesar de autores como Hilda Magalhães, Rubens de Mendonça e outros, apontarem o isolamento geográfico como fator de atraso literário, acreditamos que o anacronismo em Mato Grosso foi uma opção consciente dos intelectuais envolvidos com o projeto do Centro Mato-grossense de Letras e do jornal *A Cruz*, influentes representantes da literatura local.

Mesquita, como católico militante, jamais aprovaria uma estética que pudesse ser identificada com o comunismo, regime político que, entre outras coisas, condenava a influência religiosa sobre a sociedade. Assim, no seu entender, a adesão à nova estética não significava apenas uma “degradação” do gosto literário, mas uma ameaça ao poder da igreja e dos religiosos.

Em Mesquita, o apego ao passado evidencia-se até mesmo em sua forma de expressão, com a construção de períodos enormes, cheios de orações justapostas, com muitos apostos, em contraste com a escrita modernista, geralmente, frases curtas, sintéticas com economia de palavras. A escolha dos adjetivos lhe é bem peculiar; parece que o crítico tinha uma preocupação em “escrever bonito”, o que o leva muitas vezes aos sintagmas de eloquência fácil, como estas usadas em várias de suas análises: “linguagem suave e fluente que recende aos mais puros afetos do coração humano”, ou “o doce amor filial que tem feito vibrar as liras de todos os poetas”. (Cavacos Quinzenais, 8 de fevereiro de 1923)

Parece ser este outro traço antimodernista em José de Mesquita a verbosidade excessiva, a palavra fácil que utiliza sem nenhuma contenção. Sua facilidade provém, talvez, dele ter sido um homem de conversa amigável, com propensão para a oratória, a propósito, foi orador de sua turma, em 1913, quando formou-se bacharel em ciências jurídicas na então Faculdade de Direito no Convento de São Francisco, e teve como colega de turma Menotti Del Picchia.

Se em alguns momentos, a crítica mesquiteana é marcada pelo comentário superficial, em outros podemos perceber um verdadeiro “horror à síntese”, em várias crônicas procura fornecer uma visão completa tanto do espírito da obra como do homem que a realizou, adotando um modelo de abordagem utilizado por críticos como Agripino Grieco, Tristão de Athayde, uma prova de que sua crítica nem sempre foi anacrônica ou atemporal. Segundo Lafetá, este tipo de crítica

[...] casa-se perfeitamente com a técnica do jornalismo; que trata de apresentar ao público uma figura, de entrevistar um autor narrando passagens de sua vida, dialogando com seus livros como se estes fossem pessoas em amável entretenimento com o entrevistador. (2000, p. 54)

Acrescenta, ainda, que a exemplo de toda conversa amigável, os assuntos se embaralham, e se imbricam, e “jamais são desenvolvidos ou chegam ao fim”, o que parece contrariar a intenção de Mesquita, declarada num de seus artigos:

A arte é o equilíbrio exato não o caos desordenado [...] E assim formulei para o meu uso próprio um critério que consiste em ler muito, mas de tudo o que ler procurar condensar o essencial, o importante, — na ciência o certo e na arte o belo— estabelecendo assim a ordem das idéias justas e lógicas como que construindo o *substractum* dos conhecimentos adquiridos. (Cavacos Quinzenais, fevereiro de 1923)

Durante toda a sua atividade de crítico procurará ser fiel a esse método, contudo, na maioria das vezes, ao buscar a síntese das idéias de cada leitura acaba por fazer apenas um mosaico. Aqui cabe observar que há nesse modo de ver o belo e o certo, uma interferência do posicionamento religioso do autor, isto é, a ciência só será “boa” se passar pelo crivo do pensamento católico e o belo nas artes corresponde, não só ao poder de evocação e sugestividade das obras, mas ao seu teor moral. Assim, um “bom romance” (esteticamente) pode ser considerado “perigoso” se não estiver de acordo com a moral religiosa, no caso a católica.

A repulsa por algumas obras, principalmente romances, parte, sobretudo, de um determinado conceito moral, desta forma, em sua crítica podemos inferir que o critério estético se subordina ao ético, pois a beleza não é considerada um fim, mas um meio. Prova disso é que suas análises de textos em prosa dão ênfase às ações das personagens para a exposição de lições de moralidade e de sentimento ligados à recuperação e à valorização da fé cristã, ao exercício da fraternidade e da caridade. Na crítica biográfica, o autor buscava traços comuns para compor “a fisionomia moral” do biografado, misturando o “eu social” ao “eu criador” do escritor.

Seu impressionismo, apontado anteriormente na crítica poética, se evidencia constantemente na prosa, com registros emotivos apelando para a conduta moral/religiosa do leitor. Apesar de seu espírito conservador, José de Mesquita era um leitor atualizado, fato verificado através das várias citações que faz de autores consagrados seus contemporâneos. Desse modo, seria de se esperar de sua parte uma prática mais objetiva e científica, mas ocorre o inverso, sua crítica cede lugar a uma reivindicação hedonista.

Tocamos aqui num ponto importante no que tange à avaliação da atividade crítica do autor, isto é, devemos exigir ou não uma postura mais objetiva nas análises, uma vez que ao iniciar suas seções na coluna “Cavacos Quinzenais” _ cujo assunto gira em torno de literatura _ o cronista as definiu apenas como “uma conversação ligeira sem assunto fixo”, portanto, sem pretensões a crítica literária? A nos fiarmos nesta afirmação, concluiremos que ele cumpriu o prometido. No entanto, não podemos nos esquecer de que havia um projeto político-cultural de afirmação da nacionalidade que passava pela divulgação do regional naquele momento da vida do país e do Estado, e que Mesquita aderiu a esta causa.

Como já foi visto, o regional passou a ser, tanto para os intelectuais conservadores como para os progressistas, o reencontro com o Brasil que se afastara de suas raízes e tradições intelectuais. A maneira de José de Mesquita realizar este ideal foi tentando afastar a literatura mato-grossense da estética modernista. E isto se percebe claramente em sua crítica, nada despreziosa, diga-se de passagem.

Embora tenha demonstrado certa simpatia pelo regionalismo e, na década de 1930, venha aderir politicamente ao ideário estadonovista, que, como vimos, elegeu o romance regionalista de 30 como o expoente máximo da literatura brasileira; na década de 1920, Mesquita não deixa de expressar suas restrições à escola:

Fala-se muito ultimamente em regionalismo, arte, escola, tendências regionalistas. Avança-se mesmo que a literatura regionalista é a única hoje compatível com a nossa evolução e que o regionalismo é um cânon consagrado na Arte moderna.

[...]

Mas, ponhamos as coisas no seu devido lugar e evitemos excessos, próprios, aliás, das fases de transição: o regionalismo não é uma expressão nova nas nossas letras e nem por ele, exclusivamente por ele, se há de aferir o valor dos expoentes culturais de nossa terra. (Cavacos Quinzenais, julho de 1922)

O regionalismo que Mesquita defendia, portanto, era aquele que se limitava a mostrar paisagens e costumes regionais, muito diferente do proposto pelos regionalistas de 1930. Estes viam nesta literatura

uma forma de denunciar a miséria e injustiça social a que estavam submetidas as regiões mais distantes dos centros econômico e de poder; Mesquita, ao contrário, utiliza-se da exaltação do regional para manter o *status quo*.

Sua aproximação ao movimento de recristianização e reespiritualização empreendido, a partir da década de 1920, pelos críticos declaradamente católicos como Tristão de Athayde, presidente do movimento, conferem-lhe um papel que, embora antipático aos olhos atuais, não pode ser ignorado pelos estudiosos da literatura mato-grossense. Com sua crítica, literária ou não, o presidente do Centro Mato-grossense de Letras e articulista do jornal *A Cruz*, cavava uma trincheira com o objetivo deliberado de impedir a entrada do modernismo e das idéias decorrentes dele no Estado.

A par do discurso pela valorização do regional, Mesquita empreendeu o da recristianização do país, retomando a tradição católica; propósito que se casou perfeitamente com a ideologia da ordem conservadora que iria sustentar o Estado Novo. E essa crença dúbia — no restabelecimento das raízes regionais através da literatura e de que o Brasil só se regeneraria se voltasse às origens católicas — teve em Mato Grosso dois discípulos fiéis, D. Aquino e José de Mesquita, que projetaram o desenvolvimento das letras mato-grossenses, segundo seu modo de ver. Desta maneira considerou-se o problema estético como subordinado ao problema maior da criação da nacionalidade/fortalecimento regional, e este subordinado ao problema religioso, estabelecendo uma hierarquia de prioridades para a emergente literatura mato-grossense.

Referências bibliográficas:

LAFETÁ, J.L. 1930: *a crítica e o modernismo*. São Paulo: 2 cidades; Ed. 34, 2000.

MAGALHÃES, H.G.D. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Publicações Unicen, 2001.

MENDONÇA, R. de. *História da literatura mato-grossense*. 2ª. Ed. São Paulo: Ave Maria, 1970.

PERIÓDICOS

Jornal *A Cruz*, órgão da Liga Católica Brasileira de Mato Grosso. “Cavacos Quinzenais”, 1922-23.

REVISTA DO CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS. Cuiabá, Ano I, nº 1, 1922.

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NO GÊNERO NOTÍCIA

Josa Coelho da Silva¹

RESUMO: Esta pesquisa elabora uma breve análise do funcionamento e constituição do gênero discursivo notícia, da esfera jornalística, através das relações dialógicas com discursos já-ditos e pré-figurados. A fundamentação teórico-metodológica adotada segue a Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin, utilizando-se das concepções de linguagem, enunciado e gênero discursivo. Foi anexada a notícia analisada, publicada no jornal *Diário Catarinense* (de circulação estadual) em 09 de agosto de 2007, na editoria de *Gerais*. A metodologia de análise buscou seguir a ordem proposta por Bakhtin para o estudo da língua: as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições de produção (contexto), as formas dos enunciados em relação ao gênero do discurso e o exame das formas da língua. Este artigo limitou-se em descrever apenas uma dimensão do gênero discursivo: a verbal². Foram enumeradas algumas regularidades enunciativas/discursivas encontradas que tipificam a interação mediada por esse gênero na mídia, com foco na composição (relações dialógicas com outros enunciados).

Palavras-chaves: Gênero do discurso. Relações dialógicas. Dimensão verbal.

ABSTRACT: *This research elaborates one brief analysis of the functioning and constitution of the discursive genre notice, of the journalistic sphere, through the dialogic relationships with already-said and daily pay-appeared speeches. The reasoning theoretical-methodological adopted follows the Dialogic Analysis of Speech of the Circle of Bakhtin, using conceptions of language, utterance and discursive genres. The analyzed notice was annexed, published in the periodical Diário Catarinense (of state circulation) in 09 of August of 2007, in the editoria of Gerais. The methodology of analysis follows the order proposal for Bakhtin to study of language: the forms and the types of verbal interaction in linking with the conditions of production (context), the forms of utterances than the speech genres and the examination of language forms. This article was limited in describing only one dimension of the discursive genre: the verbal one. Some found regularities enunciative/discursive had been enumerated, that analysis the interaction mediated for this genre in the media, with focus in the composition (dialogic relationships with other statements).*

Key words: *Discursive genre. Dialogic relationships. Verbal dimension.*

¹ Formada em Comunicação Social – Jornalismo pela UNISUL e estudante de graduação de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela UFSC. Bolsista PIBIC.

² É importante esclarecer que as duas dimensões apontadas neste artigo – a verbal e a social ou extraverbal – não são processos ou instâncias estanques ou separados (autônomos), mas interligados pelo próprio funcionamento do gênero nas diversas interações.

1 Introdução

No início do século XIX, um grupo de estudos denominado *Círculo de Bakhtin* inovou a Linguística da época ao propor uma nova filosofia da linguagem, de fundamentação marxista: a concepção de linguagem como interação verbal. A proposta, apresentada no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*³, e detalhada em outros trabalhos ora assinados por Voloshinov, ora por Bakhtin, pretendia dialogar com as correntes do pensamento filosófico-lingüístico da época, introduzindo uma tese sociodialógica da linguagem.

Bakhtin (2004) divide as correntes da época em duas vertentes: *Subjetivismo Idealista*⁴ e *Objetivismo Abstrato*. O primeiro considerava a linguagem como simples expressão do pensamento. Com orientação lingüístico-filosófica no Romantismo (Wilhelm Humboldt, Karl Vossler, Leo Spitzer e Benedetto Croce são alguns representantes), consideravam como núcleo da realidade lingüística o ato da fala individual, ou seja, monológico: linguagem como expressão do EU. A língua como uma atividade ininterrupta de construção (energia) que se materializava nos atos de fala individuais (teoria da expressão).

Já o *Objetivismo Abstrato* tinha orientação no Racionalismo e no Neoclassicismo (representantes: Leibniz, Bally, Ferdinand de Saussure). Aqui, o núcleo da realidade lingüística era o sistema abstrato das formas lingüísticas. A língua como um sistema estável, imutável, objetivo e homogêneo. A função da linguagem era ser instrumento de comunicação. Reduziam, assim, a língua ao código de comunicação, não considerando o enunciado, por exemplo.

Bakhtin (2004) dialoga com essas correntes ao afirmar que ambas negam o caráter dialógico da linguagem e sua natureza sócio-histórica e ideológica. Contrariando a idéia de língua como sistema, ele considera-a enquanto interação social (tese sociodialógica da linguagem), ao afirmar que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

(BAKHTIN, 2004, p. 123)

³ Apesar de ser assinado por V. N. Voloshinov, atualmente o trabalho é atribuído a M. Bakhtin.

⁴ Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, aparecem dois termos para nomear o mesmo grupo: *Subjetivismo Idealista* e *Subjetivismo Individualista*.

A linguagem, portanto, medeia as diversas situações de *interação verbal*, que implica dois indivíduos (locutor e ouvinte) de mesma comunidade lingüística e de uma sociedade organizada. Eles precisam estar integrados na “unicidade da situação social imediata”, ter relações entre si; ou seja, “a unicidade do meio social e a do contexto social imediato” são as condições básicas para haver um “ato de linguagem” (BAKHTIN, 2004, p. 70-71). O produto dessa interação entre “dois indivíduos socialmente organizados” é a *enunciação*.

A proposta bakhtiniana, portanto, defende que a natureza da linguagem tem relação com o social e o ideológico: a realidade fundamental da língua é a interação; ela só pode ser analisada na sua complexidade quando considerada como fenômeno socioideológico (não é um sistema fechado); a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal (realidade fundamental da língua), realizada através da enunciação; a língua viva evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico das formas da língua.

A inovação dessa teoria foi romper com o esquema simplista da Lingüística Geral, sob a perspectiva do Objetivismo Abstrato e do Subjetivismo Idealista: onde o falante (ativo) envia uma mensagem ao destinatário, cujo caráter é totalmente passivo. No esquema mais complexo de Bakhtin, o destinatário (interlocutor) assume um caráter ativo na construção da enunciação, pois é ele quem dá forma e estilo.

2 O caráter dialógico da linguagem

A concepção de linguagem como interação verbal implica o que Bakhtin (2004) denomina de *caráter dialógico*: qualquer expressão, qualquer individualidade criativa são determinados socialmente, bem como orientados para o outro⁵. A palavra, como produto da interação entre dois indivíduos, comporta “duas faces”: procede de alguém e se dirige a alguém (sempre busca a reação do outro). Por isso que, para a teoria bakhtiniana, não existe discurso neutro e nem “fala individual”: ela é sempre composta de discursos já-ditos e dirigida a alguém.

⁵ O “outro” para Bakhtin (o interlocutor) não é um simples ouvinte que compreende passivamente a enunciação, mas aquele que responde e replica de maneira ativa – é um participante ativo da comunicação discursiva. O falante constrói seu enunciado (estilo e composição) de acordo com essa resposta que ele espera.

“Por *palavra do outro* (enunciado, produção verbal) entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua (minha língua materna), ou em qualquer outra língua, ou seja: qualquer outra palavra que não seja a minha.” (BAKHTIN, 1997b, p.383).

A situação dos participantes dá forma e estilo à enunciação; ou seja, a enunciação é socialmente dirigida: “A situação mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, [...] a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” (BAKHTIN, 2004, p. 113). O dialogismo é considerado por Bakhtin (1997a) como uma das formas composicionais do discurso.

O próprio ato de compreensão do interlocutor é dialógico:

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência: a consciência do outro e seu universo, isto é, outro sujeito (um *tu*). [...] a *compreensão* implica duas consciências, dois sujeitos. [...] A compreensão sempre é [...] dialógica.
(BAKHTIN, 1997a, p. 338)

A relação com o sentido, portanto, é sempre dialógica: a “coisa” da qual se fala não existe mais só em si e para si, mas “para algum outro” (BAKHTIN, 1997a, p. 343); o sentido se dá nessa relação dialógica que só é possível entre enunciados concluídos, proferidos por sujeitos falantes distintos. “A relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua.” (BAKHTIN, 1997a, p. 345).

3 A língua como discurso

A teoria bakhtiniana dialoga com duas correntes lingüístico-filosóficas de conceber, investigar e compreender a língua: como sistema e como discurso. A língua como sistema, objeto da Lingüística, é estudada como objeto de signos: suas relações sintático-composicionais, semânticas, tudo dentro do sistema da língua e nos limites do texto. Já a língua como discurso, objeto da Metalingüística, considera os enunciados, gêneros do discurso e relações dialógicas (entre enunciado e realidade, sujeito e outros enunciados). Bakhtin adota essa última concepção:

[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.

(BAKHTIN, 2005, p. 181)

Tanto a Lingüística quanto a Metalingüística, portanto, estudam o mesmo fenômeno sob diferentes aspectos e ângulos de visão. Enquanto a primeira considera apenas a “dimensão verbal” do discurso, a segunda, adotada por Bakhtin, considera também a “dimensão extraverbal”. Pois, como afirma Bakhtin: “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

As relações dialógicas, aspectos extralingüísticos, estão no cerne da teoria bakhtiniana enquanto concepção de linguagem como interação verbal – a materialização do discurso.

O discurso, portanto, nasce no diálogo: ele é sempre orientado para a resposta-ativa do interlocutor, que, por sua vez, participa da formação do discurso:

[...] Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada.

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo.

(BAKHTIN, 1998, p. 89)

Esse diálogo, momento da enunciação, é irrepitível: o discurso, como um “evento”⁶ no mundo, é proferido uma única vez em determinada situação de interação. Não pode ser repetido, apenas citado. O mesmo acontece com a unidade real de comunicação discursiva: o enunciado, conceito-chave para a teoria bakhtiniana.

4 O enunciado: unidade real e concreta da comunicação discursiva

O discurso materializa-se na forma de *enunciados*: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Ou seja, “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

Com essas afirmações, Bakhtin define o enunciado como a unidade real e concreta da comunicação discursiva. Uma totalidade discursiva irrepitível: para Bakhtin, o enunciado é um evento único, que não se repete, no máximo pode ser citado (BAKHTIN, 2004). E que possui o caráter dialógico: todo enunciado é uma resposta ao que já foi dito e espera uma nova resposta. “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação ininterrupta” (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Os enunciados, assim, entrelaçam-se numa corrente de “diálogos” em que o sentido não tem fim, não pode haver enunciados isolados. É o que Bakhtin (2003, p. 271) denomina de

⁶ Bakhtin considera como “eventos” ações sociais mediadas pelo discurso.

responsividade: quando o ouvinte torna-se falante, pois sua compreensão (ativa) é sempre de natureza responsiva – uma resposta ao já-dito. A compreensão, assim, também é dialógica: compreender implica tornar-se participante no diálogo⁷ (BAKHTIN, 1997a, p. 355).

A construção do enunciado, portanto, é bem mais complexa e determinada por outras variantes que se entrecruzam na situação social de interação, apontadas por Bakhtin (2003, p. 289): gênero, intenção do falante, expressividade (“a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado”), a relação valorativa do falante com o objeto do discurso. O elemento expressivo, portanto, sempre acompanha o enunciado – por isso não existe enunciado absolutamente neutro.

De acordo com Rodrigues (2005), o gênero é composto por duas dimensões inextricáveis que também se aplicam ao enunciado:

- a) A dimensão lingüística: verbal, com uma expressão material semiótica exprimida, materializada;
- b) A dimensão social: extra-verbal, a situação social em que o discurso é proferido.

Essa segunda dimensão, que Bakhtin denomina de “situação social mais imediata”, também determina a construção do enunciado: a ligação entre os falantes, por exemplo (se é chefe e empregado, pai e filho, professor e aluno), o momento da fala (conversa de bar ou apresentação de um seminário). Ela é definida por quatro tipos de “horizontes”: *temporal* e *espacial* (toda enunciação ocorre em determinado tempo e espaço), *axiológico* (índices de valor que sempre acompanham o objeto expresso) e *temático* (objeto de sentido). Essas são as condições sociais de produção dos enunciados.

Mas o que de fato determina um enunciado e o diferencia de uma oração são: a *alteridade* (alternância dos sujeitos discursivos); a *expressividade* (posição valorativa); e a *conclusividade* (objeto do discurso, o projeto discursivo e a composicionalidade típica do gênero). São peculiaridades enunciativo-discursivas e lingüístico-textuais próprias do enunciado, apontadas por Bakhtin (2003).

⁷ Bakhtin (1997a) distingue três participantes do enunciado: o primeiro é o *autor* da produção verbal; o segundo é o *destinatário*, a quem o autor espera e presume uma compreensão responsiva; e o terceiro é o *superdestinatário*, quem “compreende” o enunciado.

Como aponta Rodrigues (2005), a *expressividade* é a instância de expressão da posição valorativa do falante e dos outros participantes da comunicação discursiva (a marca do dialogismo no interior do enunciado). As outras duas características determinam os “limites” do enunciado. A *alteridade* é determinada pelo chamado “dixi conclusivo”: quando o falante “passa a palavra” ao ouvinte. O enunciado, assim, possui início e fim (antecedido pelos já-ditos e seguido pelos enunciados-respostas). Já a *conclusividade* é a manifestação da alternância dos sujeitos discursivos vista do interior do enunciado (RODRIGUES, 2005). Segundo Bakhtin (2003, p. 280-281), é quando há possibilidade de resposta (posição responsiva) – pode ser “contestado”. É a conclusão do assunto, o “disse tudo”: quando o enunciado alcança a completude de sentido (totalidade discursiva). Ele aponta ainda três fatores que determinam essa “inteireza do enunciado”: 1) tratamento exaustivo do sentido do objeto do enunciado (tema); 2) projeto discursivo do falante (limites); 3) gêneros do discurso (situação de interação).

Pode-se perceber, com essas características, que o dialogismo marca o enunciado tanto externa quanto internamente: ele já se constrói dialogicamente como discurso do outro. A situação dos participantes, portanto, define a forma e o estilo do enunciado.

5 Gêneros do discurso: tipos relativamente estáveis de enunciados

Os enunciados são sociologicamente tipificados nas diversas interações, constituindo o que Bakhtin denomina de *gêneros do discurso*: “tipos relativamente estáveis de enunciados” ou “formas relativamente estáveis e normativas do enunciado” (RODRIGUES, 2005, p. 163). Rodrigues (2005, p. 164) explica a noção bakhtiniana de “tipo” como “modos sociais de discurso”:

[...] tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes.

Para Bakhtin (2004, p. 43) “[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas”. Sendo “modos sociodiscursivos”, os gêneros, portanto, regulam, organizam e significam a interação.

Os gêneros são “relativamente estáveis” porque se adaptam facilmente às mudanças sociais, transformam-se com o surgimento de novas interações. Segundo Bakhtin (2003, p. 283), a diversidade de gêneros é enorme e suas formas “[...] são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua”.

Como características dos gêneros discursivos, podem-se apontar:

1. *Caráter normativo*: Os gêneros dão um “horizonte”, um “caminho” para a fala. De acordo com Rodrigues (2005), eles servem como “modos sociais de ação” e como “índices sociais” para a construção dos enunciados, ajudam a calcular o “dixi conclusivo” do falante, entre outras funções. Esse caráter normativo é o processo de *tipificação*, já explicado anteriormente.

Eis alguns elementos da enunciação, apontados por Bakhtin (2003), que são determinados pelos gêneros: entoação expressiva (os gêneros dão o “tom” do enunciado); escolha das orações e das palavras; e concepção de destinatário (cada gênero possui uma concepção típica de destinatário). Enfim, os gêneros regulam, organizam e significam a interação. Eles são, portanto, constituídos dentro da situação social de interação: o que os define são as funções discursivo-ideológicas e a esfera social; não suas propriedades formais (RODRIGUES, 2005, p. 164).

2. *Estratificação social*: Segundo Bakhtin (1998, p. 81-82), cada enunciação concreta do sujeito do discurso sofre aplicações de forças da língua, as quais ele divide em *forças centrípetas* e *forças centrífugas*. O primeiro grupo possui a função de unificação e centralização da língua: impõe a idéia de “língua única”, presente no pensamento lingüístico e estilístico e com papel criador e estilizador para a maioria dos gêneros poéticos. Já as *forças centrífugas* desunificam e descentralizam a língua: estas estratificam-se em várias linguagens (“plurilingüismo”). Para Bakhtin (1998), o plurilingüismo está sempre presente nas enunciações.

Bakhtin considera os gêneros discursivos como forças sociais centrífugas, pois possuem a ação de estratificação social: todo discurso é pressuposto por *vozes sociais* – vozes de instituições, posicionamentos axiológicos e ideologias⁸.

3. *Esferas sociais e cronotopos*: Todo gênero pertence a uma esfera social. Cada esfera possui funções sócio-ideológicas particulares e um repertório de gêneros discursivos próprios.

⁸ Com base em Bakhtin (1998 e 2004), as ideologias podem ser compreendidas como instâncias sociodialógicas e semióticas que se constituem e funcionam em confluência entre o discurso interior e exterior e cuja materialidade discursiva é perpassada por diversos índices sociais de valoração, que não apenas legitimam seu caráter axiológico, mas também, em adição, determinam seu sentido.

Por exemplo, notícia, artigo assinado, reportagem e entrevista são alguns gêneros da esfera do jornalismo.

Cada gênero também possui um campo predominante de existência, que é o seu *cronotopos*. Como explica Rodrigues (2005), é a situação social própria de cada gênero. Ele é definido pelos horizontes (espacial, temporal, temático e axiológico) e pela concepção de autor e destinatário.

4. *Índices de totalidade*: Os gêneros ainda se constroem a partir de três elementos enunciativos, denominados por Bakhtin de índices de totalidade – tema (objeto e finalidade discursivos, sua orientação de sentido para com ele e os outros participantes da interação), estilo (uso típico de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e composição:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

(BAKHTIN, 2003, p. 261-263)

Todos esses conceitos (gênero, enunciado, discurso) são interligados, na teoria bakhtiniana, com a noção de *ideologia* – já que trabalham com signos, por serem da área da linguagem, e todo signo é ideológico. Segundo Bakhtin (2004, p. 32): “Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico.”

Essa é a maneira como as ideologias perpassam os gêneros: refletindo e refratando realidades por meio do discurso. Bakhtin (2004, p. 118-119) define dois “grandes grupos” de ideologias: *ideologia do cotidiano* e *sistemas ideológicos constituídos*.

O primeiro seria o domínio da palavra interior e exterior desordenado e não fixado em um sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada estado de consciência. O autor relaciona as ideologias do cotidiano com os chamados *gêneros primários (simples)*: formados na “comunicação discursiva imediata”, do cotidiano, não formalizados e institucionalizados. Exemplos: conversa de salão, conversa sobre temas cotidianos, carta, diário íntimo, bilhete, entre outros (BAKHTIN, 2003).

Já os sistemas ideológicos constituídos podem ser perpassados por ideologias do cotidiano, que se transmutam e são revaloradas (reacentuadas) – passam a ser vistas como sistematizadas. As ideologias institucionalizadas são formadas pela moral social, ciência, arte e religião. Ambos os conceitos formam uma relação de influência mútua: esses produtos ideológicos constituídos conservam um constante elo vivo com a ideologia do cotidiano, alimentam-se de sua “seiva”, pois fora dela “morrem” – eles necessitam dessa base para se firmarem.

Esse segundo grupo é representado pelos *gêneros secundários (complexos)*: advêm de um convívio cultural mais complexo, são institucionalizados, como romance, editorial, tese, palestra, anúncio, livro didático, drama, pesquisa científica, e muitos outros. Tanto os gêneros primários quanto os secundários formam uma espécie de ciclo: os secundários surgem dos primários (incorporam-nos e reelaboram-nos), mas continuam “influenciando” suas interações sociais. Todos os gêneros jornalísticos (notícia, reportagem, editorial, artigo, etc.) são secundários.

De acordo com a teoria bakhtiniana, os gêneros do discurso mantêm uma relação dialética com o enunciado: eles dão o “tom” (caráter normativo), mas também surgem dos próprios enunciados. É nas situações de interação em determinadas esferas sociais que surgem os gêneros primários e secundários. Essas esferas, por sua vez, são perpassadas pelas ideologias do cotidiano e pelas ideologias institucionalizadas. Os gêneros, portanto, nascem da inter-relação entre esfera, interação, tipificação, enunciado e ideologias.

Para Bakhtin, portanto, qualquer ação e qualquer discurso proferido é iluminado ideologicamente. O sujeito, ao “falar”, ocupa uma posição ideológica definida. Todo autor⁹ possui uma ideologia que é difundida no texto – não declarada. E uma das formas de afirmar uma ideologia “disfarçadamente” no texto é através do que Bakhtin denomina “discurso de outrem”:

Aqui, a palavra de outrem se apresenta não mais na qualidade de informações, indicações, regras, modelos, etc., – ela procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica em relação ao mundo e de nosso comportamento, ela surge aqui como a *palavra autoritária* e como a *palavra interiormente persuasiva*.

(BAKHTIN, 1998, p. 142)

O autor, portanto, transmite e legitima sua ideologia através da fala do outro.

⁹ É importante compreender o conceito de “autor” para Bakhtin (1997a), tão citado neste trabalho: aquele que se responsabiliza pela enunciação. Na análise em questão do gênero notícia, o autor não é apenas o jornalista que escreve e assina a matéria, mas também o jornal no qual o texto foi publicado: o nome do jornal é o responsável por todas as matérias que saem nele.

6 Relações dialógicas: a reação-resposta ao já-dito

“O discurso citado é o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*.” (BAKHTIN, 2004, p. 144). É dessa maneira que Bakhtin define a citação do “discurso de outrem”: trata-se não apenas de uma simples repetição, mas de uma reacentuação, reenunciação da voz do outro. A enunciação citada passa a ser o tema do discurso narrativo, mas também entra na construção sintática do discurso como “uma unidade integral de construção”, com certa autonomia:

É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e ao menos rudimentos da sua integridade lingüística e da sua autonomia estrutural primitivas. A enunciação do narrador [...] elabora regras sintáticas, estilísticas e posicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando [...] a autonomia primitiva do discurso de outrem.

(BAKHTIN, 2004, p. 144-145)

O discurso “incorporado”, portanto, por mais que se mescle com o discurso do autor, por mais que perca suas barreiras e apague seu início e fim, ainda mantém uma autonomia, como um “todo auto-suficiente”.

6.1 Modos de enquadramento do discurso do outro

Bakhtin levanta dois esquemas principais padronizados para citar o discurso do outro, que são encontrados com bastante frequência no gênero notícia¹⁰: *Discurso relatado direto* e *Discurso relatado indireto*.

Na citação, para Bakhtin (2004), há duas orientações principais: “conservar” ou “comentar” o discurso citado. O primeiro, representado pelo discurso direto, conserva a integridade e autenticidade do discurso do outro, além de trazer consigo um grau de “firmeza ideológica”, autoritarismo e dogmatismo. Já na segunda orientação, marcada pelo discurso indireto, os índices de valoração do autor são mais visíveis: trata-se de uma transmissão analítica

¹⁰ Rodrigues (2001, p.173) saliente que, para Bakhtin, as formas dialógicas de transmissão do discurso do outro não se esgotam nessas duas formas lingüísticas: os meios de “incorporação” são variados.

do discurso do outro. É a marca direta do dialogismo e que aparece com mais frequência na notícia.

O discurso direto, portanto, possui um estilo mais marcado: tem a sua fala separada da do autor, por aspas ou por novo parágrafo, com travessão. Já o indireto tem seus limites “apagados”, funde-se com a fala do autor. Geralmente é identificado pelo modo de introdução (verbos dissidentes), como no exemplo a seguir:

(1) A assessoria de comunicação da prefeitura informou que o tucano está convalescendo de uma cirurgia na boca e não havia aparecido na prefeitura.

Mas o discurso direto, por mais que marque uma inter-relação de objetividade e de neutralidade através desse movimento de separação da fala do outro, também reacentua e reenuncia o discurso do outro. Como mostra Rodrigues (2001, p. 189), no caso do gênero artigo, mas que também serve para a notícia:

Todo discurso citado deixa de ser um acontecimento da sua situação de interação para se tornar um acontecimento do artigo, passando pelo processo de enquadramento (a situação de interação do discurso citado fica ausente; ele se torna parte do cronotopo do artigo). As aspas que “emolduram” o discurso relatado direto não são lacres que garantem a integridade do discurso citado. São sinais de alteridade entre o discurso do autor e do outro incorporado que, junto com a explicação desse outro, funcionam como marcadores de confiabilidade, criam o efeito de integridade da transmissão da fala.

O discurso citado, portanto, é sempre um discurso enquadrado (valorado, avaliado) pelo discurso que o cita; o que se manifesta, explícita ou implicitamente, na materialidade lingüística. É por isso que, para Bakhtin, não existe palavra neutra: ela é sempre povoada de intenções. Toda obra literária cria um “todo único” (um enunciado) com enunciados de outros. Até o discurso direto do autor, segundo Bakhtin (1997a, p. 343), “é conscientemente preenchido de palavras do outro”. Pois além de reacentuar o discurso do outro, os discursos citados também constroem e solidificam a orientação valorativa do autor. O autor, assim, transmite e legitima suas ideologias através da fala do outro.

6.2 Movimentos dialógicos com enunciados já-ditos

Rodrigues (2001) identifica dois grandes enquadramentos com enunciados já-ditos no gênero artigo, também encontrados na notícia¹¹: *movimento dialógico de assimilação* e *movimento dialógico de distanciamento*.

O termo “assimilação” é utilizado por Rodrigues (2001) para identificar a incorporação de outras vozes orientadas para a posição valorativa do autor. Geralmente são falas autorizadas, representantes legitimados, com alta credibilidade. Já o movimento dialógico de distanciamento é utilizado pela autora para denominar os casos de desqualificação da palavra do outro, através do enquadramento ou vozes com menos credibilidade.

Uma forma explícita de avaliar o discurso do outro, por exemplo, são como “ele não quis se manifestar”, ou ainda “não explicou tal coisa” e “disse apenas”. Essas aparecem com grande frequência no gênero notícia.

(2) O **DC** voltou a tentar contato com o prefeito. Berger preferiu não conversar com a imprensa.

(3) Ontem, os procuradores que formam a força-tarefa da Operação Moeda Verde não quiseram explicar os motivos que os levaram a pedir a “suspeição” do juiz Zenildo Bodnar, conforme antecipou o **DC**.

As aspas também são outro exemplo de projeção estilístico-composicional que serve como estratégia de distanciamento e valoração do autor: além de marcar os limites do discurso direto, ele deixa bem claro que aquelas palavras não são dele, eximindo-se, assim, da responsabilidade sobre o que foi dito. Segundo Rodrigues (2001, p. 197-180), além de se distanciar das palavras aspeadas, o autor atribui os sentidos que elas evocam a outros, criando também certa distância apreciativa em relação a elas.

(4) Ontem, os procuradores que formam a força-tarefa da Operação Moeda Verde não quiseram explicar os motivos que os levaram a pedir a “suspeição” do juiz Zenildo Bodnar, conforme antecipou o **DC**.

¹¹ Os dados foram encontrados no gênero artigo, mas podem ser redirecionados à análise do gênero notícia.

7 Relações dialógicas: a orientação para o leitor

Assim como todo gênero, a notícia também orienta-se para a reação-resposta ativa do destinatário e constrói-se a partir dessa “expectativa”: muitas relações dialógicas encontradas dão-se em razão do interlocutor, pois é em função dele que se constrói o discurso.

7.1 Movimentos dialógicos com enunciados pré-figurados¹²

Na análise feita, foram identificados quatro movimentos dialógicos básicos na relação entre autor e interlocutor: *direcionamento*, *ativação do conhecimento prévio*, *refutação* e *interpelação*. Os dois últimos foram também encontrados por Rodrigues (2001) no gênero artigo.

a) *Movimento dialógico de direcionamento*: direciona o leitor a compreender o fato a partir do posicionamento do autor.

(5) De acordo com o vereador João Aurélio Valente Júnior (PP), ele e os colegas Dalmo Menezes (PP) e Aurélio Tertuliano de Oliveira (PMDB) devem definir a composição hoje. Oliveira, que é suplente do vereador João da Bega (PMDB), não pode ocupar nenhum dos dois postos. Ontem, o titular, que é muito ligado ao prefeito, foi até a Câmara verificar a possibilidade de retornar imediatamente à Casa, antes do término da licença de 60 dias que pegou para assumir uma diretoria da Casan.

b) *Movimento dialógico de ativação do conhecimento prévio*: são informações não explicadas que ativam o conhecimento prévio do leitor. De acordo com Rodrigues (2001), essas informações são ancoradas na situação social de interação; ou seja, dependem do conhecimento de mundo do interlocutor, se ele sabe sobre o assunto.

¹² Rodrigues (2001) denomina de pré-figurados os enunciados que estão por vir; ou seja, as possíveis respostas do interlocutor.

(6) A assessoria de comunicação da prefeitura informou que o tucano está convalescendo de uma cirurgia na boca e não havia aparecido na prefeitura.

c) Movimento dialógico de refutação (RODRIGUES, 2001): o autor antecipa possíveis respostas do interlocutor. Segundo Rodrigues, é uma forma de o autor abafar uma possível objeção do leitor: “[...] o autor provoca o silenciamento de enunciados pré-figurados (possível contra-palavra), que ou incorpora no seu discurso ou leva em conta na construção do seu enunciado.” (RODRIGUES, 2005, p. 178-179).

Os indicadores modais¹³ são um exemplo que impõe a posição do autor e antecipa a atitude responsiva do leitor.

(7) Dário, que deve ser notificado na terça-feira, terá até 10 dias para apresentar sua defesa e relacionar testemunhas (no máximo 10).

d) Movimento dialógico de interpelação (RODRIGUES, 2001): impõe o ponto de vista ao leitor. De acordo com Rodrigues (2005, p. 179): “[...] determinado ponto de vista é apresentado como o ponto de vista, à qual o leitor deve se sentir compelido, persuadido a aderir.”

(8) O resultado final da Comissão de Investigação e Processante que irá apurar as suspeitas que recaem sobre o prefeito Dário Berger (PSDB) por conta de uma lei de incentivo ao turismo deve ser conhecido até meados de novembro.

8 Considerações Finais

As regularidades enunciativas/discursivas encontradas na notícia comprovam a hipótese da impossibilidade de um discurso neutro: recursos lingüísticos apontados, estruturação da matéria (a escolha do que é importante) e as relações dialógicas com outros enunciados compõem

¹³ Koch utiliza o termo *modalizadores* como outra denominação para os *operadores argumentativos*, já que possuem a função de “[...] determinar o modo como aquilo que se diz é dito.” (KOCH, 2004, p.29). Já Maingueneau (2001, p.107) define *modalização* como um modo que indica a atitude do enunciador frente ao que diz.

as estratégias de valoração do texto. São marcas textuais que representam o caráter de responsividade (relações dialógicas) e de valoração do gênero notícia. O texto jornalístico visto como enunciado, assim como defende a teoria bakhtiniana, também é mais um elo na cadeia discursiva, o que é visível a partir dos movimentos dialógicos com enunciados já-ditos (*assimilação e distanciamento*) e pré-figurados (*direcionamento, ativação do conhecimento prévio, refutação, e interpelação*).

9 Referências

BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos 1970-1971. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p. 369-414.

_____. [VOLOSHINOV, V. N]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.181-275.

_____. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p.72-163.

_____. O problema do texto. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p.327-358.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-relação pela linguagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. 347 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

10 Anexo: notícia do Diário Catarinense, quinta-feira, 9 de agosto de 2007 (p. 34).

Moeda Verde

Vereadores apuram denúncia contra o prefeito Dário Berger

Investigação será concluída em novembro

JOÃO CAVALLAZZI

O resultado final da Comissão de Investigação e Processante que irá apurar as suspeitas que recaem sobre o prefeito Dário Berger (PSDB) por conta de uma lei de incentivo ao turismo deve ser conhecido até meados de novembro. Pelo menos é o que prevê o Decreto-Lei 201/67, legislação que regulamenta esta modalidade de apuração (veja box).

Até o final da noite de ontem, os três vereadores escolhidos para compor o grupo não haviam definido com quem ficará a presidência e a relatoria da Comissão.

De acordo com o vereador João Aurélio Valente Júnior (PP), ele e os colegas Dalmo Menezes (PP) e Aurélio Tertuliano de Oliveira (PMDB) devem definir a composição hoje. Oliveira, que é suplente do vereador João da Bega (PMDB), não pode ocupar nenhum dos dois postos. Ontem, o titular, que é muito ligado ao prefeito, foi até a Câmara verificar a possibilidade de retornar imediatamente à Casa, antes do término da licença de 60 dias que pegou para assumir urna diretoria da Casan. João da Bega foi informado que não poderia antecipar o retorno, previsto para o próximo dia 19. Até lá, Oliveira é quem ocupa a cadeira na Comissão. Conforme o procurador Antônio Chraim, os parlamentares têm cinco dias corridos, a contar de ontem, para chegar a um acordo e notificar o prefeito.

O prazo expira na segunda-feira. Dário, que deve ser notificado na terça-feira, terá até 10 dias para apresentar sua defesa e relacionar testemunhas (no máximo 10). Depois disso vem a fase de instrução, que pode durar até 90 dias.

Prefeita prefere não se manifestar

Ao fim deste prazo, a Comissão deve decidir se prossegue com a investigação ou arquiva o caso. Se os trabalhos avançarem, Berger terá que se afastar do comando do Executivo até o julgamento final, que deve ocorrer em prazo de mais 90 dias.

O **DC** voltou a tentar contato com o prefeito. Berger preferiu não conversar com a imprensa. A assessoria de comunicação da prefeitura informou que o tucano está convalescendo de uma cirurgia na boca e não havia aparecido na prefeitura. Ontem, os procuradores que formam a força-tarefa da Operação Moeda Verde não quiseram explicar os motivos que os levaram a pedir a “suspeição” do juiz Zenildo Bodnar, conforme antecipou o **DC**. No mês passado, os seis procuradores que compõem o grupo chegaram a convocar uma entrevista coletiva para anunciar a medida.

O juiz Zenildo Bodnar, da Vara Federal Ambiental de Florianópolis, deixou de reconhecer ontem a exceção de suspeição criminal interposta contra ele pelo Ministério Público Federal, em função da Operação Moeda Verde, enviando a questão para decisão do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), em Porto Alegre (RS).

ANÁLISE DE FOLHETOS DISTRIBUÍDOS POR VENDEDORES DE CONFEITOS EM SEMÁFOROS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Dayane Celestino de Almeida
Clarissa Camilo Mariano
Edison Gomes Júnior

RESUMO: Na cidade de São Paulo, é muito comum a comercialização de produtos em geral nos semáforos. Os vendedores ambulantes abordam os motoristas enquanto estes esperam a luz verde se acender e oferecem as mercadorias. Dentre estas mercadorias, balas e outros confeitos são as principais e, muitas vezes, junto deles estão pequenos folhetos com algumas informações. O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar estes folhetos. Procuramos verificar quais são as estratégias utilizadas pelo enunciador para persuadir o enunciatário e quais recursos são utilizados na construção do sentido, além de determinar se os enunciados estudados pertencem a um mesmo gênero discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: pragmática, interação social, persuasão.

ABSTRACT: *In the city of São Paulo, it is very common to see the commercialization of products in general at the traffic lights. The street vendors approach the drivers while they wait for the green light to appear and offer the merchandises. Amongst these merchandises, candies are the main ones and many times there are some notes with them, containing some information. The aim of this paper is, therefore, to analyze those notes. We intend to verify which are the strategies used by the enunciator to persuade the enunciatee and which resources are used in the meaning construction, besides determining if the studied enunciates belong to same genre of discourse.*

KEY-WORDS: *pragmatics, social interaction, persuasion*

Introdução

Devido a fatores históricos e culturais que aqui não cabem ser discutidos, o Brasil é conhecido mundialmente como um país onde a distribuição de renda é uma das mais desiguais e injustas. Como consequência, esse rico país sul-americano tem produzido, ao longo de sua história, uma enorme massa de pessoas marginalizadas que precisaram valer-se dos mais diferentes expedientes para sobreviver em sociedade. Assim, ao longo da existência do país, as

minorias têm se organizado em grupos que se especializaram em diferentes atividades econômicas, por meio das quais tentam se sustentar.

Um grupo que chama a atenção pela maneira como se organiza é o de vendedores de doces nos semáforos. Cidadãos de variadas faixas etárias passam dias inteiros nos cruzamentos mais congestionados da cidade vendendo balas e gomas de mascar. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a abordagem é simples: enquanto o semáforo está fechado, essas pessoas penduram saquinhos transparentes nos espelhos laterais dos motoristas. Dentro dos saquinhos, há algumas balas ou gomas de mascar e, em alguns casos, um pequeno texto, escrito, provavelmente, com a intenção de ajudar no processo de venda.

Segundo Brandão (1994, p. 53), o texto é: “um elemento de mediação no processo de interação social”. Assim, é através da manipulação cuidadosa do texto, que o vendedor de balas vai apresentar o seu *ethos*, *logos* e *pathos*, isto é, vai transmitir uma imagem como sujeito, elaborar formalmente um discurso que atinja um objetivo e apelar para as emoções do co-enunciador (o leitor-cliente), com a intenção de ser favorecido. Por seu lado, o cliente ao qual o produto é oferecido participa de uma maneira diferente do ato comunicativo, sendo na maioria das vezes apenas o receptor da mensagem. Seu papel como co-enunciador é aceitar ou não a manipulação do vendedor, exercendo a ação final de comprar o produto.

O objetivo de nosso trabalho consiste, justamente, em analisar tais notas e, sob a luz de algumas teorias de análise do texto e do discurso, responder a algumas questões:

a) Quais são as estratégias utilizadas pelo enunciador para persuadir o enunciatário (ou co-enunciador)?

b) Podemos considerar todos os folhetos coletados como pertencentes a um mesmo gênero? Se sim, quais são as características deste gênero?

Pretendemos, portanto, observar como o texto escrito contribui para essa prática social e econômica e como ele se insere no processo entre os enunciadores que participam da comunicação, bem como verificar como são gerados os efeitos de sentido destes textos. A construção do sentido, segundo a Análise do Discurso, é determinada pelas condições em que os textos são produzidos: a ideologia, o contexto histórico e social, a situação, o falante (ou escritor), o ouvinte (ou leitor) e as circunstâncias que os envolvem são as condições de produção do sentido. (Orlandi e Guimarães, 1990, p. 44).

Para a realização deste estudo, contamos com um *corpus* composto por 12 textos recolhidos em diferentes semáforos na cidade de São Paulo e na Grande São Paulo. Em seguida, procedemos à análise de cada texto individualmente, mas sempre os comparando com o conjunto.

Antes de prosseguirmos, faz-se necessário tecer algumas considerações a respeito das teorias utilizadas para a elaboração deste trabalho. Primeiramente, valemo-nos da *Análise do Discurso de linha francesa*. É importante ressaltar que não existe apenas uma “Análise do Discurso francesa”. Pelo contrário, há muitas teorias diferentes de análise textual e discursiva que recebem esta mesma denominação, sendo que a vertente que tomamos por base aqui é aquela que tem por principal representante Dominique Maingueneau. A esta Análise do Discurso, procuramos associar alguns conceitos provenientes da *Linguística Textual*. Incorporamos também conceitos do campo da *Pragmática*, principalmente aqueles desenvolvidos por J.L. Austin em sua “Teoria dos Atos de Fala”. Por fim, fizemos uso de alguns conceitos provenientes da *Semiótica francesa*, também conhecida como *Semiótica greimasiana*.

Assim, procedemos a uma espécie de “bricolagem” ao formar o corpo teórico que nos serviu de norte nesta ocasião. Em virtude desta “bricolagem”, alguns termos que recebem nomes distintos em cada uma destas teorias serão usados aqui intercambiavelmente. Assim, quando falarmos em co-enunciador, interlocutor ou enunciatário, estaremos nos referindo à mesma coisa, ou seja, o “sujeito” ao qual se dirige o enunciador.

Este trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte estão as análises dos enunciados contidos em nosso *corpus*. Na segunda parte, dedicamo-nos ao estudo do gênero textual dos folhetos.

Análises

Passamos agora à análise dos textos recolhidos. Conforme comentamos na Introdução, nosso *corpus* é formado por 12 enunciados. Como três deles são repetidos, analisamos nove enunciados diferentes. Em alguns momentos, eles foram agrupados em pares para a análise, por serem muito semelhantes.

1. Análise do Enunciado 1 ¹

1. “Vendo \$ 1,00”

De todas as notas recolhidas em nosso *corpus*, esta é a que apresenta o menor tamanho. Ela traz apenas o verbo “vendo” e o preço da mercadoria que deseja vender: “\$ 1,00”.

Ao utilizar o verbo na primeira pessoa, o enunciador se coloca presente na cena enunciativa, instaurando uma relação *eu-tu*, o que gera um efeito de sentido de aproximação com o enunciatário. O tempo verbal – presente do indicativo – é o tempo do “agora”. Deste modo, configura-se uma *debreagem enunciativa* de pessoa e tempo, conforme a terminologia da semiótica greimasiana. Este tipo de *debreagem*, na qual há marcas da enunciação no enunciado, ao aproximar enunciador e enunciatário, aumenta o efeito de subjetividade transmitido pelo texto.

O fato de este enunciado ser bastante curto e direto vai ao encontro das necessidades do enunciador-vendedor, que precisa realizar a comunicação em um tempo bastante curto, que é o do fechamento do semáforo. Assim, ele opta por transmitir apenas as informações necessárias, ou seja, que se trata de uma venda e o preço do produto vendido. Além dos efeitos de subjetividade e aproximação já mencionados, não houve aqui maiores estratégias a fim de manipular o cliente-motorista (enunciatário) a efetuar a compra.

Para a análise deste enunciado, acreditamos ser pertinente a utilização de alguns conceitos da Pragmática, principalmente daqueles advindos da “Teoria dos Atos de Fala”, de J. L. Austin (1990). A teoria dos “Atos de Fala” teve início na década de 60, quando J.L. Austin constatou que quando dizemos algo, nem sempre estamos fazendo uma declaração. Muitas vezes, ao se dizer algo se está, simultaneamente, fazendo algo. Assim, Austin distingue as afirmações que descrevem um estado de coisas – as quais chamou constativas – daquelas que constituem um ato em si mesmas – as quais chamou performativas. Por exemplo, quando alguém pede desculpas, o ato só se realiza através do próprio enunciado “Peço-lhe desculpas”. Podemos dizer, portanto, que os enunciados performativos são aqueles que realizam a ação que nomeiam. Este é o caso da

¹ Todos os textos originais podem ser visto ao final deste trabalho em “Anexos”.

promessa, da ordem, do juramento, do desejo, do agradecimento, do pedido de desculpas, etc. A realização da ação depende da enunciação da frase.

Assim, o texto analisado pode ser considerado um enunciado performativo, na medida em que o ato de vender só se realiza quando o sujeito da enunciação diz “Vendo”. Temos, pois, um exemplo de *quando dizer é fazer*, uma vez que o próprio enunciado realiza o ato de vender. Mesmo que o verbo “vender” não seja, *a priori*, performativo, ele se torna performativo quando usado numa situação em que uma pessoa ao dizer “vendo” está, no mesmo momento, vendendo algo. Benveniste (2005, p. 302) ao comentar a teoria de Austin, afirma que o ato performativo depende da circunstância em que ocorre e “não na escolha dos verbos”.

2. Análise dos Enunciados 2 e 3.

2. *“Espera pelo senhor, tem bom ânimo e fortifique o teu coração. Salmo 27:14 1 passe ou 1 real”.*

3. *“Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele e o mais ele fará. Salmo 37:5 1 Passe ou 1 Real.”*²

Este enunciado, assim como outros que encontramos em nosso *corpus*, tem um apelo religioso. A citação do texto bíblico aparece em primeiro lugar, seguida pelo preço do produto. Não há nenhuma indicação implícita de que se trata de uma venda, mas isso pode ser inferido pelo contexto, pelos produtos que vêm acoplados ao papel e pela indicação de preço que consta ao final: “1 passe ou 1 real”.

A inserção do texto bíblico constitui um caso de “intertextualidade explícita”, que é o que ocorre, segundo Koch (2007, p.28) “quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado (...)”. O uso do texto religioso é uma estratégia de persuasão, uma vez que, sendo a sociedade brasileira predominantemente cristã, ela se sensibiliza e é muitas vezes levada a agir pelo discurso religioso. Ao utilizar esse

² Em nosso corpus, existe outra nota que é exatamente igual a esta.

tipo de discurso, o enunciador remete o enunciatário à ideologia cristã que prega a importância de “ajudar o próximo” e “repartir”. Desta maneira, como um destinador, o enunciador quer instaurar no enunciatário-destinatário um *dever-fazer*, um *dever-comprar* a mercadoria. A escolha do texto religioso está relacionado com a imagem que o enunciador faz do enunciatário, ou seja, o seu *pathos*. O enunciador utiliza a imagem que ele tem do enunciatário (neste caso, a imagem de religiosidade) para criar as suas estratégias. Podemos dizer, portanto, que o enunciador criou um *ethos* condizente com o *pathos*, isto é, criou uma imagem de si mesmo como um sujeito religioso, condizente com a imagem de religiosidade que tinha do enunciador.

No enunciado número 2 há um destaque gráfico para o preço, que aparece em um tipo gráfico diferente e em tamanho maior. No enunciado de número 3, o destaque não ocorre, sendo o preço uma continuidade (visualmente falando) da citação bíblica³.

Ao contrário do que ocorreu no primeiro enunciado analisado, nestes não há marcas da enunciação do enunciado, o que gera um efeito de sentido de objetividade. A única estratégia utilizada pelo enunciador para aproximar-se do enunciatário é a utilização do texto bíblico.

3. Análise dos Enunciados 4 e 5

4. “*Bom dia! Boa tarde! Gosto de trabalhar honestamente. Por isso, conto com sua colaboração. R\$ 1,00.*”

5. “*Gosto de trabalhar honestamente. Por isso conto com a sua colaboração. R\$ 1,00. Obrigado! Deus te abençoe.*”

Os dois enunciados acima são bastante semelhantes. As diferenças entre eles são: o primeiro apresenta o cumprimento “Bom dia! Boa tarde!” e o segundo apresenta o agradecimento “Obrigado! Deus te abençoe”. No mais, eles são iguais. Começamos, então, pelo que eles têm de comum. Eles apresentam o verbo “gosto” na primeira pessoa e no presente do indicativo. Como já vimos anteriormente, tal procedimento é uma debreagem enunciativa de pessoa (eu) e de

³ O texto original pode ser visto ao final deste trabalho, em “Anexos”.

tempo (agora), que aproxima o enunciador do enunciatário ao estabelecer claramente uma relação *eu-tu*. Uma das estratégias utilizadas por este enunciador-vendedor para convencer o enunciatário-cliente é estabelecer um *ethos* de trabalhador honesto. Ele tenta criar uma empatia com o co-enunciador apresentando-se imbuído de qualidades sancionadas positivamente pela sociedade: a honestidade e a motivação para o trabalho. Cabe aqui ampliar um pouco a noção de *ethos*, que já comentamos na análise anterior. O *ethos* é, segundo Cruz Jr. (2007:183) “definido por Aristóteles como o caráter ou a imagem que o orador constrói de si para ganhar a adesão de seus ouvintes”. Ao construir a imagem de trabalhador honesto, o vendedor de balas espera persuadir o cliente-motorista a comprá-las, porque projeta no enunciatário o *pathos* de uma pessoa que valoriza tais qualidades.

Ao dizer que gosta de trabalhar honestamente e que *por isso* conta com a colaboração do enunciatário, o enunciador transfere para este uma responsabilidade: a de mantê-lo um trabalhador honesto, comprando suas balas. Ocorre uma manipulação, pois implicitamente, o enunciador está dizendo “se você não comprar minhas balas, não poderei mais trabalhar honestamente”. Daí, o enunciatário pode prever, dado à situação econômica atual do país, que o enunciador-vendedor se tornará um marginal ou um pedinte. A semiótica francesa chama este tipo de manipulação, em que o destinatário (aqui, o cliente-motorista) pode receber um “objeto negativo” (aqui, mais um marginal nas ruas) de manipulação por *intimidação*. Neste ponto, gostaríamos de comentar que em todos os enunciados de nosso corpus existe uma manipulação, segundo a semiótica, uma vez que “Na fase da manipulação, um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou fazer alguma coisa” (Fiorin, 2005:29). A manipulação pode levar o sujeito que a sofre a *querer* ou a *dever* fazer alguma coisa.

Fazendo, mais uma vez, uso da “teoria dos atos de fala”, de Austin, podemos dizer que estes enunciados (aqui também estendemos esta análise a todo o nosso *corpus*) são atos *perlocucionários*, dado que eles visam persuadir o enunciatário a realizar uma ação: a ação de comprar.

Do ponto de vista da articulação formal, a conjunção “por isso” – elemento gramatical que garante a conexão seqüencial entre as orações coordenadas – não só exprime valor semântico de conclusão como de explicação. Nesse sentido, se a conjunção é entendida como encadeadora de uma conseqüência lógica, “*Gosto de trabalhar honestamente. Por isso [Logo], conto com sua*

colaboração”, a manipulação por meio da transferência da responsabilidade social para o co-enunciador, explicada acima, é mais perceptiva. Já a conjunção entendida como encadeadora de uma justificativa, “*Conto com sua colaboração, por isso [porque] gosto de trabalhar honestamente*”, reforça uma prática social “honesta” condicionada a colaboração de um co-enunciador honesto e admirador desse valor.

Soma-se ao *ethos* do enunciador a imagem de alguém “bem educado”, uma vez que em um dos enunciados há o cumprimento “Bom dia! Boa tarde!” e no outro o agradecimento “Obrigado!”. Novamente, há a correlação *ethos* – *pathos*, pois o enunciador se apresenta como um sujeito educado, esperando que seu enunciatário tenha, também, uma boa educação. Vemos que o enunciador está sempre procurando uma identificação com o enunciatário. É mais fácil convencermos pessoas semelhantes a nós do que diferentes, porque as pessoas se sensibilizam mais com problemas enfrentados por seus semelhantes, com quem se identificam. Assim criar esta identificação é uma maneira de sensibilizar o outro, o que é extremamente importante no momento da persuasão. Segundo Mosca (2007), a argumentação é importante, mas, sozinha, não garante a adesão, uma vez que o elemento afetivo é de extrema importância na estratégia global; só há adesão através do despertar da emotividade, pois a razão sozinha não provoca a adesão.

Um comentário interessante acerca dos cumprimentos é que o texto traz tanto “Bom dia” quanto “Boa tarde”. Como estes vendedores trabalham normalmente o dia todo, o mesmo enunciado serve para os dois horários.

Por fim, existe novamente a questão religiosa, com a frase final do enunciado número 5: “Deus te abençoe” e aqui valem as mesmas considerações que fizemos acerca da religião na análise anterior.

4. Análise do Enunciado 6

6. “*Bom dia, Boa tarde Este é o meu trabalho vender balas e chicletes para ajudar a manter a minha família R\$ 1,00 Obrigado Deus o abençoe*”

Novamente encontramos os elementos que passam uma imagem de boa educação (“Bom dia”, “Boa tarde”, “Obrigado”) e religiosidade (“Deus o abençoe”). Percebemos que o enunciador

faz questão de deixar bem claro que a atividade que exerce é um trabalho: “Este é o meu trabalho...” e não um ato de pedir. Novamente, vemos que o modo de ser e de se apresentar no mundo do enunciador, isto é, o seu *ethos*, é o de um trabalhador. Aqui cabem todas as considerações que fizemos anteriormente acerca da correlação entre *ethos* e *pathos*. O fato de o enunciador fazer questão de especificar o seu ato como um trabalho é algo que diferencia um pouco este enunciado dos demais. Com esta especificação, ele não quer deixar margem para que o enunciatário interprete o seu ato como um pedido de “esmolas”. Em seguida, o texto enfatiza a necessidade da venda para a manutenção da família, compartilhando com o enunciatário a responsabilidade pelo sustento desta família. Mais uma vez, a sensibilidade do enunciatário é colocada em jogo, pois a menção à família tem o objetivo de despertar a compaixão do enunciatário, convencendo-o pela emotividade.

Para efetuar a articulação textual, foi utilizado o conector “para”, com o sentido de “a fim de” ou “com a finalidade de”, estabelecendo-se, assim, uma relação de mediação (Koch, 2004:88) e a coesão textual.

5. Análise do Enunciado 7

7. “CARO AMIGO (A) Sou pai de família e tenho mais de 52 anos e, embora seja forte e sadio não consigo emprego. Devido a isso estou vendendo estas BALAS por apenas R\$ 1,00 ACEITO PASSE”.

Neste enunciado, o narrador conta pormenores da sua história de vida para despertar a adesão do enunciatário. Ele é “pai de família”, tem “mais de 52 anos” e “não consegue emprego”. Todo esse percurso figurativo recobre o tema do desemprego, mais especificamente, o desemprego na meia idade. Novamente, vemos a menção à família como forma de sensibilizar o enunciatário e, aqui, há ainda a questão da idade, que é a primeira vez que aparece em nosso *corpus*. Novamente, o enunciador se utiliza do *pathos* para construir o seu *ethos*. Num país com um grande índice de desemprego na faixa etária acima de 40 anos, é de se esperar que qualquer um se sensibilize com a história de um indivíduo de “mais de 52 anos”, “com família” e que não consegue emprego, “embora seja forte e sadio”. Com estas últimas palavras, fica claro que ele

quer trabalhar formalmente, mas não pode e, desta forma, não lhe resta outra saída a não ser a venda de balas.

Interessante observarmos que a palavra “balas” está em destaque no texto, em caixa alta e sublinhada. Sendo o texto um pouco grande para uma leitura que tem de ser feita rapidamente, enquanto o semáforo estiver fechado, faz-se necessário destacar o que é o ponto principal da comunicação, para o caso de o motorista não conseguir ler tudo.

Quando aparece o preço do produto, não aparece apenas o valor como apareceu em todos os enunciados anteriores. Aqui, o preço vem antecedido da expressão “por apenas”, reforçando que o valor despendido da compra seria um valor “muito pequeno”. Ao ler toda a história do homem desempregado, de mais de 52 anos, com família, etc., o que custa gastar “apenas” R\$ 1,00? Outra estratégia importante para criar o efeito de sentido de aproximação com o co-enunciador e sensibilizá-lo é chamado de “Amigo” (Caro Amigo (a)), também em uma tipografia diferente (caixa alta).

Formalmente, o enunciado é bastante sofisticado ainda que o uso de pontuação não esteja em acordo com a gramática normativa. São utilizados alguns conectores como forma de articulação textual, a fim de estabelecer a coesão do texto. O primeiro conector utilizado é “embora”, que indica uma relação de contrajunção, ou seja, uma oposição, um contraste de argumentos. O segundo conector é “devido a isso”, que indica uma relação de conclusão (Koch, 2004:90).

6. Análise dos Enunciado 8

8. *“Lança teu pão sobre as águas porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes mal que virá sobre a terra. R\$ 1,00.”*

Assim como os enunciados 4 e 5, este apresenta apenas um texto que, pelas marcas lingüísticas – verbos com a flexão de segunda pessoa do singular no imperativo afirmativo, por exemplo – e vocabulário, julgamos ser religioso (apesar de não haver a especificação, acreditamos ser um texto bíblico) e o preço das balas: novamente R\$ 1,00. Uma diferença com relação ao enunciados 4 e 5 é que neste a citação religiosa funciona mais explicitamente como

uma manipulação. Nos enunciados 4 e 5, as citações bíblicas não estão relacionadas à partilha de “bens”, já no enunciado número 8, está. Vejamos: “Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes mal que virá sobre a terra”. Com estas palavras, o enunciador-destinador, quer fazer o enunciatário-destinatário comprar a mercadoria. Para tanto, ele o manipula pela intimidação, oferecendo um “objeto negativo”: “o mal que virá sobre a terra”. É como se ele dissesse “se você não compartilhar comigo o seu ‘pão’, um grande mal cairá sobre você”. O pão é um revestimento figurativo para o dinheiro. A utilização do verbo “repartir” descaracteriza este ato de venda como tal e o aproxima mais de um pedido.

Outro aspecto a comentar é que, normalmente, ao não indicar a referência, o enunciador apropria-se do texto. Ele não quer se afastar da responsabilidade pelas palavras proferidas. Porém, sabemos que, na situação em questão, não temos como afirmar se foi esta ou não a intenção do enunciador. O que importa é que este foi o efeito de sentido gerado. Como se o texto viesse de um destinador “todo-poderoso” pelo seu profético e um tanto “sombrio”.

Da mesma forma que nos enunciados 4 e 5, é o contexto situacional que faz perceber que se trata de uma venda, juntamente com a indicação com preço, uma vez que em nenhum momento o texto explica que é isto que se está fazendo.

7. Análise do Enunciado 9

9. *“Estou vendendo Balas e Chicletes por apenas R\$ 1,00. Muito obrigado. Deus te abençoe”.*

Este enunciado parece juntar vários aspectos que já tratamos até o momento. Logo no início ele propõe: “Estou vendendo Balas e Chicletes”. Apesar de o verbo estar aqui numa forma nominal (gerúndio), assim como no enunciado, há uma debreagem enunciativa de pessoa e de tempo (eu; agora), mais uma vez criando o efeito de subjetividade. O próprio fato de dizer “eu estou vendendo” se dá junto com o ato de “vender”, sendo, assim, um enunciado performativo. O preço vem aqui antecedido pela expressão “por apenas”, assim como ocorreu no enunciado de número 7. E finalmente, há a expressão de educação “muito obrigado” e de religiosidade “Deus te abençoe”.

As questões que já comentamos anteriormente acerca de *ethos*, *pathos* e manipulação pode ser todas empregadas nesta análise, sendo, do nosso ponto de vista, desnecessário repeti-las.

8. Análise do Enunciado 10

10. “Conduzir veículo com iluminação e sinalização com defeito ou lâmpada queimada, é infração MÉDIA. Penalidade: 4 pontos na CNH, multa de 80 UFIRS. Conto com a sua colaboração R\$ 1,00 Obrigado!”

Em consonância com o ambiente em que são ofertadas as balas, este enunciado pretende se fazer persuasivo pela conveniência de se informar o motorista (cliente em potencial) de uma regulamentação do trânsito. Baseando-se, particularmente, no *pathos* de um enunciatário inconsciente de que a infração em questão é média (grifada em letras maiúsculas) e no senso comum de que os brasileiros, em geral, desconhecem as normas divulgadas pelo Detran, o enunciatário considera-se portador de uma utilidade pública. Nesse sentido, a intenção persuasiva está na troca e não na venda propriamente dita; troca-se a informação pela colaboração de R\$ 1,00. E, claro: o que é o gasto de um real frente à multa de trânsito média e os indesejáveis quatro pontos na Carteira Nacional de Habilitação?

Formalmente, o enunciado apresenta palavras em maiúsculas a fim de chamar atenção do co-enunciador – estratégia essa vista em outros folhetos. Há ainda o “Obrigado” que reforça o *ethos* de um enunciador educado.

Sobre o gênero textual

Quando consideramos os enunciados inseridos em determinadas esferas da atividade humana, percebemos que há formas relativamente estáveis destes enunciados e isso é o que chamamos, segundo Bakhtin (1997), de gêneros do discurso. O autor afirma:

“A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo

verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional”.

Existem regularidades nas numerosas atividades humanas e, uma vez que os enunciados produzidos refletem as condições específicas e os objetivos de cada uma destas atividades, é de se esperar que haja características peculiares de cada gênero. Tais características estão relacionadas ao aspecto temático e semântico, à expressividade (seleção lexical, frasal, gramatical, etc.) e aos procedimentos de organização formal dos textos. Quanto a isso, Bakhtin afirma (p. 284):

“Uma dada função (científica, técnica, ideológica oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”.

A grande variedade da atividade humana faz com que os gêneros discursivos sejam também muitos e muito variados.

Agrupados conforme as formas/estratégias de persuadir o interlocutor, os enunciados analisados neste trabalho pertencem a um mesmo gênero textual. Conforme Marcuschi (2002: 29), quando dominamos um gênero, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Desse modo, enunciados semanticamente distintos como “*Bom dia, Boa tarde Este é o meu trabalho vender balas e chicletes para ajudar a manter a minha família R\$ 1,00. Obrigado Deus o abençoe*” e “*Lança teu pão sobre as águas porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes mal que virá sobre a terra. R\$ 1,00*” fazem parte de um mesmo gênero textual por apresentarem características sócio-comunicativas semelhantes: *situação da enunciação, natureza dos objetivos da comunicação, relação entre participantes.*

Somado a esses parâmetros, há ainda a recorrência do suporte material dos textos analisados. Trata-se de um papel sulfite, recortado em pequenos retângulos, e anexado, seja por grampos ou qualquer colante, a sacos que contém balas e/ou chicletes. Os caracteres dos textos são digitados.

Os gêneros textuais são, portanto, fenômenos históricos, profundamente veiculados à vida cultural e social. Assim, no que concerne à categorização dos enunciados em um gênero específico, acreditamos que este se trata de um gênero novo, emparelhado a uma prática social relativamente recente, que se diferencia dos folhetos de propagandas entregues nas ruas e/ ou em frente a estabelecimentos comerciais. Embora haja uma tentativa de manipular a venda de um produto, o enfoque não está nas qualidades daquilo que é vendido, –normalmente, balas – mas, na maioria das vezes, naquele que vende, no seu *status* social desfavorável corroborado pela situação da enunciação: cerca de trinta segundos para colocar e tirar os saquinhos nos retrovisores dos carros, mercado informal, perigo de acidentes, baixo custo do produto oferecido.

Mesmo os enunciados que parecem apresentar uma tendência de “profissionalização” dessa prática social – distanciando-se da imagem do enunciador “honesto, sem emprego e com família” e “crente na Bíblia” – como “*Vendo*” e “*Conduzir veículo com iluminação e sinalização com defeito ou lâmpada queimada, é infração MÉDIA. Penalidade: 4 pontos na CNH, multa de 80 UFIRS. Conto com a sua colaboração. R\$ 1,00. Obrigado!*” não possuem um destaque no produto (por exemplo, no sabor que aqueles confeitos podem proporcionar ao co-enunciador).

Embora os enunciados recolhidos apresentem semelhanças estruturais (são breves, há recorrência de expressões como “Obrigado”, “Conto com a sua colaboração”), parece-nos que o que os une é o próprio fazer comunicativo voltado para a obtenção do dinheiro. Nesse sentido, não nos comprometemos aqui em dizer se esse dinheiro é visto pelos participantes da enunciação como forma enrustida de pedir esmola ou de lucrar “honestamente”. A apropriação do gênero textual desse “mercado dos semáforos” é um mecanismo de inserção prática em uma atividade humana particular, num contexto histórico contemporâneo, na relação hierárquica cultural e, sobretudo, social entre vendedor de rua e cliente.

Considerações finais

Com o estudo lingüístico dos folhetos coletados, concluímos que os todos os enunciados apresentam um enunciador-destinador que age para *fazer-fazer*. Por meio das estratégias

persuasivas, analisadas e expostas ao longo da pesquisa, o enunciador tem a intenção de fazer o enunciatário-destinatário comprar a mercadoria oferecida.

Não só a opção teórica, explicitada na introdução, como também a caracterização do gênero textual dos folhetos mostraram-nos ser extremamente válidas, porque, a partir delas, reconhecemos que o fazer comunicativo supera os limites da escrita. Analisar os enunciados pelos condicionamentos sócio-pragmáticos e práticas sócio-discursivas, fez-nos verificar uma realidade complexa. Aparentemente precários devido ao ambiente físico da enunciação e à prática de venda marginalizada, os folhetos provavelmente obedecem a uma sistematização operacional.

Em outros termos, os enunciados são produzidos em escala – o que justifica o fato de o nosso *corpus* conter folhetos iguais recolhidos em locais diferentes da cidade de São Paulo. O ato de imprimir, conforme Maingueneau (2005:80), acentua profundamente os efeitos da escritura. Oferecendo a possibilidade de imprimir um número de textos perfeitamente idênticos e uniformes. No caso dos folhetos do “mercado dos semáforos”, parece-nos que dadas formas lingüísticas são “cotadas” como sendo eficientes na obtenção do dinheiro e, então, passam a fazer parte da “máquina econômica” do referido mercado.

Diferente da prática do discurso publicitário, que procura sublinhar as qualidades do produto ou as vantagens de sua aquisição, apoiando-se algumas vezes na função poética da linguagem, as mensagens dos bilhetes centram-se na produção de um *ethos* e na obtenção de uma colaboração. Não há em nenhum dos bilhetes algum texto que demonstre as qualidades do produto “bala” e nem de suas vantagens. Dessa maneira, acreditamos que a prática dos vendedores, na verdade, aponta para uma profissionalização do ato de esmolar. Pensamos que se observássemos as mensagens diacronicamente, poderíamos revelar uma prática que possui certa evolução e passa por fases orais, manuscritas e impressas, adaptando-se à sociedade e utilizando nova tecnologia de produção textual.

O exemplo 1 e o que explica sobre as penalidades de trânsito, por exemplo, parecem apontar para uma mudança da prática textual e suscitam as seguintes observações em relação aos outros textos: são mais modernos, pois já não tematizam a troca por passe e talvez sejam posteriores à instituição do bilhete único (criado em 2004); possuem tipo de letra mais moderno, o que sugere a informatização do processo; não constroem um *ethos* ligado à família, à importância do trabalho honesto e nem à religião, sendo mais “úteis” ou explícitos (um deles

presta serviço de utilidade pública e o outro apenas enfatiza um propósito). Assim, poderíamos dizer que o “ato de pedir esmola” tem reconfigurado o seu discurso e sua prática social para se ajustar à sociedade que se organiza contra a esmola. A partir de nossa análise, questionamentos sobre uma “indústria da esmola” ou sobre a “ilusão de profissionalização” de um certo tipo de marginal social são cabíveis, mas, infelizmente, fogem de nosso escopo.

O gênero que acabamos de estudar é, sem dúvida alguma, um gênero novo e que não possui ligações, nem com o discurso publicitário e nem com qualquer outro tipo de nota, apesar de ter flexibilidade para tal. As mensagens inseridas nos pacotes de bala parecem ser provenientes da tradição oral e têm se adaptado constantemente às pressões sociais. Ao mesmo tempo é possível que, devido à profissionalização da prática, as mensagens procurem formular outro *ethos* e *logos*, de maneira a serem menos apelativas emocionalmente.

Anexos

Vendo

\$ 1,00

*Espera pelo Senhor, tem
bom ânimo e fortifique o
teu coração.*

Salmo 27:14

1 passe ou 1 real

**Entrega o teu caminho
ao Senhor, confia nele
e o mais ele fará.**

Salmo 37:5

1 Passe ou 1 Real

**Entrega o teu caminho
ao Senhor, confia nele
e o mais ele fará.**

Salmo 37:5

1 Passe ou 1 Real

Bom Dia! Boa Tarde!

Gosto de trabalhar
honestamente. Por isso
conto com sua colaboração

R\$ 1,00

GOSTO DE TRABALHAR
HONESTAMENTE POR ISSO
CONTO COM A SUA
COLABORAÇÃO: R\$1,00

OBRIGADO! DEUS ABENÇOE

BOM DIA , BOA TARDE
ESTE E O MEU TRABALHO
VENDER BALAS E CHICLETES
PARA AJUDAR MANTER MINHA
FAMILIA R\$ 1,00

**OBRIGADO
DEUS O ABENÇOE**

BOM DIA , BOA TARDE
ESTE E O MEU TRABALHO
VENDER BALAS E CHICLETES
PARA AJUDAR MANTER MINHA
FAMILIA R\$ 1,00 OU PASSE

**OBRIGADO
DEUS O ABENÇOE**

CARO AMIGO(A)

Sou pai de família e tenho mais de 52
anos e, embora seja forte e sadio não
consigo emprego. Devido a isso estou

vendendo estas **BALAS**
Por apenas R\$ 1,00 Real

ACEITO PASSE

Lança teu pão sobre as águas porque
depois de muitos dias o acharás.
Reparte com sete e ainda com oito,
porque não sabes mal que vira sobre a
terra.

R\$1,00

**Estou vendendo Balas e Chicletes
Por apenas R\$ 1,00 Real Muito Obrigado
Deus te Abençoe**

**Estou vendendo Balas e Chicletes
Por apenas R\$ 1,00 Real Muito Obrigado
Deus te Abençoe**

Referências bibliográficas

- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENVENISTE, Émile. “A filosofia analítica e a linguagem”. In: *Problemas de lingüística geral I*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRANDÃO, Helena. “Coesão e coerência textuais”. In: HUBNER et alii. *Diário de classe 3: língua portuguesa*. São Paulo: FDE, 1994.
- CRUZ JR. Dilson Ferreira da. “O *ethos* do enunciador dos romances de Machado de Assis”. In: *V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística – Caderno de Resumos*. Belo Horizonte, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 13.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____; Bentes, Anna Cristina; Cavalcante, Mônica. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: Dionísio, A. P., Machado, A.N., Bezerra, M. A (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MOSCA, Lineide. *O pathos e a sensibilização do sujeito: emoção e afetividade*. Palestra proferida no FAPS – Fórum de Atualização em Pesquisas Semióticas. Universidade de São Paulo, 27 abril 2007.
- ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. *Texto, leitura e redação*. CENP SEESP, 1990.

A LITERATURA ROMANESCA À LUZ DA COMPLEXIDADE E DA SEMIÓTICA: UMA REFLEXÃO TRANSDISCIPLINAR

Jane Cristina Baptista da Silva¹
profjanebaptista@hotmail.com

Rita de Cássia Ribeiro Voss²
riberita@gmail.com

RESUMO: O artigo reflete sobre a literatura romanesca direcionada aos adolescentes do ensino básico, do ponto de vista da Complexidade, para compreender a natureza da inter e da transdisciplinaridade. Oferece, utilizando-se do instrumental da Semiótica, os quadrados greimasianos, um esquema compreensivo que envolve alunos e professores na manutenção da disciplina como um saber formal e exterior ao sujeito e as possibilidades de ruptura paradigmática.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Complexidade, Transdisciplinaridade.

ABSTRACT: *The article is a thought about the fictitious literature aimed to teenagers from high school, on the point of view of the Complex Thoughts, to understand the nature of the inter and trans subjects. It offers, using the Semiotics Theories, Greimas' squares, a comprehensive model which implicate students and teachers in the support of the subject as a formal knowledge and out of the individual and the possibilities of a paradigmatic rupture.*

KEYWORDS: *Literature, Complexity, Semiotic, Transdisciplinarity.*

Caminhos e abordagens

As necessidades e possibilidades de leitura nas sociedades complexas induzem a repensar os modos pelos quais a literatura é apresentada aos jovens nas escolas. Geralmente, tal apresentação

¹ Jane Cristina Baptista é mestranda no Programa de Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da Universidade Braz Cubas.

² Rita de Cássia Ribeiro Voss é doutora em Educação, professora do Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da Universidade Braz Cubas, coordenadora do grupo de pesquisa EDUCOM – Educação e complexidade e pós-doutaranda na PUCSP.

parece atender a uma formalidade, sem considerar no contexto contemporâneo, a importância da literatura para a formação de um leitor crítico. Sem acionar os estados subjetivos que levam à compreensão do conteúdo e à reorganização da leitura em função da experiência pessoal e do repertório individual, limitam-se as possibilidades de vislumbrar a riqueza de significado latente no texto e de tomá-lo como instrumento para o desenvolvimento da lógica, da capacidade de análise, interpretação e síntese, que proporcionam a autonomia do sujeito cognoscente para perceber o mundo e a si mesmo. O motivo para subestimar o papel da leitura para a cognição deve-se a uma imposição de leitura que visa cumprir as metas dos conteúdos programáticos, principalmente, no que diz respeito aos temas, livros e autores que devem ser lidos para o vestibular. Ainda que esses conteúdos devam ser considerados, é preciso pensar o papel do professor como mediador do desenvolvimento das capacidades cognitivas e sistema de valores importantes para a vida por meio da leitura.

Uma questão emerge destas considerações iniciais: De que forma a literatura pode “extrair” o que há de mais significativo no sentido de colocar em movimento saberes importantes para a vida e para o mundo onde o aluno está inserido, evitando acumular, como afirma Edgar Morin (2007), “saberes empilhados”. Uma característica importante da literatura é sua dimensão ética/estética para narrar a condição humana, o drama antropológico fundamental: quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Para preencher essa brecha antropológica, a literatura mobiliza a dimensão afetiva e dela faz emergir a emoção estética capaz de despertar o pertencimento à espécie na dinâmica do processo de projeção e identificação com os personagens do romance. O professor deve, então, mobilizar tal emoção estética? Se assim for, há que pensar uma reforma paradigmática para reconhecer o que na literatura nunca esteve separada: as dimensões afetivas e racionais integradas do homem.

Em razão disso, propomos refletir sobre os paradigmas de leitura que fundamentam a permanência dos modelos formais de ensino de literatura; e a possibilidade de sua ruptura por uma dupla via, a complexidade e a semiótica greimasiana, capaz de fornecer instrumentos para tratar a literatura como disciplina que, por força de seu conteúdo simbólico, realiza o trânsito de saberes no sistema dos valores culturais.

A complexidade

A complexidade é uma abertura cognitiva, significa tecer junto. Propõe a construção de metapontos de vista, operadores cognitivos, que colocam em movimento o pensamento, valendo-se de trânsito de saberes, de noções e de conceitos das várias disciplinas. Transpõe as barreiras cognitivas para pensar os problemas que demandam uma análise sistêmica, relacional e processual entre os componentes individuais que compõem o todo. Para afrontar os problemas do meio ambiente, por exemplo, é preciso entender a vida, o mundo, dentro de um ecossistema. A ecologia, por sua natureza polidisciplinar, tece os problemas ambientais com a contribuição de várias ciências como a biologia, a economia, a geografia, a geologia, a sociologia, a ética. Um exemplo ilustra e simplifica o que queremos dizer. A ecologia é uma colcha de retalhos - as várias disciplinas -, que se associam por uma linha mestra, o problema ambiental, o metaponto de vista.

No que diz respeito à literatura, segundo Marc Fumaroli (2007), é a fonte mestra e instrumento de organização das disciplinas vizinhas como História, Artes e Geografia. Tais “passarelas”, para o autor, são numerosas e importantes, e deveriam estar presentes “no espírito de professores e alunos”. O autor enfatiza tais relações no livro organizado por Edgar Morin, *Religação dos Saberes*, perguntando: *Seria necessário, lembrar que, para os antigos retóricos, a questão do ritmo da frase e do período, a questão da eufonia, enfim, a questão da música é inerente à beleza literária?* (p.276).

Quanto ao gênero romanesco, cujo valor pedagógico na formação dos jovens ressaltamos nesse artigo, Edgar Morin o identifica na origem do cinema, que se circunscreve na relação do herói com o mundo no cotidiano. É justamente a transposição do gênero para o cinema que se dará a sua popularização. O romance assim como o cinema são acionadores cognitivos importantes para o conhecimento, uma vez que o leitor passa, por meio da cartase, por um processo de projeção e identificação, que o aproxima dos dramas cotidianos humanos, dos valores em jogo na trama e com a sina e condição humana que encerram o bem e o mal.

Além do mais, os grandes romances de Balzac, Dickens, Tolstoi e Dostoievski inscrevem seus personagens na própria vida. Eles dão a ver a subjetividade humana no centro de certo meio, certo tempo, certa história. É uma contribuição importante da literatura ao conhecimento do ser humano, ao conhecimento das relações ente os humanos, ao conhecimento da sociedade e dos tempos históricos (Morin, 2007, p. 271).

Mas nas escolas o manancial de valores que o romance produz induzindo o aluno à reflexão crítica é subestimada ou não reconhecida, na prática, pelos professores de Ensino Básico. A situação revela a permanência de um paradigma da separação do homem do conhecimento que ela cria. No entanto, está-se aqui a falar de um conhecimento que também é autoconhecimento. A religação dos saberes enfrenta o paradigma da separação entre sujeito e objeto do conhecimento, do homem do mundo onde habita, do espírito aliado do corpo, da razão apartada da emoção, que resultaram do desenvolvimento da filosofia e ciência clássicas. Ao criticar os princípios cartesianos da fragmentação, simplificação, descontextualização e reducionismo científico que norteiam as estruturas e normas educacionais, a complexidade inspira uma reforma paradigmática que desvela o caráter multidimensional do homem e da vida, especialmente no que tange à sensibilidade, à emoção e ao sentimento.

Morin (1998) nega, por exemplo, que a literatura é uma disciplina que deva ser estudada ou dissecada de maneira formal e exterior. Ao contrário, a literatura proporciona, para além de uma dimensão educativa convencional, referenciais éticos e estéticos para a formação do sujeito, que precisa mobilizar saberes, subjetivamente organizados, em interação com o seu meio. Como atesta Fumarelli (ibidem), a literatura, sua variedade e riqueza de sentidos, ensina o discernimento moral, fornece valores para julgar e discernir as escolhas. Ensina, principalmente, a discernir o erro e a ilusão que parasitam o conhecimento humano.

Diante dessas considerações de caráter paradigmático, é necessário uma mudança de postura dos docentes frente às demandas modernas por um pensamento reorganizador para possibilitar o

trânsito das disciplinas separadas pelo pensamento redutor e fragmentado. À abertura cognitiva para romper as fronteiras disciplinares e promover uma comunicação profícua entre elas, deve ocorrer, conseqüentemente, um pensamento transdisciplinar, possibilitando aos discentes usufruir da diversidade e a liberdade de escolha literária dentro de um sistema de valores construído no espaço da relação professor/aluno – leitura/prazer. A literatura, ela própria, pode se constituir como um dos possíveis eixos transdisciplinares nos futuros currículos, que restabeleça o valor estético/ético da educação. A literatura romanesca proporciona aos adolescentes firmarem-se como seres humanos dotados de sentimentos de verdades, isto é, dessa prática emerge todas as capacidades que estão por desabrochar.

Para que a mudança de postura e a nova visão de mundo aconteçam, é necessário que o professor, além da prática transdisciplinar, aqui sugerida, possa ele mesmo encantar-se com a literatura, com a possibilidade de reflexão sobre o homem e nela encontrar-se numa atividade de religação da razão e da emoção. É no ambiente escolar que este elo forte une, orienta e seduz o adolescente para essa prática. Viver no mundo contemporâneo é estar todo o tempo diante dos mais diferentes textos. É *ler e reler* o mundo em toda a sua complexidade. Para isso, a semiótica oferece esquemas onde emergem as tensões, oposições complementares nos discursos, muito além da semântica, para encontrar nas leituras suas múltiplas possibilidades.

Esquema semiótico, leitura e imposição

A Semiótica é, dentre outras, uma ferramenta poderosa que possibilita inúmeras leituras do mundo simbólico que constituem os discursos manifestos. A abordagem semiótica da dimensão complexa do discurso literário, o *poder-fazer-criar*, demonstra o forte poder de sedução que dele emana, possibilitando entender o significativo de uma cultura, isto é, o percurso gerativo de sentido de sua sintaxe discursiva e da semântica profunda. A resistência à compreensão complexa da literatura romanesca e da escolha dos livros a serem lidos pelos alunos, segundo um sistema de valores e a identificação da origem discursiva de dimensões valorativas e estéticas no livre trânsito dos saberes multidisciplinares podem ser esquematizadas pelo quadrado greimasiano.

Os estudos da *semiótica literária* esclarecem os princípios estéticos como a mimese, a verossimilhança. É a transposição da vida para a arte, presente na literatura romanesca, que seduz os leitores. Segundo Cidmar Pais (2003), os universos dos discursos literários constituem-se em metáforas que funcionam como um exemplo para a vida, “um tal qual”. Daí, o seu caráter de sistema de valores:

A verossimilhança, retomada da Antiguidade greco-romana, no Renascimento, ainda desempenha algum papel entre os sujeitos- enunciatários-leitores. Trata-se do princípio estético grego da *mýmesis*: “a arte imita a vida”. A modalidade complexa que se salienta é a do poder-fazer-criar. Os universos de discurso literário seduzem o leitor/ouvinte. Caracterizam-se como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem, geralmente, não ‘imitações da vida’, mas metáforas da vida, que conduzem a uma compreensão desta.

É, então, possível vislumbrar os valores do “discurso da imposição” num esquema explicativo que sustenta a permanência do paradigma fragmentado e redutor. Este instrumental demonstra o programa narrativo dos educadores e dos alunos em busca de seus objetos de valor. Também é possível entender a sedução que os ‘grandes textos’ exerce no leitor, os adjuvantes que realçam o discurso e seus oponentes, conforme os esquemas do quadrado greimasiano representado nas figuras abaixo.

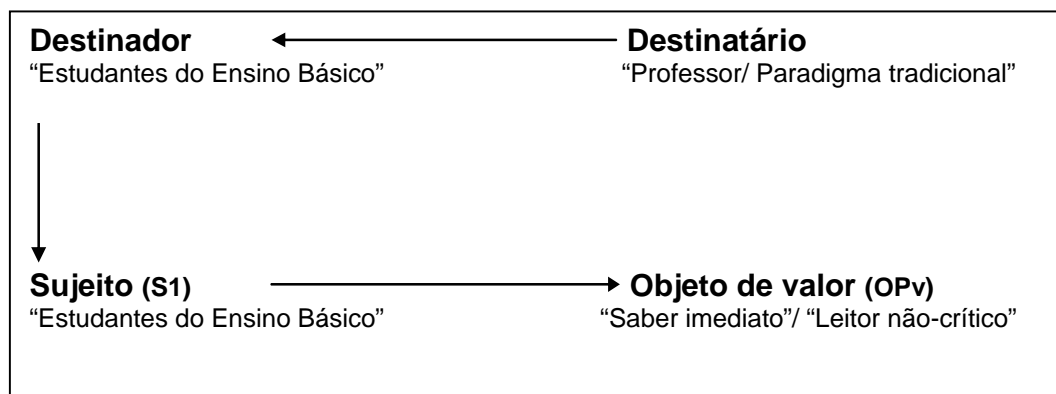


Figura 1. Papéis Actanciais e suas relações com atores

O destinador, o estudante do Ensino Básico, tomado como sujeito passivo pelo destinatário, o professor que adota o paradigma tradicional, constitui o objeto de valor subestimado, o saber

imediatamente, não crítico. A não-criticidade deve-se, aqui, a uma formação que não aproxima as dimensões objetivas do conhecimento escolar às dimensões subjetivas. É no encontro do conhecimento com o autoconhecimento, dado pela liberdade de escolha e pela aproximação e trânsito das disciplinas, que um saber autônomo e singular possibilita a criação de modelos inusitados para compreender o mundo, a vida e a si mesmo, como é possível ver na figura a seguir.

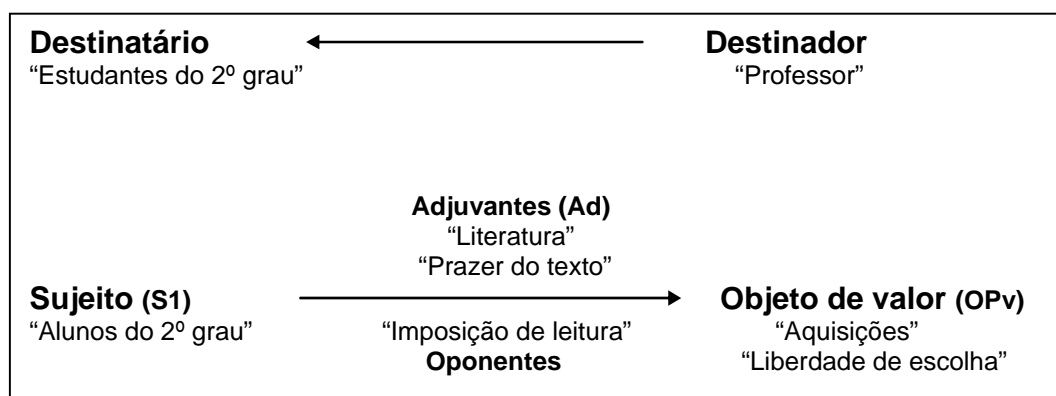


Figura 2. Leituras Possíveis do Esquema Canônico no Discurso Literário

Como considerações finais, podemos repensar o importante papel que os educadores desempenham na condução das aquisições, conduzindo os adolescentes a trilhar 'caminhos' que não os encantam. É preferível possibilitar a criação de valores por meio dos grandes textos, sistemas exemplares, universos metafóricos, para cultivar o bem e o belo como base dos julgamentos e das escolhas literárias, e, também, quanto aos problemas da vida. A perspectiva transdisciplinar abre as possibilidades de exercitar a liberdade de trafegar livremente pelas disciplinas e, como resultado, experimentar as expressões artísticas, fazer emergir a criatividade literária e a compreensão da condição humana.

BIBLIOGRAFIA

FUMAROLI, Marc. A literatura: preparação para tornar-se pessoa. In: **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 2.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. 2.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

PAIS, Cidmar Teodoro e BARBOSA, Maria Aparecida. **Tradition orale, littérature populaire et discours**.

Ethno-littéraire: approche sémantique et lexicale. *Textures Cahiers du CEMIA*. Lyon, Lyon 2, v.10, p.11-25, 2003.

GÊNEROS DO DISCURSO - EXPERIÊNCIAS PSICOSSOCIAIS TIPIFICADAS

Rodrigo Acosta Pereira

RESUMO: Pesquisas contemporâneas em Linguística Aplicada têm enfatizado o papel dos gêneros do discurso na tipificação e relativa estabilização das interações nas diversas situações da vida social cotidiana. Sob essa perspectiva, objetiva-se ao longo da pesquisa (a) localizar o presente trabalho a partir das teorizações da Análise Dialógica do Discurso (ADD) do Círculo de Bakhtin acerca dos estudos sobre gêneros do discurso; (b) apresentar considerações teórico-metodológicas sobre os gêneros do discurso sob o escopo da ADD e (c) propor considerações finais e sugerir pesquisas futuras na área. O trabalho apresenta-se relevante, à medida que não apenas contribui para a consolidação de pesquisas no âmbito da Teoria dos Gêneros do Discurso, como também apresenta subsídios teórico-metodológicos e aplicados para profissionais cujo objeto de trabalho seja a linguagem em suas diferentes realizações.

PALAVRAS-CHAVES: Gêneros do Discurso; Tipificação; Interação.

ABSTRACT: Contemporary Applied Linguistic researches have been emphasized the social role of discourse genres in the typification and relative stabilization of our daily interactions. Based on this, the present work aims at (a) localizing the research through the Dialogical Discourse Analysis (DDA) based on Bakhtin's theory; (b) presenting theoretical and methodological aspects concerning the discourse genres according to the DDA theory and (c) proposing final considerations and suggesting future researches in the area.

KEYWORDS: Discourse Genres; Typification; Interaction.

I Introdução

Inter-relacionamos-nos por meio do discurso em diferentes situações de enunciação, constituindo-nos, constituindo o outro e nossas interações sociais. Sob essa perspectiva, pesquisas contemporâneas em Linguística Aplicada têm enfatizado a relação dialógica entre sociedade e linguagem sob o escopo dos gêneros do discurso, apresentando discussões teóricas e metodológicas seja sobre práticas de letramento, seja sobre teoria e análise enunciativo-discursiva de gêneros (BONINI, 2005; CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2004; 2005; KLEIMAN, 2006;

MARCUSCHI, 2002; 2005; MEURER, 2005; MOTTA-ROTH, 2005; 2006; RODRIGUES, 2001; 2004; 2005; ROJO, 2005; SIGNORINI, 2006).

Dentre as diversas pesquisas científicas desenvolvidas na área dos gêneros do discurso, diferentes abordagens teórico-metodológicas destacam-se: a sociossemiótica, a socioretórica, a interacionista-sociodiscursiva, a semiodiscursiva e a abordagem que se propõe investigar nesse trabalho, a sociodialógica, cujos referenciais teóricos e metodológicos de estudo dos gêneros estão sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin (1981; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006).

A perspectiva Sociossemiótica busca compreender a configuração contextual e textual dos gêneros do discurso a partir da análise das metafunções ideacional, interpessoal e textual (EGGINS, 1994; HALLIDAY E HASAN, 1989; HALLIDAY 1978; 1994; THOMPSON, 1996) e sua relação com a interpretação, descrição e explicação da construção discursivo-ideológica do gênero com base na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 1992; 1995; WODAK, 2001). Entende-se, em síntese, que estudar os gêneros do discurso sob o escopo sociossemiótico é procurar entender a relação bidirecional entre discurso e estruturação social¹, enfatizando a linguagem enquanto prática social de significação que (a) estrutura experiências diárias; (b) (re)constrói relações interpessoais e (c) se manifesta na forma de textos sócio-situados.

Sob o âmbito do estudo Socioretórico (SWALES, 1990; BAZERMAN 2005; 2006; 2007; MILLER 1984), objetiva-se analisar os gêneros do discurso, considerando-os como ações sociais que (a) materializam uma classe de eventos; (b) compartilham propósitos comunicativos; (c) possuem traços específicos prototípicos; (d) apresentam lógica inata e (e) determinam usos lingüísticos específicos de acordo com a comunidade discursiva.

A proposta de análise socioretórica se desenvolve, dessa forma, a partir de três conceitos-chave: comunidade discursiva, tarefa e gênero. Essa perspectiva define que um gênero pode ser concebido como uma classe de eventos comunicativos – ações sociais mediadas pelo discurso – que compartilham propósitos comunicativos específicos. “Esses propósitos são reconhecíveis

¹ Segundo Giddens (1984, p. 14), “estrutura refere-se às propriedades de estruturação que permitem a ‘delimitação’ de tempo-espaço em sistemas sociais, às propriedades que possibilitam a existência de práticas sociais discernivelmente semelhantes por dimensões variáveis de tempo e de espaço e lhes emprestam uma forma sistêmica”.

pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero” (SWALES, 1990, p. 58).

A abordagem Interacionista-Sociodiscursiva (SCHNEUWLY e DOLZ 2004; BRONCKART 1997; 1999) pretende descrever as características enunciativo-discursivas do funcionamento dos gêneros do discurso e selecionar, planejar e projetar conteúdos de ensino/aprendizagem que estejam de acordo com as capacidades de linguagem que possam ser aplicadas nas práticas didáticas. Objetiva-se integrar parâmetros psicossociais e lingüístico-discursivos, examinando “as relações que as ações de linguagem mantêm com os parâmetros do contexto social em que se inscrevem” (CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2005, p. 37). Em suma, propõe-se (a) a análise das ações semiotizadas –ações sócias mediadas pelo discurso- em relação com o social; (b) a desconstrução da estrutura do texto e interpretação/descrição dos recursos lingüísticos e (c) a explicação das operações psicológicas na produção do texto e na apropriação do gênero do discurso. Procura-se compreender os gêneros como “reguladores e como produtos das atividades sociais da linguagem” (MACHADO, 2005, p. 249).

Sob o escopo da perspectiva Semiodiscursiva² (CHARAUDEAU, 2004; 2006; MAINGUENEAU, 2001; 2004), os gêneros são concebidos como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” (MAINGUENEAU, 2001, p. 61). Dessa forma, busca-se entender os gêneros como (a) rotinas/comportamentos estereotipados estabilizados e em variação contínua; (b) atividades/atos de linguagem submetidos a critérios de êxito – finalidade, estatuto de parceiros, temporalidade, suporte material e organização textual; (c) contrato – pressupõe ser cooperativo e regido por normas sociais; (d) papel – implica a determinação de papéis sociais dos interactantes e (e) jogo – compreendem regras mutuamente conhecidas pelos interactantes.

A abordagem Sociodialógica (BAKHTIN, 1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006), na qual a presente pesquisa se insere, objetiva compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a

² Segundo Charaudeau (2004, p. 21), “[...] uma análise dos gêneros deve se apoiar em uma teoria do fato languageiro, dito de outra maneira, em uma teoria do discurso na qual possamos conhecer os princípios gerais sobre os quais ela se funda e os mecanismos que os colocam em funcionamento. Toda teoria do discurso implica, assim, que sejam determinados diferentes níveis de organização do fato languageiro. Já expus, aqui e ali, os aspectos de uma teoria psico-sócio-comunicativa (que chamo de ‘Semiodiscursiva’) na qual me inscrevo [...]”.

partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Bakhtin (2003) apresenta os gêneros do discurso enquanto enunciados relativamente estabilizados, tipificados socioideológico e sociodialogicamente.

Dessa forma, a presente pesquisa procura estudar os gêneros do discurso, sob o horizonte da Análise Dialógica do Discurso (ADD) / Teoria da Enunciação Sociodialógica (TESD) (BRAIT, 2006) de Mikhail Bakhtin, revisitando seus aspectos teórico-metodológicos. Assim, em relação com as outras vertentes de análise do discurso (Anglosaxã – Análise Crítica do Discurso e Francesa – Análise de Discurso), a Análise Dialógica do Discurso procura compreender a “indissolúvel relação entre língua, linguagens e sujeitos” historicamente situados (BRAIT, 2006, p. 10). Segundo Brait (2006, p. 13-14), a Análise Dialógica do Discurso (ADD) objetiva

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade lingüística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber ‘enfretamento dialógico da linguagem’ constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

Em síntese, cabe ressaltar, portanto, que a abordagem Sociodialógica está em confluência com as demais perspectivas atuais de pesquisas de gêneros do discurso em Lingüística Aplicada (Sociosemiótica, Socioretórica, Interacionista-Sociodiscursiva e Semiodiscursiva), colaborando para a compreensão da relação dialogizante entre sociedade e linguagem e para o papel dos gêneros do discurso nessa inter-relação.

II Os gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD) do Círculo de Mikhail Bakhtin: aspectos teóricos e metodológicos

Compreendemos a linguagem por meio de sua dimensão social e dialógica. É a partir da relação bidirecional entre linguagem e sociedade que se materializam as diversas situações sociais de interação.

Os diversos usos da linguagem realizados na sociedade nas diferentes interações sociais entre indivíduos num determinado contexto sócio-histórico e cultural se realizam por meio de enunciados que se tipificam, os quais denominamos gêneros do discurso.

Os gêneros são tipificados nas interações assim como se realizam e se regularizam em esferas sociais específicas da atividade humana. Segundo Bakhtin (2003), a linguagem media os diferentes campos sociais de interação. Em consequência, os usos sociais da linguagem são multiformes e heterogêneos, assim como os são as esferas da atividade e comunicação humanas. Essa mediação é realizada por enunciados (orais ou escritos), concretos, únicos, irrepetíveis e heterogêneos que são proferidos pelos sujeitos atuantes em determinadas situações sociais de interação. Assim, os enunciados refletem as condições sociais e as finalidades de cada esfera e situação sociais regularizados por meio do tema, estilo e composição que, em confluência, são indissoluvelmente inter-relacionados e se constituem mutuamente.

Bakhtin (2003) afirma que todas as esferas da atividade humana estão efetivamente relacionadas com o uso social da linguagem. As realizações lingüísticas se efetuam como enunciados que se legitimam e refletem as condições sociais de produção que estão pressupostas nas interações de que fazem parte. O enunciado materializa as condições e as finalidades de cada uma das esferas sociais desses enunciados, isto é, os enunciados, como unidades de comunicação, são marcados por regularidades sócio-temáticas, sócio-estilísticas e sócio-composicionais que se estabilizam na forma de gêneros. Sob essa perspectiva, “a riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]” em relação as suas esferas sociais (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Esferas sociais são espaços de regularização e significação social dos gêneros, assim como espaços sociais de interação no quais os gêneros se constituem e funcionam. Todo gênero adapta-se a uma situação interacional que se desenvolve em uma esfera social específica.

Dessa forma, os diversos gêneros que circulam na sociedade refletem ou refratam uma determinada realidade pertencente a uma esfera social. Nessa interação, os enunciados, realizados

em uma esfera social específica, não apenas se adaptam a essa esfera como regularizam suas interações por meio dos gêneros.

Bakhtin (2006, p. 130) retoma que, toda e qualquer situação de interação possui um auditório organizado e conseqüentemente um certo repertório de enunciados relativamente estáveis, visto que

só se pode falar de fórmulas específicas, de [gêneros] [d]o discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. [...] Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente [...] A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social [...]. Elas coincidem com esse meio, são por ele delimitadas e determinadas em todos os aspectos. (BAKHTIN, 2006, p. 130).

Sob esse âmbito, podemos compreender que os gêneros do discurso, não apenas funcionam em determinada esfera social, como incorporam os objetivos, as ideologias e as relações interpessoais constitutivos dessa esfera.

Considerando os gêneros como enunciados relativamente tipificados, Bakhtin (2003) discute os indícios da totalidade dos enunciados, postulando que seu acabamento³ ou conclusibilidade é determinado pelo: (a) seu objeto de sentido; (b) intuito do locutor e (c) as formas típicas do gênero. O conteúdo temático é compreendido como o objeto de sentido valorado no discurso, isto é, o conteúdo tematizado que se desenvolve no gênero a partir da interação.

Para Bakhtin (2003, p. 281), determinadas esferas sociais produzem seus temas específicos. Em outras palavras, a exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado se diversifica à medida que se diversificam as situações de interação. A exauribilidade semântico-objetal pode apresentar-se plena em campos oficiais nos quais os gêneros do discurso são de natureza padronizada e a criatividade é quase ausente.

Por outro lado, em esferas sociais nas quais a fluidez do gênero é recorrente, os temas são diversificados, apresentando acabamento e responsividade plásticos. Em síntese, o objeto

³ “A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2003, p. 280).

semântico é inexaurível, mas ao se tornar tema de enunciados, determina-se em função da esfera social da qual os enunciados se realizam.

Inter-relacionado e indissociável à exauribilidade semântico-objetal, a intenção discursiva de discurso apresenta-se como a vontade discursiva do falante que “determina o todo do enunciado, seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2003, p. 281). Bakhtin (2003, p. 281) retoma que “imaginamos o que o falante quer dizer⁴, e com essa idéia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado”.

É sob esse âmbito que as formas típicas estão relacionadas com o conteúdo temático e com o intuito do locutor. Para Bakhtin (2003, p. 266), as unidades composicionais são determinados “tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva”. A composicionalidade aliada ao estilo e ao tema dos enunciados estabilizados em gêneros resulta no reconhecimento de situações de enunciação tipificadas, tornando a interação compreensível aos interlocutores. Bakhtin (2003, p. 283) argumenta que

as formas da língua e as formas mais típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência [...]. Os gêneros do discurso organizam nossa fala [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas dos gêneros [...]. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados. Ao introduzirem-se em nossa consciência, os gêneros moldam nossos discursos em determinadas interações, à medida que “nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...]”.

A consciência, para Bakhtin (2006), é ideológica, dialógica e semiotizada. A significação dos gêneros, nas diversas interações sociais, é intimamente investida de ideologias, visto que as esferas sociais são constituídas de normas sociais (Bakhtin, 2006), a regularização e a legitimação dessas esferas se constroem por determinadas ideologias. Sociedade, discurso e ideologia se constituem mutuamente. Dessa inter-relação, os gêneros funcionam como formas típicas de enunciados, que, investidos de ideologias, retomam e reproduzem os valores sociais nas diversas interações.

⁴ “Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do falante [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 281).

O discurso que se produz nos gêneros encobre não apenas índices de valores ideológicos da situação imediata da interação, como também da situação mais ampla da qual a interação e a esfera de comunicação fazem parte.

Dessa forma, aspectos históricos e culturais se relacionam com as ideologias, regulamentando os diferentes discursos materializados nos enunciados. Para Bakhtin (2006, p. 33), “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico”.

Outro aspecto relativo ao diálogo social entre gêneros e ideologias está acerca do conceito de gênero primário e secundário. Bakhtin (2003) procura não normatizar classificações de gêneros, contudo, busca compreender a distinção que estabelece entre o que denomina de ‘primário’ e o que chama de ‘secundário’.

O autor propõe que entendamos os gêneros primários (simples) como aqueles que funcionam sociocomunicativamente em relações dialógicas de interação em espaços regularizados por normas sociais de ideologias cotidianas, isto é, ideologias não institucionalizadas. Os gêneros secundários, por sua vez, de acordo com o autor, se encontram legitimados por ideologias formalizadas, isto é, ideologias que institucionalizam determinadas esferas sociais das quais os gêneros se realizam (por exemplo, o romance, da esfera da arte, os gêneros do jornalismo de jornal e de revista, tais como: a entrevista, a carta de aconselhamento, o editorial, o artigo assinado).

Bakhtin (2003, p. 263) compreende a impossibilidade de se minimizar a heterogeneidade e a diversidade dos gêneros nas diversas esferas sociais de ação mediadas pelo discurso. Essa constatação leva-nos, segundo o autor, à dificuldade de definir ou limitar a natureza dos enunciados. É sob esse parâmetro heterogêneo e plástico que Bakhtin (2003) postula considerações sobre a relação dialógica entre gêneros primários e secundários. Para o autor, os gêneros primários são constituídos e funcionam sob o prisma de ideologias do cotidiano, ao passo que os gêneros secundários circulam em esferas sociais de atuação de ideologias institucionalizadas. Contudo, os gêneros secundários incorporam e reelaboram os gêneros primários, constituindo-se a partir deles nas diferentes condições de comunicação sociodiscursiva.

Em síntese, podemos compreender que os gêneros, em suas diversas esferas sociais, não são apenas histórico e culturalmente construídos, como também são conjugados a determinadas ideologias. Estas, por sua vez, não apenas determinam a construção discursiva do gênero, como também o espaço da interação, regularizando e (re)construindo determinadas normas sociais impostas pelos variados espaços de produção, circulação e recepção dos gêneros na sociedade, o que determina sua essência híbrida, fluida e dinâmica.

Os aspectos híbridos dos gêneros do discurso são discutidos por Bakhtin (1998; 2003; 2006) a partir dos conceitos de intercalação e transmutação. Dessa forma, não podemos minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e o caráter genérico do enunciado.

Quanto à intercalação de gêneros, podemos compreender como a incorporação de enunciados de um gênero em um enunciado de outros gêneros, como uma carta dentro de um romance. Gêneros da esfera do jornalismo, freqüentemente, utilizam-se desse recurso para a construção das instâncias interacionais de produção e recepção (por exemplo, uma publicidade com regularidades genéricas de uma receita; um editorial com regularidades do gênero horóscopo).

Portanto, ocorre intercalação quando enunciados de um determinado gênero estão em enunciados de outros gêneros, independente da esfera, mas sempre com relação aos horizontes interacionais. Embora, sob a perspectiva de Bakhtin, todos os enunciados são sempre atravessados por outros enunciados e pelos enunciados do outro, a intercalação se estabelece e se constitui por enunciados de um determinado gênero em relação dialógica com enunciados de outro gênero, numa dada interação social. Para Bakhtin (1998, p. 124-125),

os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetais, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra⁵.

⁵ Bakhtin (1998, p. 124-125) refere-se a gêneros intercalados no gênero romance, afirmando que os gêneros intercalados são “uma das formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance [...]. Todos esses gêneros que entram no romance introduzem nele as suas linguagens e, portanto, estratificam a sua unidade lingüística e aprofundam de um modo novo seu plurilinguismo”.

Rodrigues (2005) entende que os gêneros intercalados apresentam-se como um modo de introdução do discurso do outro por meio de um gênero outro, cuja função é o da construção de uma determinada orientação socioaxiológica. “O gênero intercalado é como outra janela genérica (de gênero) que se maximiza sobre [um determinado gênero do discurso]” (RODRIGUES, 2005, p. 180-181). Sob esse âmbito, a hibridização dos gêneros realiza-se por processos seja transmutacionais ou de intercalação, caracterizando os gêneros do discurso como plásticos, fluídos e dinâmicos.

As diversas atualizações e (re)constituições dos gêneros se dá nas diferentes interações sociais, visto que, a intercalação é um dos processos enunciativos no qual se pode observar a plasticidade dos gêneros. “Todas essas características dos gêneros apontam para sua relativa estabilidade, sua dinamicidade e sua relação inextricável com a situação social de interação”. (RODRIGUES, 2005, p. 169).

Os gêneros, além de sua plasticidade e fluidez, são, concomitantemente, históricos e dinâmicos, ou seja, conjugam-se às mudanças sociais e discursivas. A renovação/mudança na língua reflete-se na renovação ou destruição de gêneros do discurso nas diversas interações; por exemplo, “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 267).

A historicidade dos gêneros está pressuposta nas mudanças da língua, visto que diferentes épocas elaboram diferentes gêneros do discurso. Dessa forma, como os gêneros moldam os enunciados e como os enunciados são carregados de índices de valor e se constituem sob a perspectiva de uma determinada situação de interação, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268), colaborando para uma renovação ou destruição de gêneros em dinâmica constante.

“A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o tom do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 268). Assim, para Bakhtin (2003), estudar o discurso é partir para a compreensão dos enunciados e dos gêneros que moldam esse discurso, pois “o estudo do enunciado como unidade

real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 269).

III Discursividade, responsividade e dialogismo

A compreensão da produção e da recepção de enunciados nas diversas interações é dialógica, ou seja, pensar em gêneros é compreender as diferentes relações enunciativas que o configuram e determinam seu funcionamento nas diferentes esferas sociais de comunicação. Para Bakhtin (1998; 2003), o dialogismo é constitutivo da discursividade, isto é,

o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial para nossos fins.

O enunciado como unidade real da comunicação não é uma unidade objetiva e convencional, mas discursiva e intersubjetiva, posto que os limites dos enunciados são determinados pela alteridade. Nas interações sociais, os enunciados funcionam como “um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, p. 291). Dessa forma, compreender o dialogismo bakhtiniano é buscar desconstruir as inter-relações enunciativas que se constroem interativamente, já que nossos enunciados mantêm relação dialógica com outros enunciados já ditos, isto é, os enunciados estão em constante inter-relação com enunciados outros.

Com isso, os enunciados se articulam como formas sociais de comunicação, que, quando relativamente tipificadas, se organizam como gêneros do discurso. A compreensão dos enunciados é inseparável de sua situação de interação, ou seja, significações enunciativas não são fixas, impermeáveis ou abstratas, mas são essencialmente sociais. Significação e interação funcionam conjuntamente. Para Bakhtin (2006, p. 135-136),

a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra [...]. Sua significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação. [...] A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar [...]. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras novas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. [...] na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de

união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor [...].

Em *O Problema do Texto na Linguística, Filologia e Outras Ciências Humanas*, Bakhtin (2003, p.323) revisita o aspecto dialogizante do discurso, discutindo que as relações dialógicas do discurso são apenas possíveis a partir de enunciados integrais de determinados sujeitos desse discurso. São relações que não estão reduzidas às relações lógicas (sintático-composicionais). Onde não há discurso não há relações dialógicas, ao passo que estas não podem ser constituídas por meio de objetos ou grandezas lógicas.

É sob essa perspectiva que Bakhtin apresenta aspectos sobre autoria e discursividade bivocalizada. O discurso bivocal é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano do discurso, especificando que o discurso bivocal orienta-se para o objeto do discurso como também para o discurso do outro. Essa dupla orientação do discurso materializa-se na forma e enunciados e, por conseguinte, pressupõe uma autoria enunciativo-discursiva. “A palavra como ato [...]. A sensação de si mesmo e do outro na palavra” (BAKHTIN, 2003, p. 320).

Segundo pressupostos de Bakhtin (2002; 2003; 2006), todo sujeito se constitui a partir da interação que estabelece com o outro, isto é, é a interação que se processa entre o eu e o outro que define o eu como sujeito. O autor argumenta que é a partir do discurso do outro que o sujeito se constitui na sociedade. Além disso, Bakhtin (2002; 2003; 2006) afirma que a tomada de consciência do sujeito quanto ao seu discurso e seu papel também se dá a partir dessa interação dialógica intersubjetiva do eu com o outro. Para Bakhtin (2003)

[...] avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro – para nós mesmos esse valor não existe imediatamente [...]. Consideramos o fundo às nossas costas, isto é, tudo o que nos rodeia, o que não enxergamos imediatamente, não conhecemos e não tem para nós importância axiológica direta, mas, pelo visto, é significativo e conhecido aos outros, o que vem a ser uma espécie de fundo em que os outros nos percebem axiologicamente, no qual nos manifestamos para eles [...]. (p. 13-14).

Dessa forma, o discurso implica dialogismo e responsividade, visto que “a palavra é interindividual” (BAKHTIN, 2003, p. 327) e todo discurso pressupõe audibilidade. O discurso materializado na forma de enunciados é compreendido dialogicamente, isto é, a compreensão dos enunciados se dá a partir de suas relações dialógicas com outros enunciados. Para Bakhtin

(2003), “a compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (p. 332).

Em suma, a compreensão dos enunciados e das relações dialogizantes entre eles é dialógica e demanda responsividade, posto que “a compreensão do enunciado⁶ pleno é sempre dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 331).

IV O pape dos gêneros do discurso na sociedade

(Inter)Agimos por meio da linguagem em diferentes situações de interação imediatas e amplas, (re)construindo nossas relações intersociais, construindo ou transformando nossa realidade social e participando de diferentes situações sociais de enunciação por meio de gêneros do discurso. Entender gêneros é compreender que nossas atividades diárias são realizadas em determinadas situações concretas, visto que a sociedade se comunica e interage por meio de gêneros; dessa forma, os gêneros apresentam-se como recursos psíquicos e sociais de compreensão de nossas ações mediadas pela língua(gem), pois não apenas relativamente estabilizam nossa interações, como as regularizam e as significam na sociedade.

Para Bakhtin (2006, p. 42)

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados.

Sob esse aspecto, Bakhtin (2006) retoma que o discurso apresenta-se como o meio e o material pelo qual se produzem as mudanças sociais em diversas interações, além de engendrar e normatizar a ideologia pressuposta nessas mudanças. O discurso, para a ADD, “é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 42). Com isso, para a ADD, os gêneros do discurso encontram-se diretamente

⁶ “O enunciado como um conjunto de sentidos. A relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto (porque sobre ele discutem, sobre ele concordam, nele as pessoas se tocam) nem da relação com o próprio falante. Trata-se de uma tríade viva”. (BAKHTIN, 2003, p. 329).

relacionados às diversas situações de interação e refletem e refratam as diferentes flutuações da atmosfera social.

Bakhtin (2006), ao inter-relacionar discurso, gêneros e sociedade, afirma que as relações sociais estão em contínua evolução (sob o âmbito das infra-estruturas e das relações sociais), assim como a comunicação e a interação verbal. Em consequência, os enunciados dinamizam-se em função da interação verbal, evoluindo e modificando as diferentes formas da língua.

Em adição às relações entre gêneros do discurso e mudanças sociais, Bakhtin (1998) estabelece diálogos entre os gêneros e processos de (des)centralização da língua. De acordo com a perspectiva bakhtiniana, a língua enquanto fenômeno social expressa forças sociais duais: forças de unificação e desunificação, que dialogam constantemente nas relações sociais e nas interações discursivas.

As forças de unificação são denominadas ‘centrífugas’, ao passo que as forças de desunificação são nomeadas de ‘centrípetas’. Os gêneros do discurso, para Bakhtin, são considerados forças sociais centrífugas, pois atuam como forças de desunificação da língua. (BAKHTIN, 1998). Rodrigues (2005, p. 168), a esse respeito, afirma que “a concepção de estratificação da língua (centrípetas e centrífugas) [...] não se limita às forças temporais, geográficas e à classe social, mas incluem em si os gêneros e outras forças sociais significativas” ideologicamente construídas e investidas de diferentes valores históricos e culturalmente estabelecidos. Com isso, diferentes forças centrífugas e centrípetas emergem com a interação mediada por gêneros, funcionando como espaços de controle, sistematização e criação da língua e de discursos.

Bakhtin (1998) propõe que cada enunciado do sujeito do discurso apresenta-se como espaço de articulação seja de forças centrípetas, seja de forças sociais centrífugas. Esses processos de centralização e descentralização da linguagem inter cruzam-se na situação de enunciação.

V Considerações Finais

Entender gêneros e, portanto, uma prática linguística sócio-construída, é compreender que, nossas atividades diárias são realizadas em determinados situações sociais concretas, e é através

da linguagem, nas suas diferentes semioses, que realizamos muitas das ações que nos interessam, ações que objetivamos e ações que nos inserimos como interlocutores.

Sob esse escopo, os gêneros apresentam-se como recursos de experiências psicossociais, pois é por mediação dos gêneros, que socialmente nossas ações são tipificadas, isto é, seguem determinadas regularizações, seja no plano léxico-gramatical, seja no plano sociointeracional.

VI Referências

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)**. 1926. Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Edited and Translated by Caryl Emerson. Minnesota: UMP, 1989.

_____. **Para uma Filosofia do Ato**. Texto completo da edição americana Toward a philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.

_____. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, C; A. P. DIONÍSIO; J. C. HOFFNAGEL. (Orgs.). **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Gêneros, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BONINI, A. **A Noção de seqüência textual e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. **Gêneros – Teorias, Métodos e Debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso**. In: BRAIT, B. **Bakhtin – Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRONCKART, J. P. **Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interacionismo Sócio-discursivo**. Trad. Ana Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 1997/1999.

CHARAUDEAU, P. **Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual**. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). **Gêneros Textuais: Teoria e Prática**. Londrina: Moria, 2004.

_____. **Gêneros Textuais: Teoria e Prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London. Printer, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____. **Critical Language Awareness**. London: Routledge, 1992.

_____. **Media Discourse**. London: Longman, 1995.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. Cambridge: Polity Press, 1984.

HALLIDAY, M.A.K. **Language as a Social semiotic – The Social Interpretation of Language and Meaning**. London: OUSB, 1978.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold. 1994.

_____. & HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KLEIMAN, A. B. **Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio**. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) Português no Ensino Médio e Formação do Professor. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

MACHADO, A. R. **A Perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart**. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002, p.19-36.

_____. **Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação**. In: A. M. KARWOSKI; B. GAYDECZKA; K. S. BRITO. (Orgs.) Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue. 2005. p. 17-34.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos da Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Diversidade dos Gêneros do Discurso**. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MEURER, J. L. **Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough**. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-107.

MILLER, C. **Genre as a Social Action**. In: FREEDMAN, A; MEDWAY, P. (orgs.) Genre and the New rhetoric. London: Taylor & Francis. 1984. p. 23-42.

MOTTA-ROTH, D. **Questões de Metodologia em Análise de Gêneros**. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. Gêneros Textuais – Reflexões e Ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p. 179-202.

_____. **O Ensino de Produção Textual com base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais**. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 6, número 3, set./dez. Florianópolis, 2006.

RODRIGUES. R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. **Análise de Gêneros do Discurso na Teoria Bakhtiniana: Algumas Questões Teóricas e Metodológicas**. Revista Linguagem em Dis(curso). V. 4, nº 2, jan. jun. 2004.

_____. **Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin.** In: MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. Gêneros – Teorias, Métodos e Debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas.** IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

_____. **Fazer Lingüística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento.** In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

SIGNORINI, I. (org.) **Gêneros Catalisadores – Letramento e Formação do Professor.** São Paulo: Parábola, 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola.** Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings.** Cambridge: CUP. 1990.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar.** London: Edward Arnold, 1996.

WODAK, R. **Do que se trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos.** Revista Linguagem em (Dis)curso. V.4, nº especial de 2004.

JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA

Especialista em Filosofia da Educação (PUC/PR), Mestre em Lingüística (UFPR) e Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Professor no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná e autor de inúmeros artigos sobre Pragmática Lingüística.

Por Artarxerxes Modesto

LETRAMAGNA: Quem é Jair Antonio de Oliveira? Fale um pouco de sua trajetória acadêmica, suas principais realizações e projetos.

Jair Antonio: Sou formado em Letras e Jornalismo. Fiz mestrado em Lingüística (UFPR), doutorado em Ciências da Comunicação (USP) e pós-doutorado em Pragmática Lingüística na Unicamp . Sou professor efetivo na Universidade Federal do Paraná e coordeno o grupo de pesquisa “Mídia, Linguagem e Educação-MEDUC”. Também participo do grupo de pesquisa “Linguagem e Identidade: Abordagens Pragmáticas” coordenado pelo prof.Dr. Kanavillil Rajagopalan (Unicamp). Atualmente, pesquiso o uso da polidez lingüística nas relações interpessoais no Brasil. O objetivo é refletir sobre o entorno político e moral da polidez lingüística nas interações a partir do “jeitinho brasileiro” e da noção de “cordialidade”.

LETRAMAGNA: Como o senhor definiria a “Pragmática” hoje? Qual a sua importância na Lingüística e no cenário das pesquisas baseadas em oralidade?

Jair Antonio: Há tantas Pragmáticas atualmente que o termo precisa ser “desconstruído” (no sentido proposto por Jacques Derrida). Mas, como você quer uma definição, vou usar a que foi proposta por Mey (1993): Pragmática é uma perspectiva sobre os processos de produção da linguagem e de seus produtores e não exatamente em torno do produto final, a linguagem . Quanto à segunda questão, não considero a Pragmática como um componente da Lingüística, mas uma perspectiva sobre a Lingüística. Este viés torna a Pragmática importante nos processos explanatórios, descritivos e, principalmente, emancipatórios de diferentes pesquisas, pois a pergunta vital para a pragmática é: “Por que este enunciado foi produzido”?

LETRAMAGNA: Quais são os principais nomes da Pragmática no Brasil? E em termos globais? Quais as correntes mais evidentes nas pesquisas atuais?

Jair Antonio: No Brasil o professor Kanavillil Rajagopalan (IEL) é indiscutivelmente o nome de maior destaque. Em termos globais, o professor Jacob Mey (Odense University) e Jef Verschueren (University of Antwerp). É claro que há outros nomes; mas estes são pesquisadores de uma vertente “social”, isto é, pessoas que estão preocupadas com o entorno político e transformatório de suas idéias sobre a Pragmática. Sinceramente, acredito que para um país como o nosso, com poucos recursos para trabalhar nesta área, é preciso que as pesquisas resultem em intervenções na realidade das pessoas. Isto aponta para uma das correntes mais evidentes no momento, a “Pragmática Social”, que considera a linguagem uma forma de ação social e, portanto, resistente a toda tentativa de ser dominada por meio de regras determinísticas, lógicas etc. Por outro lado, há um movimento forte encabeçado pelos “neo-griceanos” cujo foco é a noção de relevância na comunicação. Aqui o nome de Dan Sperber e Deidre Wilson são os destaques. Gostaria de frisar aqui as palavras de Levinson (1989) em relação ao pensamento desses autores: “(...) um esforço ambicioso para uma mudança de paradigma na pragmática (...) a pragmática é reduzida a um único princípio cognitivo, um reflexo mental, que

governaria muito mais além do uso da linguagem. Na verdade, dentro do novo paradigma, a pragmática desaparece numa singela teoria de processo geral de pensamento”.

LETRAMAGNA: Qual a linha que separa a filosofia da lingüística, em termos de um pensamento pragmático? E em que medida a Pragmática se distingue da Semiótica e da Semântica?

Jair Antonio: Estabelecer uma linha separando a filosofia e a lingüística implica em estabelecer diferentes objetos de conhecimento. Como o pensamento pragmático é anti-dicotômico e anti-essencialista não se presta a esta tarefa. Evidentemente, há um esforço feito por teorias “ditas” pragmáticas que tentam delimitar, estabelecer fronteiras rígidas e tornar a linguagem previsível pela forma. Não dá para omitir que Wittgenstein, Austin, Grice, Searle e Rorty são filósofos e as reflexões que fizeram ocupam o escopo da lingüística e da Pragmática. Se tal linha existe é muito tênue, colocada entre as disciplinas meramente por uma tradição e não por outro critério válido. Então, a distinção entre as disciplinas, como você pergunta, não é uma questão fácil para responder objetivamente, pois há uma “crise” em torno da identidade das disciplinas na atualidade e em certos momentos a Semântica, a Pragmática e a Semiótica se confundem. Aliás, esta questão remete ao Morris (1938), que coloca a Teoria Lingüística como um ramo da Semiótica, mais abrangente, e cujo papel é a descrição e explicação dos sinais lingüísticos segundo três subdivisões: a **Sintaxe**, a **Semântica** (que apreenderia a dimensão semântica da semiose, estudando a relação dos signos com os objetos que eles designam e a **Pragmática** (que apreenderia a dimensão pragmática da semiose, estudando a relação dos signos com os intérpretes ou usuários.

LETRAMAGNA: Como ela se intersecciona com outras áreas da Lingüística?

Jair Antonio: A Pragmática não pode ignorar nenhuma área da Lingüística. Mas, convém ressaltar que tal cruzamento envolve tipos de conhecimento que vão além das regras de sintaxe e semântica. Não requer, apenas, habilidades verbais por parte dos usuários, mas o domínio de uma ampla variedade de capacidades sócio-cognitivas. Para a Pragmática, por exemplo, interessa a ênfase nos fatores que, mesmo não estando explicitamente manifestos nos comportamentos lingüísticos, ainda assim determinam os sentidos desses usos.

LETRAMAGNA: Como surgiu o “ponto de vista pragmático” da linguagem?

Jair Antonio: É uma longa história “filosófica”. Para encurtar, vou contar a historinha repetida nos manuais, ou seja, que o lógico israelense Bar-Hillel chamou a Pragmática de “a lata de lixo da lingüística” e que esta lata de lixo transbordou com tantos problemas não resolvidos pelas abordagens formais, passando, então, a ser objeto de atenção nas academias.

LETRAMAGNA: Quais os conceitos mais importantes que o pesquisador deve saber ou dominar para trabalhar com a Pragmática?

Jair Antonio: Primeiro, o pesquisador não deve assumir uma postura onde o “uso” efetivo da linguagem ocupa uma posição secundária em seus interesses científicos. Depois, repetindo o que sempre diz o professor Rajagopalan, é importante que a pesquisa pragmática deixe de adotar modelos explanatórios prestigiados nas ciências exatas, onde explicar significa prever futuras ocorrências do fenômeno em estudo, pois a prática lingüística se distingue pelos tropeços, acasos e imprevisibilidades. Quanto aos conceitos mais importantes, são os princípios pragmáticos, a intencionalidade, implicatura, atos de fala, performativos, atos pragmáticos, contexto, crenças, pressupostos, dêiticos e outros.

LETRAMAGNA: Qual é o motivo de se falar em “graus” no estudo pragmático? Qual a diferença entre esses “graus”? Como se passa de um grau para outro, na perspectiva da análise?

Jair Antonio: Voltemos ao Morris, já citado. Na tríade que ele propõe, a Sintaxe tem um “grau” (estou usando os termos de sua pergunta) muito mais próximo ao “cerne” da linguagem que a Pragmática. Quer dizer, o “grau” de análise sintático é, potencialmente, privilegiado diante dos outros “graus”, mais distantes, periféricos. É isto que encontramos nas concepções formalistas da linguagem; uma divisão estanque em “graus” ou “níveis” dependentes de um núcleo dotado de autonomia (Sintaxe). Metodologicamente, a idéia de “grau” no estudo pragmático é defendida por muitos pesquisadores que argumentam que tais estágios garantem a manutenção do foco na investigação. Não estão fazendo Pragmática, estão colocando a prática lingüística em uma “camisa de força”.

LETRAMAGNA: Fale um pouco das pesquisas feitas sob a perspectiva pragmática no discurso midiático. Quais foram os avanços nos últimos anos?

Jair Antonio: Há dez anos atrás era difícil encontrar trabalhos acadêmicos envolvendo a Pragmática e a Mídia. Felizmente, esta realidade mudou bastante. Muitos cursos de Comunicação (como é o caso da UFPR) ofertam disciplinas onde a relação mídia e Pragmática é discutida. Particularmente, como jornalista, acredito que os conceitos pragmáticos, em especial a noção de força ilocucionária (Austin), é vital para a produção e consumo dos textos midiáticos.

LETRAMAGNA: É incontestável que os usos da Internet e suas ferramentas de interação são agora uma constante na vida do homem do século XXI. Como essa “revolução comunicacional” transformou e/ou pode, ainda, transformar ainda mais a vida do homem e suas relações sociais?

Jair Antonio: As tecnologias digitais constituem o que há de mais extraordinário na história da humanidade. No entanto, este avanço não representa uma “revolução” para toda a humanidade ou que as pessoas estão se comunicando mais. O Brasil tem 185 milhões de habitantes e somente 45 milhões têm acesso à internet. Portanto, 140 milhões estão na periferia. A idéia de que os meios digitais promovem a “interação” entre as pessoas também é discutível. O indivíduo que prefere ficar 5 ou mais horas por dia trancado em um quarto, diante do computador, enviando e recebendo textos de pessoas que nunca viu ou verá, não está interagindo. É claro que podemos deslocar a metáfora “interação” para o contexto digital; mas sem as coordenadas corporais (e sociais) típicas e necessárias para a relação pessoal. A reflexão é do Bourdieu e o Mey também aproveitou esta dica. Os meios eletrônicos descorporificam a mensagem vinda de um humano para outro; extraem o componente informacional e desconsideram o modo como a informação é conduzida na e pela *hexis* corporal. Ainda de acordo com o professor Mey, é importante considerar que a comunicação (e a conseqüente interação) é uma prática humana, que não pode ser separada do contexto corporal e ambiental. Em um artigo que escrevi sobre a intenção na internet, usei metáforas retiradas de um livro do Alan Kardec, sobre o espiritismo, pois são as metáforas ideais para retratar a atual troca de informações pela rede. Não sou contra as inovações, pois não consigo imaginar o mundo sem estas ferramentas. Mas são apenas ferramentas. Saber usá-las em sala de aula, na vida, e permitir o acesso de todos a estes meios é o mais importante agora. Neste aspecto, uma “Pragmática da Era Digital” é necessária para evitar o “deslumbramento” dos indivíduos diante da capacidade ilimitada da tecnologia e impedir o surgimento de uma categoria de “analfabetos digitais”. É engraçado como a história se repete (e nós esquecemos disto). Quando a imprensa surgiu, os “elisabetanos” também ficaram em uma situação parecida com a nossa. Ou seja: hoje em dia ocorre a inserção de um público ainda leigo na cultura do papel em uma tecnologia eletrônica. Os elisabetanos estavam entre a pena/pergamino e a tipografia. Atualmente, há ausência de políticas globais para a educação e comunicação eletrônicas. Os elisabetanos também se defrontaram com um novo universo de ocupações e tarefas sem nenhuma assistência.

XXX

[**Voltar**](#)

Letramagna: Quais foram as principais contribuições dos pesquisadores brasileiros no campo da Língua Falada e Análise da Conversação?

Galembeck: Os estudos de Língua Falada (LF) e Análise da Conversação (AC) desenvolveram-se no Brasil a partir de 1984, por iniciativa dos pesquisadores Dino Presti (USP, atualmente na PUCSP), Luiz Antônio Marcuschi (UF de Pernambuco) e Ataliba Teixeira de Castilho (UNICAMP, depois USP). Os três pesquisadores compreenderam a importância do estudo e do conhecimento da Língua Falada para compreender com maior inteireza a natureza do fenômeno lingüístico (sobretudo os processos de estruturação de enunciados e textos) e a dimensão interacional da língua. Além disso, os três autores notabilizam-se pela excelência dos trabalhos publicados e, também, pela capacidade de aglutinar grupos de pesquisadores: o Prof. Dino, Projeto NURC/SP (Norma Urbana Culta/São Paulo – Núcleo USP); o Prof. Marcuschi, o grupo da UFPE; o Prof. Ataliba, o Projeto “Gramática do Português Falado”, que congregou pesquisadores de universidades de vários Estados. Acrescente-se que o desenvolvimento dos estudos de Língua Falada foi propiciado pela publicação da transcrição dos inquéritos do Projeto NURC, até então não divulgados e subutilizados. Esses materiais começaram a ser divulgados por iniciativa do Prof. Dino Presti, que reuniu um grupo (formado sobretudo por seus orientados) para transcrever gravações do projeto NURC/SP.

Os trabalhos desenvolvidos a partir da iniciativa dos três pioneiros permitiram compreender as características da língua falada (o planejamento local, o envolvimento entre os interlocutores) e determinar os elementos e processos que lhe são próprios ou que nela passam a ter características próprias (marcadores conversacionais, correções, paráfrases, inserções parentéticas, truncamentos). O importante é que a língua falada passou a ser estudada por si, em suas características identificadoras, e abandonou-se a tendência inicial do confronto com a escrita.

Letramagna: Quais as tendências mais recentes no estudo da interação verbal?

Galembeck: A ciência cognitiva, em sua formulação mais recente, admite que não existem barreiras entre os fenômenos internos à mente (as operações mentais) e os fenômenos externos a ela. Essa consideração decorre do fato de o ser humano ser histórica e socialmente situado a interagir com seus semelhantes e com o mundo que o cerca.

A partir dessa postulação, a Lingüística Textual passou a considerar que existe uma continuidade entre o texto e o contexto, assim entendidas as formações discursivas de uma cultura. O sentido não está apenas no texto, mas só passa a existir quando os referentes textuais são inseridos no contexto.

De acordo com essa perspectiva, o ser humano é ativo e interativo, e está colocado no centro do processo de produção e recepção de texto, pois ele cria (ou recria) o sentido a partir de seus conhecimentos e experiências. Ao produzir um texto escrito ou falado, o ser humano tem a consciência de que é preciso efetuar um enquadre e delimitar, dentro do contexto mais amplo, o enfoque em que irá se basear. Ainda na produção, cabe ao produtor expandir o contexto, por meio de processos discursivos variados (exemplos, explicações, comentários, por exemplo).

Já na recepção, o leitor/ouvinte insere as informações textuais nas suas formações discursivas, ou seja, ele tem a capacidade de criar um contexto no qual as informações veiculadas possam ser inseridas.

O ser humano está agora colocado no centro do processo de produção/recepção de textos e da criação de significados, e isso o torna necessariamente e dinâmico e capaz de criar novos contextos. E essa dinamicidade afasta qualquer idéia de assujeitamento ao inconsciente e às formações discursivas da sociedade. O ser humano é um autor real, é o agente da criação de significados e contextos, e não meramente um repetidor do que já foi dito.

Desse modo, a contribuição mais recente dos estudos de interação é a valorização do contexto a consideração de que o texto é o local de interação e criação de significados e, principalmente, o papel central do ser humano nesse processo.

Letramagna: Qual a linha divisória entre lingüística e pragmática, no que diz respeito à perspectiva teórica?

Galembeck: As teorias lingüísticas tradicionais (o estruturalismo e a gerativa) não levam em conta o uso: para o estruturalismo importa descrever o sistema lingüístico (sistema lingüístico e regras de combinação dos signos), ao passo que a Gerativa busca descrever as operações (transformações) que balizam o percurso entre a estrutura de base e a estrutura superficial. De acordo com essas teorias, o uso (fala e desempenho) estaria situado fora da descrição lingüística.

A partir da década de 60, começaram a surgir algumas teorias que buscavam descrever não só o sistema lingüístico em si, mas o que as pessoas fazem com a língua e como usam as estruturas lingüísticas para obter certos efeitos de sentido e agir sobre o outro. As mais difundidas dessas teorias são a Teoria dos Atos de Fala e a Teoria da Atividade Verbal.

O modelo mais recente da Lingüística, o Funcionalismo, não abandona a descrição formal, mas incorpora decisivamente o uso, e situa como finalidade precípua da língua é a interação entre os seres humanos. A Análise da Conversação e a Lingüística Textual, por sua vez, centram-se igualmente no uso, mas tomam como objeto de análise e texto (na AC, apenas o texto falado), e ele passa a ser considerado o local da interação e da criação de significados.

Com isso, a Lingüística insere-se numa grande Pragmática, ou mesmo constitui o elemento central da Pragmática, e nela o ser humano interativo acaba por constituir o elemento nodal.

Já a Semiótica discute os signos, não apenas os signos verbais, mas também os gestos, expressões faciais, imagens, cores, vestuário. Além disso, a Semiótica considera o uso dos signos, e isso a aproxima da Lingüística Funcional e da Pragmática.

Pode-se admitir que a Pragmática, a Semiótica e a Lingüística constituem três círculos concêntricos. A Pragmática é o maior e abrange os outros dois.

Letramagna: Quais os conceitos mais importantes para os pesquisadores trabalharem com a interação face a face?

Galembeck: Cabe esclarecer, inicialmente, que a interação face-a-face não difere intrinsecamente das demais formas de interação verbal, sejam elas faladas ou escritas. Com efeito, em todas essas formas há um tópico (assunto) em andamento e cria-se um contexto comum partilhado pelos ouvintes/leitores, e sem o tópico claramente acessível e inserido nesse contexto comum, não pode haver interação entre os participantes do ato comunicativo. Além disso, todas as formas de interação realizam-se por ações (verbais e não-verbais), finalisticamente orientadas.

A particularidade da interação face-a-face é o fato de o “outro”, o(s) interlocutor(es) serem reais e estarem co-presentes, na mesma situação enunciativa. Essa co-presença torna a interação face-a-face particularmente dinâmica, sobretudo porque os ouvintes não são passivos, mas manifestam reações que o falante não pode deixar de levar em consideração. O falante e o ouvinte são igualmente ativos e co-participativos, mas o são de modo diverso.

Essa co-participação torna a construção do tópico e do contexto comum partilhado particularmente dinâmica. A partir das reações dos interlocutores, o tópico pode ser redirecionado, suspenso ou abandonado, desde que o falante sinta inabilitado a desenvolvê-lo ou verifique a desatenção e o desinteresse do interlocutor. A suspensão ou o redirecionamento do tópico, ademais, podem ser efetuados pelo interlocutor, por meio de perguntas e outras formas de intervenção.

Na construção do contexto comum, o falante procedimentos discursivos variados (paráfrases e inserções parentéticas), empregados com a finalidade de esclarecer ou explicitar o tópico em andamento.

Em suma, o importante a considerar na interação face-a-face (sobretudo em diálogos simétricos) é o dinamismo que decorre da co-presença dos interlocutores.

Letramagna: O senhor considera que, num plano macro-textual, houve mudanças quanto às estratégias discursivas nos últimos anos?

Galembeck: O assunto é complexo, e uma resposta abrangente deveria considerar os diversos gêneros textuais e formas de interação (verbais e não-verbais). Em todo caso, assistiu-se no século XX, ao surgimento de gêneros híbridos, nos quais concorrem diferentes linguagens. É o caso das narrativas cinematográficas, nas quais interagem, de forma dinâmica, o verbal (diálogos), a mímica, o visual e o fundo musical. Em revistas ilustradas - sobretudo a partir da década de 50 - combinam, de forma produtiva, a imagem e o texto escrito: a imagem e o texto formam um todo, e a informação ganha vivacidade e força. Na música popular, a partir de 1930 (com Noel Rosa), houve uma integração entre o verbal (a letra) e a melodia. A letra deixou de ser um simples poema musicado, para formar um todo com a melodia. Pode-se considerar, pois, que romperam-se as barreiras entre as diferentes linguagens, e o resultado foi uma participação maior do receptor da mensagem.

Essa integração entre as diferentes linguagens já ocorria em épocas anteriores, mas era restrita a uns poucos gêneros, como o teatro, a ópera, a dança. No século XX, essa integração generalizou-se, por meio do surgimento de formas híbridas, como os já citados jornalismo ilustrado e cinema. Aliás, mesmo os textos jornalísticos escritos revelam uma preocupação com a apresentação gráfica, por

meio de um título atraente, de medalhões com os trechos que o autor e o editor desejam ressaltar, de gráficos.

Acrescente-se, em forma de conclusão, que a multimídia (confluência de várias linguagens) não significa um empobrecimento na capacidade de o ser humano criar representações e compreender o mundo que o cerca. Muitos afirmam que apenas por meio da linguagem verbal o ser humano pode estruturar representações do mundo, porém essa assertiva não é verdadeira, pois a conjugação de várias linguagens torna a interação mais viva e dinâmica. A linguagem verbal é, sem dúvida, a melhor forma de representação, porém se enriquece quando associada a outras representações.

Letramagna: É possível correlacionar os bate-papos pela Internet com as conversações face-a-face? As características do diálogo estão presentes nessa forma de interação?

Cabe considerar, inicialmente, que fala e escrita não constituem formas de realização opostas e irreconciliáveis, ao contrário, trata-se de formas complementares e entre elas existe uma relação de continuidade. Desse modo, fala e escrita podem ser encaradas em dupla direção: como forma de realização e como concepção discursiva. Um discurso no júri, por exemplo, é realizado oralmente, porém é concebido como se fora um texto escrito. Já os bate-papos pela Internet constituem de realizações escritas, com uma concepção oral e dialógica.

Os *chats*, embora realizados por escrito, apresentam-se como diálogos: neles se verifica a alternância nos papéis de falante e ouvinte, que são necessariamente transitórios, assim como são colocados turnos individuais para falantes individuais, e prevalece o princípio “fala um por vez”. Aliás, esse é o princípio básico do diálogo, e as duas situações em que nele a interação entra em colapso são o silêncio prolongado ou a fala simultânea.

A troca de falantes tende a ocorrer em pautas preferenciais (os chamados lugares relevantes para transição) e também há o assalto ao turno ou a invasão da fala do interlocutor. Esse último caso ocorre quando o ouvinte antecipa-se e intervém fora dos pontos adequados para a transição.

Outras características da língua falada presentes nos *chates* são as marcas de hesitação (denotadoras do planejamento local), os marcadores de envolvimento do ouvinte (veja, olhe), as marcas de subjetividade e intersubjetividade (verbos e pronomes na segunda pessoa), recursos para assegurar a manutenção da interação e a construção de um contexto comum partilhado (repetições, paráfrases, parênteses de esclarecimento).

Devem ser mencionados, enfim, a linguagem informal, a expressividade (decorrente da tensão que caracteriza o diálogo), as abreviaturas, os emoticons. Esses traços, ao lado dos já citados, reforçam o que se disse: as interactantes comunicam-se por escrito, mas o texto que elaboram traz as características da fala.

Letramagna: Que leituras o senhor recomendaria para um iniciante em estudos de Língua Falada e Interação Verbal?

Galembeck: Recomendo, inicialmente, uma coletânea organizada pelo Prof. Dino Preste: *Análise de Textos Orais* (Ed. Humanitas, de São Paulo). Outras obras são:

1. Luiz Antônio Marcuschi: *Análise da Conversação* (d. Ática) e *Da fala para a escrita* (ed. Cortez).
2. Ataliba Teixeira de Castilho: *A língua falada no ensino de português* (e. Contexto).
3. Leonor L. Fávero, Maria Lúcia da Cunha V. de O. Andrade e Zilda G. de Aquino: *Oralidade e letramento* (Ed. Cortez).

Será útil também consultar as obras da série “*Projetos paralelos*” (Projeto NURC/SP) e os volumes da “Gramática do Português Falado”.

[Voltar](#)

PEDRO DE MORAES GARCEZ

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Por Artarxerxes modesto

LETRAMAGNA: Fale um pouco de sua trajetória acadêmica.

Garcez: Cursei a graduação em Letras (Português/Inglês) na UFRGS, sempre trabalhando 30 horas por semana em sala de aula como professor de inglês e observando os contrastes entre a formação que recebia e as necessidades de reflexão que o desempenho da atividade docente exige. Busquei o mestrado na UFSC, onde logo encontrei com Branca Telles Ribeiro, que me apresentou às perspectivas de pensamento e análise da fala-em-interação social e incentivou a realização de um projeto de investigação que se provou fundamental para a minha formação como pesquisador. Os dados de registro audiovisual de negociação comercial entre fabricantes brasileiros de produtos de couro e importadores norte-americanos que gerei em 1990 foram o *corpus* dos meus trabalhos de titulação de mestrado e doutorado (Garcez, 1991, 1996). No mestrado, descrevi diferenças entre os fabricantes brasileiros e os importadores norte-americanos quanto à organização do que chamei de pontos argumentativos, diferenças vistas como pistas de contextualização, conforme Gumperz (2002[1982]). Esse trabalho (relatado também em Garcez, 1992, 1993) foi realizado num marco de pensamento sociolingüístico interacional sobre “comunicação intercultural” que hoje pode ser visto como ingênuo, talvez graças aos avanços que tivemos desde então. Desenvolvi meu trabalho de doutorado sob a orientação de Frederick Erickson no ambiente intelectual altamente estimulante do Centro de Etnografia Urbana da Universidade da Pensilvânia. Estive envolvido em diversos projetos de pesquisa além do meu, gerando e analisando dados na própria universidade, em escolas da rede pública da Filadélfia e no Hospital da Universidade da Pensilvânia. Também colaborei intensamente com colegas em vários momentos de formação, acompanhando-os desde a elaboração de projetos até a redação dos relatórios. Além de professores como Sabine Iatridou e Gillian Sankoff, na Lingüística, John Lucy, na Antropologia, e Teresa Pica e Nancy Hornberger, na Educação, tive a oportunidade de conviver profissionalmente com pesquisadores como Ralph Ginsberg, Adam Kendon e Anita Pomerantz, que à época atuava na Temple University, também na Filadélfia. A participação em grupos de análise conjunta de dados liderados por Erickson na Penn e por Pomerantz na Temple constituíram oportunidades de participar de oficinas de análise de dados, que até então eu desconhecia e que serviram de inspiração para as práticas que temos, por exemplo, no Grupo de Pesquisa ISE (Interação Social e Etnografia) aqui na UFRGS. Nesse período, meu interesse pela Análise da Conversa Etnometodológica pôde ser desenvolvido e essa vertente de análise sociológica da fala-em-interação começou a constituir minha principal orientação teórico-metodológica. Minha tese de doutorado (Garcez, 1996), já sob essa influência, descreveu o que chamei de “seqüências argumentativas de negociação” (Garcez, 2002), justamente as estruturas de ação seqüencial em que as diferenças entre os fabricantes brasileiros e os exportadores brasileiros não se desenvolviam em “problemas de comunicação” (ver Garcez, 2004). Na volta ao Brasil, busquei o desenho de uma linha de pesquisa que me permitisse desenvolver a compreensão de questões da ordem interacional mais próximas à organização fundamental da fala-em-interação, isto é, conversa cotidiana (Dornelles & Garcez, 2001; Loder, Gonzalez, & Garcez, 2002; Garcez & Loder, 2005), e também atender as demandas da área em que atuamos, em geral voltadas para temas ligados a cenários e problemas específicos e sobretudo a formação de professores. A concentração nos contrastes entre conversa cotidiana e fala-em-interação de sala de aula, portanto, permitiu essa configuração que, em larga medida, orienta meu trabalho na UFRGS (ver, por exemplo, Garcez, 2006; Jung & Garcez, 2007; Garcez & Melo, 2007; Garcez, 2008).

LETRAMAGNA: Em qual projeto de pesquisa o senhor está envolvido atualmente?

Garcez: Estou iniciando a investigação do que por ora chamamos de “momentos de aprendizagem”. Nos últimos doze anos, desenvolveu-se um debate entre analistas da conversa, a maior parte deles europeus,

interessados na fala-em-interação que envolve uma língua de interação que não é a língua das comunidades imediatas de algum dos participantes, e os estudiosos da aquisição de segunda língua que propõem que a interação é crucial para aquisição de uma segunda língua, ainda que em geral se equivoquem ao pressupor como suficientemente conhecida a complexidade da organização da fala-em-interação (ver Schlatter, Garcez, & Scaramucci, 2004). Esse debate tomou um rumo tal que nos últimos anos passou a se configurar um campo de pesquisa por ora identificado como “CA for SLA” -- Análise da Conversa Etnometodológica para os estudos de Aquisição de Segunda Língua, que busca examinar, entre outras questões, a possibilidade de fenômenos como a aprendizagem de uma outra língua ser flagrada na fala-em-interação enquanto ela acontece (ver Markee & Kasper, 2004). Esse interesse exige que se defina o que se está tratando por aprendizagem e que se demonstre empiricamente o que se apresenta como tal em dados de ocorrência natural. Já demos um primeiro passo nessa empreitada no trabalho de doutorado de Abeledo (2008), e estamos desenvolvendo nossa articulação para examinarmos uma variedade de dados de cenários escolares diversos: escola pública, escola privada bilíngüe, curso livre de idiomas, entre outras.

LETRAMAGNA: O livro “Sociolingüística Interacional” alcançou rapidamente as universidades brasileiras e cada vez mais tem sido adotado como referência nos estudos em interação. O senhor saberia explicar o porquê deste sucesso?

Garcez: Acredito que Ribeiro & Garcez (2002) seja uma obra útil, antes de mais nada. Reunimos ali um conjunto de oito textos centrais para uma concepção sociolingüística interacional das interações humanas face a face mediadas pelo uso da linguagem. Os textos que Branca Telles Ribeiro havia selecionado já nos pareciam importantes quando iniciamos o projeto em meados dos anos 1990, mas hoje, com um pouco mais de tempo decorrido, está claro que quase todos permanecem em discussão e servem de referência para trabalhos contemporâneos. São amostras muito relevantes de obras intelectuais importantes. Alguns colegas estrangeiros já me disseram que gostariam de ter à disposição uma coletânea assim sucinta, já que essa reunião de textos não existe em único volume em outras línguas. De resto, nos esforçamos muito para produzir os textos em tradução para o português de modo tal que tivessem qualidade textual, alguma uniformidade terminológica e apoio para o leitor, o que foi expandido nessa segunda edição também pelo acréscimo de um breve glossário (Garcez & Ostermann, 2002), construído em larga medida a partir dos próprios textos. Enfim, acredito que nosso trabalho meticuloso tenha produzido uma obra útil. O valor e qualidade das obras originais, contudo, é o que sustentou a nossa iniciativa e deve ser o que justifica o interesse contínuo pelo volume.

LETRAMAGNA: Quais as obras que poderiam ser consideradas marcos referenciais nos estudos em Interação?

Garcez: Acredito que as obras dos autores que aparecem no livro *Sociolingüística Interacional*, sobretudo as de Bateson, Goffman e Gumperz, são marcos referenciais. De outro lado, a obra dos etnometodólogos e analistas da conversa -- Harold Garfinkel, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, para ficarmos nos fundadores -- é central para o entendimento que se tem na atualidade sobre a organização da fala-em-interação. O trabalho de antropólogos da educação, como Frederick Erickson e Ray McDermott, entre outros, e de antropólogos da linguagem, como Alessandro Duranti, também constituem referência importante.

LETRAMAGNA: Existe uma linha divisória entre a Pragmática, a Filosofia e a Sociolingüística Interacional?

Garcez: Como eu já tive oportunidade de dizer quando me solicitaram definições do que fosse a Sociolingüística Interacional e que espero em breve poder oferecer em uma publicação que estou preparando, trata-se de uma tradição com limites vagos. Talvez seja mais apropriado pensá-la como um lugar de convergência. Assim, falar de linhas divisórias seria talvez uma contradição da minha parte. Eu diria, contudo, que as relações de influência mútua e interlocução que convergem para algum lugar que se poderia pensar como Sociolingüística Interacional tenham mais a ver com tradições de pesquisa identificadas com disciplinas como a Antropologia e a Sociologia. Embora a obra de Grice, numa leitura pouco comum entre nós, seja relevante, e Wittgenstein [o segundo] possa oferecer algum vínculo promissor que resta explorar, a Filosofia fica mais distante. Isso talvez se dê pelo empirismo militante que orienta os estudos da fala-em-interação identificados de alguma maneira com a Sociolingüística Interacional. Pensando assim, além das decorrências metodológicas, uma linha distintiva entre a Sociolingüística Interacional e uma Pragmática lingüística alheia aos

estudos empíricos da fala-em-interação social situada seria a centralidade da noção de ação como necessariamente ação *conjunta* e, assim, o privilégio às perspectivas dos participantes. Disso decorre, por exemplo, a divergência entre uma análise da conversa etnometodológica e uma teoria dos atos de fala, mesmo que ambas possam conceber o uso da linguagem como uma forma de agir no mundo. Discuto essas questões na introdução (Garcez, no prelo) do livro que Letícia Loder e Neiva Jung (no prelo) acabam de organizar com o propósito justamente de apresentar ao leitor brasileiro a Análise da Conversa Etnometodológica conforme a praticamos em nossos grupos de pesquisa.

LETRAMAGNA: O que distingue a Sociolingüística Quantitativa da Sociolingüística Interacional?

Garcez: Supondo que por Sociolingüística Quantitativa estejamos nos referindo à tradição variacionista laboviana, eu diria que as principais distinções dizem respeito ao interesses centrais de pesquisa, que por sua vez se refletem nos encaminhamentos metodológicos. A Sociolingüística Interacional tem interesse em responder perguntas do tipo “o que está acontecendo aqui”, neste cenário de ação humana, do ponto de vista dos participantes. Portanto, se interessa pela ação humana mediante o uso da linguagem e trata de examinar situadamente o que as pessoas estão fazendo umas com as outras. Assim, estamos interessados em ações realizadas no uso da linguagem. Às vezes usamos a metáfora da ecologia para nos referirmos ao caráter situado, conjunto das ações (Erickson, 2004). Disso segue um entendimento de que os participantes precisam o tempo todo analisar o que “está acontecendo”, e cabe a nós, analistas, articular o que eles tacitamente fazem. Assim, privilegia-se a perspectiva situada dos participantes na análise, o que chamamos de perspectiva êmica. Pautar-se ou não por demonstrar analiticamente o que os participantes estão fazendo na fala-em-interação produz uma série de exigências metodológicas e analíticas -- como anotar, e analisar como os participantes tornam relevantes, as pausas, as inspirações, os risos e os comportamentos não-vocais -- que são apenas empecilhos se o interesse for o de estabelecer relações entre formas lingüísticas e elementos das categorias da estrutura social em que se encontram os usuários das línguas para, por exemplo, flagrar e descrever a variação e a mudança lingüística. Se a empreitada analítica se voltar para o que as pessoas estão fazendo umas com as outras quando fazem a vida, seus corpos físicos importam, o decorrer do tempo físico importa, e as formas lingüísticas que elas empregam são elementos também importantes, mas em meio a uma torrente de sinalização em que, por exemplo, lapsos de silêncio podem ser relevantes para as ações. Isso pode ficar evidente nas transcrições que servem a uma ou outra empreitada analítica. Em síntese, eu diria que o privilégio à perspectiva dos participantes da ação social situada distingue o interesse dos sociolingüistas interacionais de outros estudiosos interessados nas relações entre linguagem e sociedade. E se é que de fato são duas vertentes de uma mesma Sociolingüística, pode ser preciosa para uma análise sociolingüística interacional como a de Rampton (2006), interessada na “estruturação social da vida cotidiana”, que aplaude a capacidade da análise variacionista de “revelar a rotinização alcançada pela hegemonia” (p. 363). Entre nós, talvez só Stella Maris Bortoni Ricardo tenha reunido essas perspectivas para o entendimento de fenômenos relacionados à experiência de escolarização dos brasileiros de comunidades pouco letradas. Penny Eckert é a pesquisadora variacionista que me vêm à mente como alguém que também se valeu dessa reunião de contribuições das duas vertentes para o entendimento de fenômenos da variação fonológica no inglês norte-americano e a experiência de escolarização na América do Norte industrial, sobretudo entre redes de adolescentes.

LETRAMAGNA:Quais são os últimos avanços na área de Sociolingüística Interacional nos últimos anos?

Garcez: Não creio ter autoridade para falar sobre avanços na área de Sociolingüística Interacional, em parte porque tenho dúvidas quanto ao escopo e mesmo à pertinência do rótulo atualmente e em parte também porque não estou atualizado com relação ao que se faz muito além dos cenários de fala-em-interação cotidiana e institucionais escolares. Nesses âmbitos imediatos ao meu trabalho de pesquisa atual, eu diria que os estudos da fala-em-interação têm avançado na descrição e compreensão de fenômenos sobre a organização seqüencial da fala-em-interação, na dimensão multimodal que as tecnologias de registro e manipulação de dados de registro audiovisual agora nos proporciona. Em termos de temas, acredito que tenha se avançado bastante sobre os fenômenos ligados à construção das identidades na fala-em-interação, até mesmo pelo refinamento dos índices para a definição do fenômeno que em parte tem sido referido no nosso grupo de pesquisa aqui na UFRGS como pertencimento. Acredito, portanto, que os sociolingüistas interacionais estejam aptos a contribuir para compreender o que se passa em cenários cada vez mais complexos de ação na vida contemporânea.

LETRAMAGNA: Quais os maiores nomes da Sociolingüística Interacional no Brasil? Que linha de estudo tem se destacado no país?

Garcez: Há poucos pesquisadores brasileiros identificados direta ou principalmente com a Sociolingüística Interacional. Eu arriscaria dizer que Liliana Cabral Bastos, Maria do Carmo Leite de Oliveira e Maria das Graças Dias Pereira, na PUC-Rio, e os pesquisadores por elas formados, como Sonia Bittencourt e Paulo Gago, que atuam na UFJF, formam o maior contingente em grupos de pesquisa assim identificados entre nós. As linhas de pesquisa do trabalho desses colegas dizem respeito à compreensão de questões e problemas de interesse aos participantes em cenários institucionais na fala-em-interação, como as organizações corporativas, enfocadas por Oliveira, grupos de trabalho em saúde, objeto das últimas investigações de Bastos, e instituições burocrático-legais, como o Procon, que é foco dos colegas da UFJF. Um grupo que vem se formando há menos tempo é o de Ana Cristina Ostermann, na Unisinos, investigando questões de gênero na fala-em-interação, sobretudo no universo das instituições de atendimento a mulheres na burocracia e na saúde. Acredito, contudo, que a Sociolingüística Interacional seja um referencial importante para o trabalho de pesquisadores como, entre outros, Stella Maris Bortoni-Ricardo na UnB e Marilda Cavalcanti e Terezinha Maher, na Unicamp.

LETRAMAGNA: E quanto às perspectivas futuras? Quais aplicações os estudos interacionais terão num futuro próximo?

Garcez: Na medida que nosso mundo se torna cada vez mais mediado pela linguagem em interação social em espaços institucionais e midiáticos complexos, acredito que os estudos interacionais adquirem crescente relevância, mas, paradoxalmente, ficam cada vez menos diretamente aplicáveis, se isso significa generalização de achados de um cenário para o seguinte. Creio que se torna cada vez mais importante conhecer a organização social fundamental da conversa face a face, que nos permite criar realidades e agir no mundo, um mundo em que novas tecnologias permitem novos palcos de ação, que no entanto difundem daquela mesma matriz primordial de organização social humana. Por ser tão pressuposta por nós, essa organização pode ser difícil de ser compreendida, sobretudo quando se modifica para a ação nesses novos espaços e possibilidades.

[Voltar](#)

Referências:

- Abeledo, M. de la O L. (2008). *Uma compreensão etnometodológica da aprendizagem de língua estrangeira na fala-em-interação de sala de aula*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Dornelles, C., & Garcez, P. M. (2001). Making sense of nonsense: Fabrication, ambiguity, error and clarification in the organization of experience in ordinary conversation. *Journal of Pragmatics*, 33(11), 1707-1730.
- Erickson, F. (2004). *Talk and social theory: Ecologies of speaking and listening in everyday life*. Cambridge UK: Polity Press.
- Garcez, P. M. (1991). *Conflicting conversational styles in a cross-cultural business negotiation*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Letras: Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Garcez, P. M. (1992). Point-making styles in a cross-cultural business negotiation: Different conventions for oral text organization. *Ilha do Desterro*, 27, 115-130.
- Garcez, P. M. (1993). Point-making styles in cross-cultural business negotiation: A microethnographic study. *English for Specific Purposes*, 12(2), 103-120.
- Garcez, P. M. (1996). *Brazilian manufacturers and U.S. importers doing business: The co-construction of arguing sequences in negotiation*. Tese de doutorado. Filadélfia: Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Sociedade, Universidade da Pensilvânia.
- Garcez, P. M. (2001). Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In B. T. Ribeiro, C. C. Lima & M. T. Lopes Dantas (Orgs.). *Narrativa, identidade e clínica* (pp. 189-213). Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA (Instituto de Psiquiatria, UFRJ).
- Garcez, P. M. (2002). Formas institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar. *paLavra* (PUC-Rio), 8, 54-73.

- Garcez, P. M. (2004). Arguing sequences in cross-cultural business negotiation talk. In Carlos A. M. Gouveia, C. Silvestre, & L. Azuaga (Orgs.), *Discourse, communication and the enterprise: Linguistic perspectives* (pp. 137-146). Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa.
- Garcez, P. M. (2006). A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. *Calidoscópio* (Unisinos), 4(1), 66-80. (disponível em http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/Calid_v4n1/art07_garcez.pdf)
- Garcez, P. M. (no prelo). A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In L. L. Loder & N. Jung (Orgs.), *Fala-em-interação social: uma introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Garcez, P. M., & Loder, L. L. (2005). Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *DELTA*, 21(2), 279-312.
- Garcez, P. M., & Melo, P. S. (2007). Construindo o melhor momento para tomar o turno na fala-em-interação de sala de aula na escola pública cidadã de Porto Alegre. *Polifonia* (UFMT), 13, 1-21.
- Garcez, P. M., & Ostermann, A. C. (2002). Glossário conciso de Sociolinguística Interacional. In B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (Orgs.) *Sociolinguística Interacional* (2a edição, revista e ampliada, pp. 257-264). São Paulo: Loyola.
- Gumperz, J. J. (2002). Convenções de contextualização. In B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (Orgs.), *Sociolinguística Interacional* (2a. ed., pp. 149-182). São Paulo: Loyola. [(1982). Contextualization conventions. In J. J. Gumperz (Org.), *Discourse strategies* (pp. 130-152). Cambridge: Cambridge University Press.]
- Jung, N. M., & Garcez, P. M. (2007). Além do repertório lingüístico: aspectos simbólicos diversos na construção da identidade étnico-lingüística alemã na escola de comunidade rural multilíngüe. In M. Cavalcanti & S. M. Bortoni-Ricardo (Orgs.), *Transculturalidade, linguagem e educação* (pp. 97-122). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Loder, L. L., Gonzalez, P. C., & Garcez, P. M. (2002). Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro. *Veredas* (UFJF), 6(2), 117-122.
- Markee, N., & Kasper, G. (2004). Classroom talks: An introduction. *The Modern Language Journal*, 88(4), 491-500.
- Rampton, B. (2006). *Language in late modernity: Interaction in an urban school*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ribeiro, B. T., & Garcez, P. M. (Orgs.) (2002). *Sociolinguística Interacional* (2a edição, revista e ampliada). São Paulo: Loyola.
- Schlatter, M., Garcez, P. M., & Scaramucci, M. V. R. (2004). O papel da interação na pesquisa sobre aquisição e uso de língua estrangeira: implicações para o ensino e para a avaliação. *Letras de Hoje* (PUCRS), 39(3), 345-378.